J. Manuel Nazareth
Fernando de Sousa

Análise Social, vol. XVII (66), 1981-2.º, 315-373

Aspectos sociodemográficos de Salvaterra de Magos nos finais do século XVIII *

1. INTRODUÇÃO — O NASCIMENTO DE UM PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO

Há cerca de dois anos, por força dos contactos estabelecidos entre os núcleos de Demografia das Universidades Nova de Lisboa (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas) e de Évora, que estavam interessados em projectar regressivamente a nossa demografia e os historiadores que se interessam pela problemática demográfica, nasceu a ideia de se proceder a um estudo aprofundado das características demográficas do século XIX.

Pensávamos nessa altura que o melhor caminho para tirarmos a demografia histórica do marasmo e do amadorismo em que tem vivido seria o de formar uma equipa pluridisciplinar que actuasse por épocas. Começaríamos, assim, pelo século XIX, inventariando todos os trabalhos publicados, as fontes disponíveis, as suas características, para, em seguida, se proceder à sua análise, em ordem a publicarmos um livro que nos desse uma visão global e aprofundada deste século. Estabelecemos contactos com vários investigadores que, embora não se interessando directamente pelos aspectos demográficos, deles se servem para estudar outros aspectos, nomeadamente os económicos e políticos. O entusiasmo foi grande. Incentivados por aquilo a que podemos chamar «uma onda de simpatia» para com o nosso projecto, expusemos os nossos planos à Fundação Gulbenkian — nomeadamente ao Prof. Joel Serrão —, que desde o primeiro momento nos prometeu todo o apoio.

Porém, em 1980, Peter Laslett manifestou o seu desejo de vir a Portugal a convite do Instituto Gulbenkian de Ciência. Fomos contactados para ir a Cambridge preparar a sua visita a Portugal e nesse contacto inteirámo-nos dos projectos em curso no chamado «Grupo de Cambridge». Expusemos, por nosso lado, o que queríamos fazer e o entusiasmo que esta ideia gerou — dado praticamente nada se saber sobre Portugal — foi

* Este artigo, que teve a colaboração de Maria Luís Rocha Pinto, está inserido no Programa de Demografia Histórica, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

enorme, o que ainda nos deu mais ânimo para levar a nossa ideia até ao fim.

Mas não foi só ânimo que nós encontrámos em Cambridge. Foi sobretudo uma discussão aprofundada da metodologia a seguir e dos processos de superar as dificuldades que iríamos encontrar, o que foi para nós particularmente importante, dada a experiência que este grupo tinha no tipo de trabalho que era o nosso.

Abandonámos assim a perspectiva inicial de nos concentrarmos em períodos de tempo precisos e reelaborámos o nosso programa numa outra perspectiva:

1.ª fase

Inventariação dos registos paroquiais portugueses e das suas características;
Inventariação dos trabalhos publicados sobre a demografia portuguesa do Antigo Regime e sobre a demografia do século XIX;
Exploração sobre a existência e utilização de outras fontes.

2.ª fase

Por regiões, efectuar a reconstituição das características demográficas de Portugal nas épocas moderna e contemporânea.

Conforme se pode verificar, abandonámos a perspectiva do trabalho por séculos. A razão desta mutação na metodologia provém do facto de não serem os diversos séculos em análise que nos vão orientar a metodologia a seguir, mas sim o tipo de dados existentes. Assim, em primeiro lugar queremos saber, por comarcas, desde que datas dispomos de informações, se existem ou não lacunas até ao século XIX, quais os elementos de que se dispõe e qual a evolução da sua precisão. É o tipo de dados disponíveis que nos vai condicionar a metodologia a empregar, e não as épocas.

Neste momento já temos recolhida a informação respeitante ao Norte de Portugal e vimos descendo progressivamente de norte para sul, esperando-se que no fim do ano de 1981 todo o trabalho de inventariação esteja terminado. Só nessa altura poderemos saber as possibilidades que os dados portugueses nos oferecem.

Porém, não excluímos a hipótese de, no caso de encontrarmos, ao longo desta penosa fase, documentos que possam ser trabalhados isoladamente, os analisar imediatamente e divulgar os resultados obtidos. E foi assim que, numa das inúmeras investigações realizadas, se nos depararam três listagens inéditas de finais do século XVIII (Salvaterra de Magos, Coruche e Samora Correia), com uma riquíssima informação que nos proporciona conhecimentos que não temos sobre a demografia portuguesa em fins do Antigo Regime [1].

O trabalho que se apresenta neste artigo é justamente a exploração do primeiro desses documentos. Ainda este ano esperamos publicar mais

[1] Estas fontes encontram-se no Arquivo Histórico do Ministério das Finanças (ver Fernando de Sousa, *A População Portuguesa nos Inícios do Século XIX*, Porto, 1979 (policopiado).

dois artigos com os resultados obtidos na exploração das outras duas e é nossa ideia ainda fazermos uma síntese comparativa das três investigações, em ordem a podermos identificar as principais constantes e divergências encontradas.

Por agora limitamo-nos a apresentar os resultados obtidos com Salvaterra de Magos, em 1788. Começámos por explicitar, em traços gerais, quais são as características demográficas do Antigo Regime; em seguida elaborámos uma caracterização demográfica desta vila, utilizando apenas os dados constantes no documento; finalmente, tentámos analisar algumas das suas características sociodemográficas (dimensão dos fogos, estruturas familiares e profissionais, etc.).

2. CARACTERÍSTICAS GERAIS DA DEMOGRAFIA DO ANTIGO REGIME

Em termos globais, o traço fundamental consiste no crescimento moderado da população. Vários fluxos de peste, crises das subsistências e guerras produziram por vezes recuos consideráveis no volume populacional, mas, passados estes períodos, rapidamente a população repunha os efectivos perdidos, voltando de novo a crescer a um ritmo moderado, ou até mesmo estabilizando o seu crescimento. Assim aconteceu em particular no século XVIII, em que várias crises fustigaram as populações europeias, seguidas da recuperação dos efectivos perdidos, mas não seguidas de expansão demográfica, crises que, no seu conjunto, dão a ideia de um século em que o crescimento estagna ou até decresce. Tudo se passa como se a mortalidade fosse o mecanismo regulador das sociedades no Antigo Regime: logo que a população ultrapassa um determinado limite, o nível médio de vida diminui, aparece a subalimentação e a degradação das relações sociais ocasiona a miséria e a violência. As portas ficam assim abertas às fomes, epidemias e guerras, que cedo ou tarde se encarregam de repor a população sensivelmente ao nível anterior. Estamos inevitavelmente perante uma óptica malthusiana de encarar o problema, ou seja, o eterno desfazamento entre a progressão aritmética dos meios de subsistência e a progressão geométrica da população.

Vários especialistas desta época não conseguiram escapar a esta perspectiva, apesar de os seus trabalhos serem hoje considerados marcos fundamentais na compreensão da demografia do Antigo Regime. Le Roy Ladurie [2] afirma, ao verificar que a população do Languedoc baixa: «[...] a grande culpada é a morte; já não se está no tempo em que uma população ainda pouco numerosa possa aumentar os seus meios de subsistência e crescer rapidamente; o aumento progressivo da população vai saturando pouco a pouco os territórios, os meios de subsistência e o emprego; o progresso demográfico vira-se contra si próprio e devora as suas próprias crianças.»

Também P. Goubert [3], apesar de na sua tese admitir a existência de uma ligação entre fomes e epidemias, continua a considerar (bem como os seus discípulos) que as crises de subsistência são o traço permanente

---

[2] E. Le Roy Ladurie, *Les Paysans de Languedoc*, Paris, SEVPEN, 1966.

[3] Pierre Goubert, *Beauvais et les Beauvaisis de 1600 à 1730, contribution à l'histoire sociale de la France du XVII^e siècle*, Paris, SEVPEN, 1960.

da história do século XVII e, como tal, são os acontecimentos mais importantes da demografia do Antigo Regime.

Trata-se essencialmente de uma visão mecanicista das sociedades humanas, em que o elemento regulador da população seria a mortalidade. Mas esta perspectiva não resistiu à vaga de investigações sobre o sistema demográfico do Antigo Regime que caracteriza os dias de hoje! Esta teoria é incompatível, por exemplo, com o fenómeno do crescimento da população francesa no século XVIII. Como é que 18 milhões de súbditos do rei Luís XIV mal alimentados aumentaram num século para 27 milhões vivendo numa relativa abundância e reagindo vigorosamente à oscilação dos preços? A hipótese de aumento maciço de meios de subsistência foi desmentida por vários autores ao negarem a existência de uma revolução agrícola. Resta-nos a hipótese dos pequenos progressos — melhorias das condições de armazenagem, de comércio, a introdução da cultura da batata, etc. —, mas são argumentos pouco convincentes, porque este fenómeno é geral e até mesmo internacional.

Aliás, se a mortalidade desempenhasse um papel de regulador na França de Luís XIV, as crises deveriam atingir de preferência as regiões densamente povoadas. Ora as investigações têm-nos demonstrado exactamente o contrário. Assim, por exemplo, nas terras pobres de Bocage normando, os 1383 fogos por 100 km² em 1633 passam para 1510 em 1713, ao passo que, nas terras ricas de Beauce, entre 1665 e 1713, as densidades passam de 718 para 682.

As crises de subsistência não parecem estar, portanto, aptas a desempenhar o papel de mecanismo regulador no caso de haver «sobrepopulação». Tal mecanismo suporia a existência de uma periodicidade cíclica, o que não aconteceu. As crises de subsistência em França causadas por um acidente meteorológico em 1693 ou em 1709 são de periodicidade aleatória. Mais ainda, se essas crises fossem realmente o processo brutal de adaptação do nível da população aos recursos, só actuariam no fim de um período de crescimento... ora as crises mais terríveis da França (1650, 1661 e 1693), actuaram sobre uma população cujo ritmo de crescimento vinha a diminuir.

Porém, a surpresa reside no facto de se ter verificado que, depois de uma crise, as populações têm uma capacidade de recuperação maravilhosa. Eis o exemplo de uma crise de mortalidade observada no período de 1693-94 numa vasta região da bacia parisiense[4]:

- O número anual de sepulturas de adultos e adolescentes era no período de 1681-90 de 971, atingindo 1220 em 1691, 1256 em 1692, 1530 em 1693, 2501 em 1694 e 1165 em 1695; nos cinco anos seguintes baixa para 767; existe assim um défice de 1800 pessoas;
- O número de baptismos no período de 1681-90 era, em média, de 1643, baixando para 1108 em 1694; no período de 1691-95, em média, os baptismos são apenas 1528; existe assim um défice global de 575 nascimentos, a que se juntam as 1800 pessoas.

---

[4] Jacques Dupâquier: «De l'animal à l'homme: le mécanisme autorégulateur des populations traditionelles», in *Revue de L'Institut de Sociologie de L'Université Libre de Bruxelles*, Bruxelas, 1972; *La population rurale du bassin parisien à l'époque de Louis XIV*, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 1979.

Ora, perante uma crise destas, onde muitas jovens mulheres desapareceram, as possibilidades de recuperação pareciam limitadas. Mas, no quinquénio de 1696-1700, os baptismos passam para 1819; para 1962 no quinquénio seguinte; para 1920 de 1706 a 1708. No total, e em relação ao nível dos anos anteriores à crise, o ganho é de 3306 baptismos, compensando-se assim largamente as perdas observadas.

A amplidão e a duração deste *baby-boom* indicam-nos que não se trata de uma simples recuperação e nenhuma das monografias feitas identificou a existência de um aumento da fecundidade. Onde encontrar então a explicação se não é a mortalidade nem a natalidade e se os movimentos migratórios são um fenómeno de natureza diferente? Só nos resta a nupcialidade.

Voltemos ao nosso exemplo. Durante o período de 1681-90 registaram-se, em média, 382 casamentos. Este número passa para 357 em 1691, para 376 em 1692, para 314 em 1693 e para 303 em 1694; o défice global para estes quatro anos é de 178. Mas em 1695 passa-se para 590 e em 1696 para 499... ou seja, nos doze anos que se seguem à crise temos 5202 casamentos em vez de 4552 dos doze anos que a precedem. Assim, apesar do desaparecimento de uma parte importante de pessoas em idade de casar, esta crise tem um efeito positivo sobre a nupcialidade: em vez de enfraquecer o dinamismo da população, até o estimula, na medida em que se rejuvenesce a estrutura.

Alguns autores precisam, no entanto, que estes casamentos não têm todos o mesmo significado: a crise, ao separar muitos casais, vai multiplicar o número de viúvos e viúvas e proporcionar a existência de vários segundos casamentos. É um factor que não é de desprezar, visto que, do ponto de vista da dinâmica demográfica, uma viúva que se casa apenas renova, em geral, a sua vida conjugal; pelo contrário, uma rapariga nova, quando casa com um celibatário ou um viúvo, tem à sua frente toda a sua fecundidade.

Mas, neste caso como em tantos outros, a proporção de viúvas que se casaram apenas passou de 12 % para 13 %. É uma progressão normal que não afecta em nada as nossas conclusões.

Portanto, para se compreender o rejuvenescimento das estruturas, ou seja, esta recuperação em nascimentos depois de uma crise, torna-se necessário analisar o significado demográfico e social do casamento no Antigo Regime. Dupâquier considera que existem três regras fundamentais sobre as quais assenta todo o sistema demográfico:

Não existem relações fora do casamento;
Não existe coabitação de casais;
Não existe casamento sem casa.

A primeira destas regras preocupou os investigadores durante algum tempo, pois de que serviria a «descoberta do casamento tardio» se ele fosse acompanhado de um aumento de ilegitimidade? Mas, com os resultados obtidos pelas primeiras investigações, rapidamente se chegou à conclusão de que a ilegitimidade era realmente muito baixa, o que traduz bem a regra de existirem muito poucas relações sexuais fora do casamento. Justamente porque essas relações são pouco comuns é que elas fazem escândalo.

Mas, pelo facto de se afirmar que a ilegitimidade era praticamente inexistente, ou, melhor, pouco significativa, tal não quer dizer que o fenómeno em si fosse homogéneo:

As cidades têm, em geral, maior ilegitimidade que os campos;
No campo, a ilegitimidade varia com o rigor do controlo social;
Existe uma diferença fundamental entre a Europa católica e a protestante — na realidade, nesta última é admitido um casamento a duas etapas, ou seja, existe um noivado com relações sexuais que se transforma em casamento (fundação de um novo lar) quando ocorre o primeiro nascimento.

Esta situação fez que a ilegitimidade, em termos globais, durante os séculos XVII e XVIII oscilasse entre os 40 ‰ e os 50 ‰. Só quando os mecanismos de controlo social começam a suavizar-se encontramos valores que ultrapassam os 100 ‰.

De qualquer forma, pelo facto de a ilegitimidade ser pouco expressiva, não se pode deduzir apressadamente que eram inexistentes as relações sexuais fora do casamento. O fenómeno da ilegitimidade é muito complexo... vai desde o mundo da prostituição ao mundo obscuro das relações entre senhores e servas. Através da reconstituição das famílias, E. Shorter [5] analisa os intervalos protogenésicos (distância entre o casamento e o primeiro nascimento) e chega à conclusão de que em muitas regiões inglesas as raparigas casavam grávidas. Será isto uma forma de ilegitimidade? P. Chaunu [6] pensa que não, na medida em que este fenómeno não é mais do que o casamento por duas etapas, de que falámos anteriormente. Os noivos têm relações sexuais na casa dos pais e o casamento corresponde apenas à formação de um lar quando a jovem mulher provou, através da sua gravidez, a sua aptidão para o casamento. É portanto uma falsa excepção à regra, que em nada afecta o que se disse anteriormente. Apenas se demonstra a existência de regras complexas que presidem à formação de um casal, mas que não põem em causa a solidez e a unidade do casal monogâmico no «mundo cheio» da cristandade.

As segunda e terceira regras implicam que o casamento só é possível quando o casal é capaz de assegurar a sua independência económica, o que traduz perfeitamente a ideia de «fundar um lar». Esta situação reduz os jovens, enquanto os pais estão vivos, a permanecerem numa posição subalterna, ou seja, a ocuparem o seu tempo como empregados no campo ou na cidade, a fim de juntarem um pecúlio que lhes permita estabelecer-se por conta própria. Mais do que casamento tardio, seria melhor falar em celibato forçado e temporário: os jovens eram privados do direito de ter relações sexuais enquanto não tivessem um pecúlio suficiente para se estabelecer. Se os pais fossem dizimados por uma crise de mortalidade, a «herança» ficava imediatamente disponível e os jovens podiam casar-se. Não era necessário que nessas crises de mortalidade desaparecessem simultaneamente os dois pais, visto que a herança não consistia em capitais reprodutores de rendimento, mas numa terra dura de trabalhar ou num negócio a gerir.

---

[5] E. Shorter, *La naissance de la famille moderne*, Paris, Éd. du Seuil, 1977.
[6] Pierre Chaunu, *Un futur sans avenir — histoire et population*, Paris, Calmann-Levy, 1979.

Infeliz da mulher celibatária nesta sociedade rural, onde se sobrevivia apenas à custa de uma grande energia física e o conhecimento das técnicas passava de pai para filho!

Assim, não admira que, se a viúva fosse jovem e sem um grande número de filhos (ou sem filhos com idade de trabalhar), ela se casasse facilmente; caso tivesse um filho já em idade de trabalhar, continuava a exploração com a sua ajuda; pobre ou idosa, não lhe restava mais do que casar um dos seus filhos e renunciar à direcção da casa.

É pois a morte do pai que desencadeia todo este processo de dinamização da população: um casal com cerca de 50 anos, já infecundo, é substituído por um jovem casal que, noutras circunstâncias, teria de esperar mais uns anos; tal facto implica a existência de mais nascimentos e leva a população a juvenescer.

Eis como uma crise de mortalidade provoca um decréscimo na idade média do casamento e um aumento no número de nascimentos. Mas as coisas não são assim tão simples. Na realidade, em tempo normal constitui-se um «exército de reserva» de rapazes e raparigas já de idade avançada que estão à espera da primeira oportunidade. Portanto, logo que surge uma crise de mortalidade e alguns lugares ficam disponíveis, é este «exército de reserva» que avança em primeiro lugar. Só depois de os «veteranos» entrarem ao serviço é que se faz apelo aos jovens e se regista então um decréscimo na idade média do casamento.

Assim, as populações do Antigo Regime, submetidas às leis da moral cristã, dispunham de uma reserva considerável de reprodução e expansão demográfica. Os jovens celibatários constituíam um verdadeiro *stock* matrimonial, cuja função era a de permitir à sociedade manter mais ou menos constante o número de lares, ou seja, as unidades económicas de base. Se fosse necessário, estas populações baixavam a idade média do casamento para 15 ou 16 anos e, reduzindo a quase nada o celibato definitivo, podiam quase duplicar a sua fecundidade. Mas, em muitos casos, tal nem era necessário, pois bastava aumentar os quocientes de nupcialidade (pela entrada em exercício do «exército de reserva») e compensar assim os efeitos devastadores de uma crise sem revolucionar os costumes.

Mas como explicar que estas populações não usassem este mecanismo de crescimento para levar a expansão demográfica até ao limite dos meios de subsistência? Era o que teria acontecido efectivamente se a criação de novas explorações fosse livre ou a sua divisão fosse possível. Mas, nas estruturas económicas e sociais do Antigo Regime, o número de explorações não podia variar senão muito lentamente:

Uma grande parte das terras estavam nas mãos da nobreza e do clero, que as alugavam; a concentração assegurava aos proprietários rendimento, tranquilidade e segurança simultaneamente;

A grande maioria dos camponeses eram proprietários, mas normalmente de terras minúsculas constituídas por uma casa e um pequeno terreno difícil de dividir;

A construção de uma nova casa não estava ao alcance de um criado, por mais económico que fosse; de qualquer forma, mesmo que tal fosse possível, as terras disponíveis eram escassas.

Numa palavra, a estagnação do número de casas não era mais do que o reflexo da estagnação da vida económica e social. Se, numa família,

diversas crianças conseguissem chegar à idade adulta, era difícil, ou até mesmo impossível, estabelecerem-se todas. Se a família fosse pobre, partiam para a cidade para encontrar um emprego e tentar poupar algum dinheiro para se poderem estabelecer, o que nem sempre era possível. Se a família fosse mais abastada, o pai tentava estabelecer alguns, ou como comerciantes, ou como padres, ou em pequenos ofícios administrativos, mas, a longo prazo, o património tenderia a pulverizar-se caso as descendências continuassem a ser grandes.

Obviamente que este processo podia ser parcialmente compensado pela existência de situações inversas: descendência reduzida ou até a não existência de herdeiros, o que tornava possível a compra. De qualquer forma, a sociedade rural do Antigo Regime apresenta uma tendência a produzir, através do mecanismo auto-regulador, cinco consequências importantes: criadagem, celibato forçado, errância, mendicidade e emigração. Compreende-se assim como o número de fogos variava lentamente — é ao nível dos agregados familiares que funciona efectivamente este mecanismo auto-regulador e se articulam a economia, a sociedade e a demografia.

O povoamento é função não somente das aptidões naturais e das condições de subsistência, mas também das estruturas agrárias e das relações de produção, cuja origem se perde no tempo e cuja variação é muito lenta. Esta consciência de permanência exclui a noção de progresso do ponto de vista demográfico, e daí o pouco interesse na variação do número de fogos.

É certo que nesta sociedade «bloqueada» se podem por vezes observar variações, mas elas ocorrem em circunstâncias bem precisas:

No caso de haver uma catástrofe, a população podia reduzir-se a 30 %, 40 % ou 50 %; normalmente, o mecanismo auto-regulador funcionava e repunha a situação anterior, mas, em certos tipos de catástrofes, como é o caso das guerras, a passagem das tropas não afectava somente a população, mas a própria organização económica (consumo das reservas do camponês, incêndio das casas, aniquilação das explorações), o que tornava difícil, se não impossível, a recuperação;

Podia ocorrer a situação inversa quando, na sequência de mutações económicas, ocorria um desenvolvimento do artesanato e o número de fogos aumentava; menos dependentes das estruturas agrárias, os fogos dos artesãos podiam multiplicar-se mais rapidamente; nos agregados onde existiam corporações funcionando com regras rígidas era muito difícil a um jovem estabelecer-se sem uma longa aprendizagem (o que lhe retardava o casamento), mas, no campo, onde as profissões eram mais livres, a sua instalação era mais rápida e mais sumária; mais ainda, o empolamento dos efectivos populacionais e a correspondente constituição de uma reserva de mão-de-obra eram bastante vantajosos para as manufacturas.

Neste contexto, nos campos já meio industrializados, o problema das flutuações económicas e demográficas não se punha nos mesmos termos que num país agrícola «puro» — economia e demografia articulavam-se a um nível diferente.

É na sequência do aparecimento deste tipo de fenómenos que se regista em quase toda a Europa ocidental, no século XIX, a destruição do

mecanismo auto-regulador que tinha funcionado durante séculos: a industrialização é estimulada pelo afluxo de mão-de-obra excedentária oriunda dos campos. Simultaneamente, esta industrialização oferece aos jovens a possibilidade de se estabelecerem sem dote, sem poupança, sem casa e sem exploração.

Como começou todo este processo?

A maior parte dos historiadores dão prioridade à revolução económica, mas esta maneira de ver tem sido muito contestada nos últimos anos. Por um lado, o crescimento da população na segunda metade do século XVIII é um fenómeno europeu, e até mesmo mundial, que ultrapassa o quadro das regiões industrializadas, que não pode ser explicado por uma revolução agrícola; por outro lado, parece ser incontestável a existência de progressos lentos, mas significativos, na luta contra a morte (desde meados do século XVII ao fim do século XVIII houve um ganho de dois anos na esperança de vida, a mortalidade infantil diminuiu devido a progressos na obstetrícia, em que se começa a poupar a mãe e a criança pelo uso de fórcipes, a mortalidade neonatal, se continua a ser incompreensível no 1.º mês, regride bastante nos outros 11 meses, recua a mortalidade estival das crianças devido a uma maior higiene fazer diminuir as disenterias estivais, etc.). A tudo isto temos de juntar, obviamente, as grandes vitórias obtidas contra a peste, fruto da observação e da experiência...

Também nos podemos interrogar porque é que o mecanismo regulador, que funcionou maravilhosamente na recuperação dos efectivos perdidos, não funcionou em sentido inverso, ou seja, porque não foi ele capaz de limitar o crescimento nos finais do século XVIII, depois de ter servido como acelerador nas crises dos séculos XVI, XVII e primeira parte do XVIII. É que este sistema era fundado na constância do número de fogos (adultos, casados ou viúvos), e não sobre a população total. As crises de mortalidade, ao estimularem o crescimento, levam a substituir os casais velhos por jovens em plena fecundidade. A estrutura demográfica dos fogos deixa de ser a mesma... a fecundidade aumenta e a crise acaba por se transformar num autêntico *baby-boom* prolongado. A longo prazo, este *baby-boom*, num espaço de vinte anos, toma dimensões gigantescas com a entrada no mercado matrimonial de efectivos cada vez mais numerosos. Se uma crise de mortalidade não vem atenuar estes efeitos, o sistema auto-regulador não pode funcionar como travão porque apenas está concebido como acelerador. Com a inércia própria dos fenómenos demográficos será preciso esperar cem anos para que uma população reencontre um novo processo de equilíbrio.

Nestas condições, podemos esquematizar o arranque demográfico da Europa ocidental da seguinte forma:

1.ª etapa (1650-1750): as populações submetidas a crises periódicas de mortalidade põem a funcionar em pleno o seu mecanismo auto-regulador; este mecanismo, ao fazer aumentar de intensidade a nupcialidade, proporciona a existência de estruturas de idades muito jovens.

2.ª etapa (2.ª metade do século XVIII): sendo os acidentes menos frequentes e associados a um certo progresso técnico da medicina, a mortalidade diminui e a população aumenta; mas o mecanismo regulador, que tinha funcionado bem numa direcção, revela-se

ineficaz na direcção inversa; mais ainda, este mecanismo pesa de uma forma desagradável nos destinos individuais — os quocientes de nupcialidade diminuem, a idade média do casamento aumenta, os jovens têm cada vez mais dificuldades em estabelecer-se; a indústria nascente passa a dispor de uma reserva de mão-de-obra abundante e a baixo preço; as tensões sociais aumentam e aparecem conflitos de gerações.

3.ª etapa (1.ª metade do século XIX): a industrialização, ao permitir fazer baixar a idade no casamento, relança o crescimento demográfico; desenvolvem-se sistemas de controlo de nascimentos e de emigração para o outro lado do Altântico.

4.ª etapa (2.ª metade do século XIX): o recuo da mortalidade, associado a um grande progresso da medicina e das condições de higiene e saúde, acaba de vez com o mecanismo auto-regulador; com o aumento da duração de vida dos pais, as jovens gerações camponesas perdem a esperança de se estabelecer com uma idade razoável; não lhes resta mais do que escolher entre o celibato definitivo ou o êxodo mais ou menos longínquo (como operários, como funcionários, como militares ou como colonos).

Assim, como afirma Dupâquier, o sistema auto-regulador do Antigo Regime demográfico preparou os caminhos do crescimento e, simultaneamente, da destruição parcial do meio social que o fez nascer. Tal aconteceu porque as suas capacidades de travagem eram inferiores às de aceleração. A sociedade, na sequência de diversas reacções a crises de mortalidade, tinha fabricado uma estrutura apta a reagir a essas crises. Quando as crises começaram a ser mais espaçadas e menor a sua intensidade, foi o problema inverso que se começou a manifestar. As sociedades, porém, não tinham experiência deste novo problema. A inércia própria dos fenómenos demográficos, conjugada com a inércia própria das mentalidades, tornaram inevitável a destruição de um sistema notável que permitiu à civilização ocidental sobreviver sem recorrer à poligamia nem a meios bárbaros ou degradantes para a pessoa humana, tais como a escravatura e o infanticídio.

3. ANÁLISE DEMOGRÁFICA DA VILA DE SALVATERRA DE MAGOS EM 1788

3.1 OS EFECTIVOS GLOBAIS

A fonte já indicada fornece-nos, conforme se pode verificar mediante a consulta do anexo deste trabalho, a lista nominal da população da vila de Salvaterra de Magos em 1788, acompanhada de informações respeitantes à sua estrutura demográfica, a que se segue um resumo da informação apresentada. Como é natural, por erro de contagem, existem divergências entre os números apresentados nesse resumo e os efectivos demográficos reais que constam das referidas listas.

Essas diferenças são, no entanto, praticamente desprezáveis, conforme se pode verificar na comparação apresentada no quadro n.º 1: o número de fogos, de cabeças-de-casal, de casados, de viúvos e de solteiros coincide e a maior diferença encontrada é de duas pessoas, o que equivale a

Efectivos globais da população em Salvaterra de Magos (1788)

[QUADRO N.º 1]

Tipo de informação	Resumo do documento	Resumo do nosso apuramento	Diferenças
Número de fogos	515	515	—
Número de cabeças-de-casal ...	515	515	—
Casados	347	347	—
Viúvos	31	31	—
Viúvas	82	83	+ 1
Solteiros (mais clérigos e frades)	43	43	—
Solteiras	12	10	− 2
Filhos	480	479	− 1
Filhas	413	412	− 1
Pessoas de casa (H)	134	132	− 2
Pessoas de casa (M)	124	126	+ 2
Criados	64	65	+ 1
Criadas	66	64	− 2
Total de pessoas (HM)	2143	2139	− 4
Total de homens	1100	1097	− 3
Total de mulheres	1043	1042	− 1

encontrarmos no fim 4 pessoas a menos em relação ao total (3 homens e 1 mulher).

Antes de procedermos a uma análise mais pormenorizada destes efectivos, achámos que seria interessante proceder a uma comparação quer com os dados referidos no Cadastro da População do Reino em 1527, quer com os recenseamentos de 1864 e 1878. Segundo a primeira destas fontes, havia nesta vila, na referida data, cerca de 150 moradores, os quais, multiplicados pelo coeficiente 4, nos dão uma população de 600 habitantes.

Em 1864 existiam 677 fogos com 2329 habitantes de ambos os sexos na população de facto e 2463 na população de direito; em 1878, o número de fogos aumenta para 696 e a população de facto passa para 2537 e a de direito para 2557.

Com base nesta informação, podemos facilmente calcular as taxas de crescimento anual médio em ordem a apreciarmos o ritmo de evolução da sua população e dos fogos: entre 1527 e 1788, o ritmo de crescimento foi de 0,49 % e o tempo de duplicação é cerca de 68 anos; entre 1788 e 1864, o ritmo de crescimento passa a 0,11 %, o que corresponde a um tempo de duplicação de 619 anos; entre 1864 e 1878, o ritmo de crescimento volta a subir para 0,61 %, o que corresponde a um tempo de duplicação de 113 anos.

Da simples análise destes ritmos de evolução ressalta imediatamente que o crescimento deste agregado populacional se processou a um ritmo lento, ritmo esse que é mais lento durante o século XIX que durante os séculos XVI a XVIII, o que nos deixa, desde já, antever uma situação em que o modelo demográfico do Antigo Regime, ou *new pattern*, teria subsistido durante o século XIX, salvo se houver movimentos migratórios de grande importância, o que só uma compatibilização com os dados dos registos paroquiais nos poderá esclarecer.

De qualquer forma, se admitirmos que esses movimentos não são significativos, o interesse pela análise destas estruturas redobra, visto que talvez se não devam situar em fins do Antigo Regime, mas em plena maturidade do sistema demográfico único, que teria começado a instalar-se na Europa ocidental no início da época moderna. Como reforço desta ideia, reparemos na lentidão do crescimento do número de fogos: 515 em 1788 e apenas 677 em 1864.

No que diz respeito à repartição destes efectivos globais pelo estado civil, depararam-se-nos algumas dificuldades. Em primeiro lugar, os solteiros aparecem-nos divididos por dois tipos de colunas — os que são cabeças-de-casal, ou donos de casa, e os que são filhos; obtivemos, como é óbvio, um primeiro apuramento dos solteiros somando as duas informações.

Em segundo lugar, no documento não se faz referência ao estado civil daqueles que se encontram na situação de «pessoas de casa» e de «criados». Se tivéssemos à nossa disposição outras fontes semelhantes que nos esclarecessem sobre a situação matrimonial deste tipo de pessoas, o nosso trabalho estaria facilitado, pois encontraríamos facilmente meios de correcção. Outra solução seria a de irmos ao recenseamento de 1864 buscar informação que nos permitisse corrigir os nossos dados, mas, em quase um século de distância que medeia entre estes dois tipos de documentos, podem ter ocorrido mutações particularmente significativas. Neste contexto optámos pela única solução possível, ou seja, considerar estas duas categorias como solteiros e, numa perspectiva comparativa com os recenseamentos de 1864 e 1878, apreciar o grau de distorção introduzido. Os resultados obtidos, apresentados no quadro n.º 2, mostram que a hipótese por nós admitida é bastante realista. No sexo masculino, a percentagem de solteiros obtida para 1788 (65,6 %) é praticamente idêntica às obtidas nos recenseamentos de 1864 e 1878, o mesmo acontecendo às percentagens de casados (31,6 %) e de viúvos (2,8 %). No sexo feminino observam-se maiores diferenças: as mulheres solteiras em 1788 eram 58,7 %, ao passo que em 1864 são apenas 52,3 %, mas é interessante observar que, em 1878, esta proporção volta a aproximar-se do valor de 1788, visto apre-

Repartição dos efectivos globais, por estado civil, em 1788, 1864 e 1878

[QUADRO N.º 2]

	Solteiros		Casados		Viúvos		Total	
	Números absolutos	Percentagem	Números absolutos	Percentagem	Números absolutos	Percentagem	Números absolutos	Percentagem
Sexo masculino								
1788	719	65,6	347	31,6	31	2,8	1097	100,0
1864	716	64,0	351	31,3	53	4,7	1120	100,0
1878	818	64,0	416	32,5	45	3,5	1279	100,0
Sexo feminino								
1788	612	58,7	347	33,3	83	8,0	1042	100,0
1864	633	52,3	412	34,1	164	13,6	1209	100,0
1878	693	55,1	421	33,5	144	11,4	1258	100,0

sentar 55,1 %; a percentagem de mulheres casadas (33,3 %) tem um peso praticamente idêntico ao dos dois recenseamentos referidos; na percentagem de viúvos voltamos a encontrar algumas diferenças — o valor de 8 % em 1788 passa para 13,6 % em 1864 e, à semelhança do que tínhamos observado nas percentagens de mulheres solteiras, o valor obtido em 1878 aproxima-se do encontrado no nosso documento.

Que podemos concluir destes resultados? No sexo masculino tudo converge para que tanto as «pessoas de casa» como os «criados» sejam solteiros — logo, a nossa hipótese estará correcta. No sexo feminino levantam-se algumas dúvidas, ou, melhor, é possível que algumas das mulheres que nós contámos como solteiras sejam de facto viúvas. Todavia, estamos convencidos de que esse número é estatisticamente pouco significativo.

Finalmente, e para encerrarmos esta análise dos efectivos globais, resta-nos comparar os dois sexos. A importância dos casados é semelhante nos dois sexos, resultando as pequenas diferenças encontradas, apenas, do diferente peso dos efectivos totais; existe uma predominância dos solteiros do sexo masculino e as viúvas são praticamente o triplo dos viúvos, o que nos parece normal, dada a existência do fenómeno da sobremortalidade masculina, a que nos iremos referir, em particular, no ponto seguinte.

3.2 A QUALIDADE DOS DADOS

Antes de procedermos à caracterização demográfica da região que esta fonte nos possibilita, achámos útil apreciar a qualidade demográfica dos dados disponíveis, para melhor podermos interpretar os resultados. Servir-nos-emos para tal de dois índices globais de qualidade dos dados — o índice de Whipple e o índice combinado das Nações Unidas —, para em seguida analisarmos individualmente os diversos tipos de imprecisões existentes nos dados por sexos e idades. Para procedermos a esta última análise servir-nos-emos das relações de masculinidade (globais e por grupos de idades) e de índices que permitem especificar a amplitude das distorções existentes nos dois casos: idades e sexos.

O índice de Whipple procura medir a atracção pelos números terminados em 0 e 5 e o seu resultado, teoricamente, pode variar entre 100 (quando não existe nenhuma atracção por estes números) e 500 (quando todas as pessoas se declaram pertencentes a estas idades). As Nações Unidas propuseram, no entanto, uma tabela para as diversas situações intermédias: menos de 105 (dados muito exactos), 105 a 110 (dados relativamente exactos), 110 a 125 (dados aproximados), 125 a 175 (dados grosseiros) e mais de 175 (dados muito grosseiros).

No nosso caso concreto encontrámos os seguintes valores:

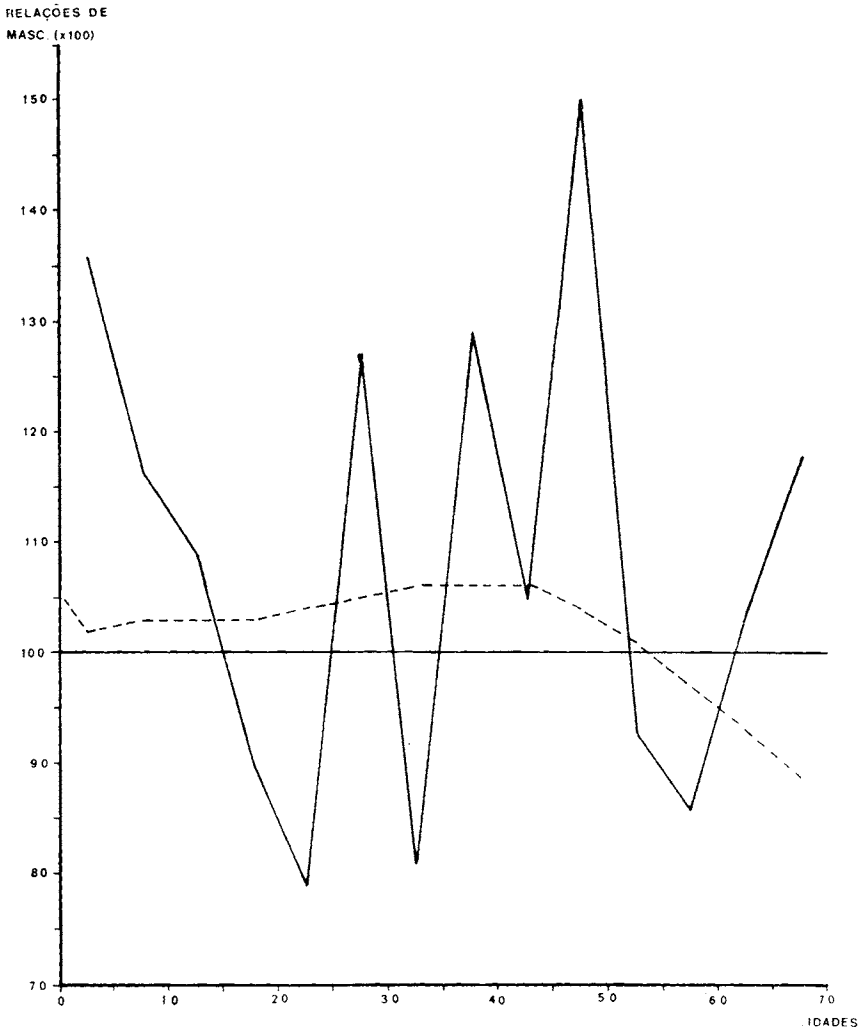
$$I_w \text{ (homens)} = 229$$
$$I_w \text{ (mulheres)} = 241$$

o que significa serem os dados muito grosseiros, ou seja, parece existir uma grande atracção pelas idades terminadas em 0 e 5. Saliente-se ainda o facto de essa atracção ser maior no sexo feminino do que no sexo masculino.

Quanto ao índice combinado das Nações Unidas, é um método que associa dois indicadores de regularidade das idades e um de regularidade

Relações de masculinidade por grupos de idades, (Salvaterra de Magos, 1788, população total)

[GRÁFICO I]



LEGENDA:

—— Salvaterra de Magos(*a*)
- - - - Curva-tipo ($e_o = 30$ anos)

(*a*) Segundo L. Henry, *Técnicas de Análise em Demografia Histórica*, pp. 27 e 28, Curitiba, Universidade Federal do Panamá, 1977.

dos sexos. O indicador de regularidade das idades é sintetizado pela média das diferenças absolutas entre as taxas de regularidade e 100; obtêm-se estas taxas dividindo cada grupo de idades pela média aritmética dos grupos que o enquadram. O indicador de regularidade dos sexos é sintetizado pelo desvio médio entre as relações de masculinidade dos grupos sucessivos. Com base nestes três indicadores, o índice constrói-se dando um coeficiente 3 ao indicador de regularidade dos sexos e o coeficiente 1 aos outros dois. No nosso caso concreto obtivemos o seguinte resultado:

$$ICNU = 29{,}1\ (3) + 39{,}3\ (1) + 60{,}3\ (1) = 186{,}9$$

Se aceitarmos a sugestão das Nações Unidas que considera ser a qualidade dos dados muito má a partir de 40, não é difícil concluirmos o que já tínhamos apurado anteriormente, ou seja, a má qualidade dos dados. Também podemos observar que o índice de regularidade das idades do sexo feminino (60,3), ao apresentar um valor bastante superior ao índice de regularidade das idades do sexo masculino (39,3), nos confirma a existência de maiores distorções nas idades das mulheres.

Mas, concretamente, em que idades é que se observam as maiores distorções?

Uma maneira de apreciarmos essas distorções consiste em calcular relações de masculinidade globais e por idades. Na realidade, combinando-se a relação de masculinidade dos nascimentos (à volta de 105) com a relação de masculinidade dos óbitos (entre 105 e 125) obtém-se uma relação global que anda com valores muito próximos de 100. Numa perspectiva de evolução por idades, no início, as relações de masculinidade andam à volta de 105. Nas populações do Antigo Regime, esta razão de masculinidade diminui rapidamente nos primeiros anos, em virtude da grande mortalidade de crianças do sexo masculino, recupera ligeiramente no período da procriação, em virtude da mortalidade feminina por ocasião do parto, e volta de novo a diminuir, como consequência de a mortalidade masculina ser mais intensa nas idades mais avançadas. No gráfico I, a curva-tipo calculada por L. Henry a partir de uma tábua-tipo das Nações Unidas, com uma esperança de vida de 30 anos, exprime perfeitamente essa evolução.

A interpretação dos dados pode, no entanto, ser dificultada por:

Variações aleatórias, que são tanto mais importantes quanto os efectivos são reduzidos;

Erros das idades declaradas, os quais são, em geral, maiores no sexo feminino, visto ser neste sexo maior a atracção pelas idades redondas; ocorre também os jovens do sexo masculino declararem uma idade falsa na esperança de escaparem às obrigações militares;

Migrações, que, em geral, são mais numerosas nos homens, podendo assim modificar a razão da masculinidade em certas idades ou em certas gerações.

Um afastamento considerável deste modelo só pode ser atribuído à má qualidade dos dados. No quadro n.º 3 apresentamos a repartição da população por sexo, idade e estado matrimonial e no quadro n.º 4 apresentamos as relações de masculinidade da população total por idades. A sua análise ajuda-nos a compreender a evolução da curva apresentada no gráfico I.

Repartição da população de Salvaterra de Magos (1788), por sexo, idade e estado matrimonial

[QUADRO N.º 3]

Idade	Casados		Solteiros		Viúvos		Filhos		Pessoas de casa		Criados		Total	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
0 e 1	—	—	—	—	—	—	51	37	9	4	—	—	60	41
2	—	—	—	—	—	—	26	14	7	5	—	—	33	19
3	—	—	—	—	—	—	20	17	—	2	—	—	20	19
4	—	—	—	—	—	—	12	9	2	5	—	—	14	14
5	—	—	—	—	—	—	27	11	1	3	—	—	28	14
6	—	—	—	—	—	—	21	20	3	3	—	—	24	23
7	—	—	—	—	—	—	22	23	1	4	—	—	23	27
8	—	—	—	—	—	—	25	23	3	3	—	—	28	26
9	—	—	—	—	—	—	20	16	1	1	2	1	23	18
10	—	—	—	—	—	—	21	19	2	1	2	4	25	24
11	—	—	—	—	—	—	17	13	1	2	—	3	18	18
12	—	—	—	—	—	—	28	27	1	4	3	2	32	33
13	—	—	—	—	—	—	16	13	3	2	1	1	20	16
14	—	—	—	—	—	—	23	14	2	1	2	6	27	21
15	—	—	—	—	—	—	15	13	5	2	2	3	22	18
16	—	—	—	—	—	—	14	29	6	1	3	3	23	33
17	—	2	—	—	—	—	10	11	4	—	2	1	16	14
18	—	2	—	—	—	—	14	16	5	3	7	6	26	27
19	—	5	—	—	—	—	10	13	2	—	1	—	13	18
20	1	17	3	—	—	—	13	22	7	2	6	9	30	50
21	—	5	—	—	—	—	5	4	2	5	—	—	7	14
22	3	6	—	1	—	—	10	8	7	1	3	—	23	16
23	3	4	—	1	—	—	6	5	1	—	—	1	10	11
24	5	13	2	—	—	—	8	9	2	3	6	2	23	27
25	5	10	1	—	—	—	2	2	5	3	1	—	14	15
26	14	10	—	1	—	—	7	1	3	3	1	—	25	15
27	2	3	1	—	—	—	3	1	2	—	3	1	11	5
28	3	11	2	—	—	—	6	2	6	3	2	—	19	16
29	—	2	—	—	—	3	1	—	1	3	—	—	2	5
30	17	37	5	1	1	1	13	7	5	3	4	2	45	53
31	4	5	—	—	—	1	1	—	—	1	1	—	6	7
32	8	9	—	—	—	—	1	3	3	2	—	—	12	15
33	8	9	1	—	—	—	—	2	2	—	1	1	12	12
34	6	12	2	—	—	—	—	—	—	3	2	2	10	17
35	7	11	2	—	—	1	2	1	2	1	—	—	13	13
36	22	13	1	—	—	1	3	1	—	1	—	—	26	16
37	3	3	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	4	4
38	8	10	—	—	1	—	1	—	2	1	—	1	12	12
39	7	3	—	—	—	10	—	—	—	—	—	—	7	3
40	51	39	6	2	4	—	2	3	2	3	1	2	66	59
41	3	5	—	—	—	2	—	—	1	—	—	1	4	6
42	11	7	1	—	1	—	—	—	—	1	—	1	13	11
43	5	5	—	—	—	2	—	—	—	—	1	1	6	6
44	5	6	2	1	1	3	—	1	—	—	—	—	8	10
45	9	6	2	—	—	6	1	—	—	1	—	—	12	10
46	24	1	1	—	—	1	—	1	1	1	—	—	26	9
47	—	3	—	1	—	2	—	—	—	1	—	—	—	6
48	16	9	1	—	—	—	2	—	1	2	—	—	20	13
49	4	4	—	—	1	15	—	—	—	—	—	—	5	4
50	30	18	3	1	4	—	—	1	5	6	4	2	46	43
51	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

Idade	Casados		Solteiros		Viúvos		Filhos		Pessoas de casa		Criados		Total	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
52	2	2	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	4	3
53	1	3	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	1	3
54	2	5	—	—	—	2	—	—	—	1	—	—	2	8
55	2	4	—	—	2	3	—	—	—	2	—	—	4	9
56	6	1	—	—	—	—	2	—	—	—	—	1	6	4
57	2	3	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	2	4
58	5	4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	5	4
59	2	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2	1
60	25	11	2	1	6	12	—	—	6	14	3	3	42	41
61	1	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	1
62	—	2	—	—	1	—	—	—	1	2	1	—	3	4
63	1	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	2	—
64	—	—	1	—	—	1	—	—	—	—	—	—	1	1
65	4	—	—	—	1	—	—	—	1	1	—	—	6	1
66	1	3	1	—	—	2	—	—	—	1	—	—	2	6
67	1	—	—	—	1	—	—	—	—	2	—	—	2	2
68	1	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	1	2	2
69	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—
70 e +	6	2	1	—	5	11	—	—	5	7	—	2	17	22
Total	347	347	43	10	31	83	479	412	132	126	65	64	1097	1042

Em traços gerais, podemos facilmente verificar que a relação global de masculinidade nos indica existirem 105 homens por cada 100 mulheres, ou seja, um valor ligeiramente superior ao nível teórico esperado. Este excedente global será devido a um sub-registo nas mulheres, à existência de factores que tenham levado ao seu esquecimento ou ainda a factores que fizeram aparecer mais homens do que os existentes normalmente numa população fechada (sem migrações)? Ora acontece que esta característica global não é observada igualmente em todos os grupos de idades... Bem pelo contrário, o que existe são numerosas flutuações, ora com predominância anormal do sexo masculino, ora com predominância anormal do sexo feminino, que, no seu conjunto, quase que se auto-anulam, dando a impressão global de um valor muito próximo de uma situação normal numa população fechada.

Nos primeiros três grupos de idades (0 a 15 anos) é mais que evidente a anormalidade da supremacia do sexo masculino em relação ao feminino. Por outro lado, logo nas primeiras duas idades [7] nota-se que existe uma

[7] Na fonte não existe nenhuma referência aos primeiros 12 meses de vida, apenas se declarando existirem crianças com 1 ano (60 meninos e 41 meninas). Atendendo a que com 2 anos apenas existem 33 meninos e 19 meninas, tudo leva a crer que na idade de 1 ano estão simultaneamente incluídos os que têm 0 anos completos e 1 ano completo. Ponderando os efectivos globais com a ajuda de uma tábua-tipo obtivemos a seguinte repartição:

Sexo masculino (33 com 0 anos e 27 com 1 ano);
Sexo feminino (22 com 0 anos e 19 com 1 ano).

subestimação global em ambos os sexos. É possível que esse sub-registo continue a verificar-se nas idades seguintes, mas é o maior desequilíbrio entre os sexos que ressalta nos cálculos por nós efectuados. Estes erros na precisão da idade podem em grande parte ser devidos à intervenção de «fenómenos parasitas» comuns em documentos semelhantes existentes noutros países: erros de transcrição, arredondamentos e esquecimentos.

Relações de masculinidade (× 100) por idades (Salvaterra de Magos, 1788, população total)

[QUADRO N.º 4]

Idades	Relações de masculinidade	Idades	Relações de masculinidade	Idades	Relações de masculinidade
0	150	24	85	48	154
1	142	25	93	49	125
2	174	26	167	50	107
3	105	27	220	51	100
4	100	28	119	52	133
5	200	29	40	53	33
6	104	30	85	54	25
7	85	31	86	55	44
8	108	32	80	56	150
9	128	33	100	57	50
10	104	34	59	58	125
11	100	35	100	59	200
12	97	36	163	60	102
13	125	37	100	61	100
14	129	38	100	62	75
15	122	39	233	63	—
16	70	40	112	64	100
17	114	41	67	65	600
18	96	42	118	66	33
19	72	43	100	67	100
20	60	44	80	68	100
21	50	45	120	69	—
22	144	46	289		
23	91	47	0		

Os erros de transcrição são muito frequentes nesta época, devido à má preparação e à má qualificação dos agentes recenseadores, embora talvez tenham sido, em nossa opinião, os menos prováveis ou os menos frequentes.

Quanto ao fenómeno do arredondamento ou da preferência por certos números, pensamos seriamente ser este o grande factor explicativo. Mais adiante debruçar-nos-emos sobre este problema, mas desde já podemos observar que existe uma indiscutível atracção pelos números terminados em 0 e pelos números pares, o que naturalmente provoca distorções consideráveis nos dados; nos números não preferidos encontramos, em geral, grandes buracos nos efectivos populacionais, buracos esses que são compensados na idade seguinte, mas, como a amplitude dessas diferenças não é igual nos dois sexos, ocorrem assim grandes variações nas relações de masculinidade. Dado que os efectivos em falta nas idades ímpares são compensados nas idades pares, como explicar as relações de masculinidade aberrantes encontradas quando trabalhamos com grupos de idades?

A razão só pode ser encontrada no esquecimento, predominante em crianças do sexo feminino. São várias as razões que podem explicar este fenómeno de sub-registo. A fragilidade das crianças de tenra idade era um convite directo ao esquecimento, ou, por outras palavras, os riscos que corriam devido à existência de uma elevada mortalidade nas primeiras idades podiam levar à sua omissão. Por outro lado, as omissões eram mais frequentes no sexo feminino em virtude da forma como, em princípio, eram encaradas as filhas numa sociedade patrilinear. Philippe Ariés [8] por várias vezes se refere à depreciação geral de que eram alvo as crianças do sexo feminino, mesmo nas famílias mais abastadas. Uma outra razão poderá ser o facto de serem as crianças colocadas em amas-de-leite, o que pode ter levado ao seu esquecimento.

À medida que começamos a sair das idades ligadas à primeira infância, a evolução das relações de masculinidade vai-se aproximando dos valores da curva-tipo, mas, em vez de estabilizarem — com mais ou menos flutuações, devido à existência de efectivos reduzidos —, assiste-se a um inverter de situações, ou seja, nos grupos 15-20 anos e 20-25 anos, as relações de masculinidade aparecem-nos bastante abaixo dos valores esperados. Se observarmos a evolução destas relações de masculinidade ano a ano e excluirmos os casos em que existe uma manifesta atracção por determinadas idades, facilmente verificamos que em quase todas as idades as raparigas são mais numerosas do que os rapazes. Seria preciso termos estudado em pormenor as características socieconómicas desta freguesia para encontrarmos factores explicativos mais sólidos, mas tudo aponta para a existência de uma pequena corrente emigratória para fora desta freguesia. Por outras palavras, tirando os casos em que a situação profissional e de rendimento dos pais permitia ou estarem a estudar, ou encontrarem trabalho, que mais restava senão encontrar trabalho algures? Repare-se, como reforço deste argumento, na diminuição proporcional do número de filhos, sobretudo no sexo masculino: até aos 15 anos, por cada 100 filhas existem 129 filhos, ao passo que, entre os 15 e os 25 anos, por cada 100 filhas existem apenas 81 filhos. A nupcialidade poderia ser um factor explicativo se não soubéssemos, como veremos mais adiante, que as raparigas se casam bastante mais cedo que os rapazes e que a idade média nos primeiros casos é de 24 anos e no segundo de 29.

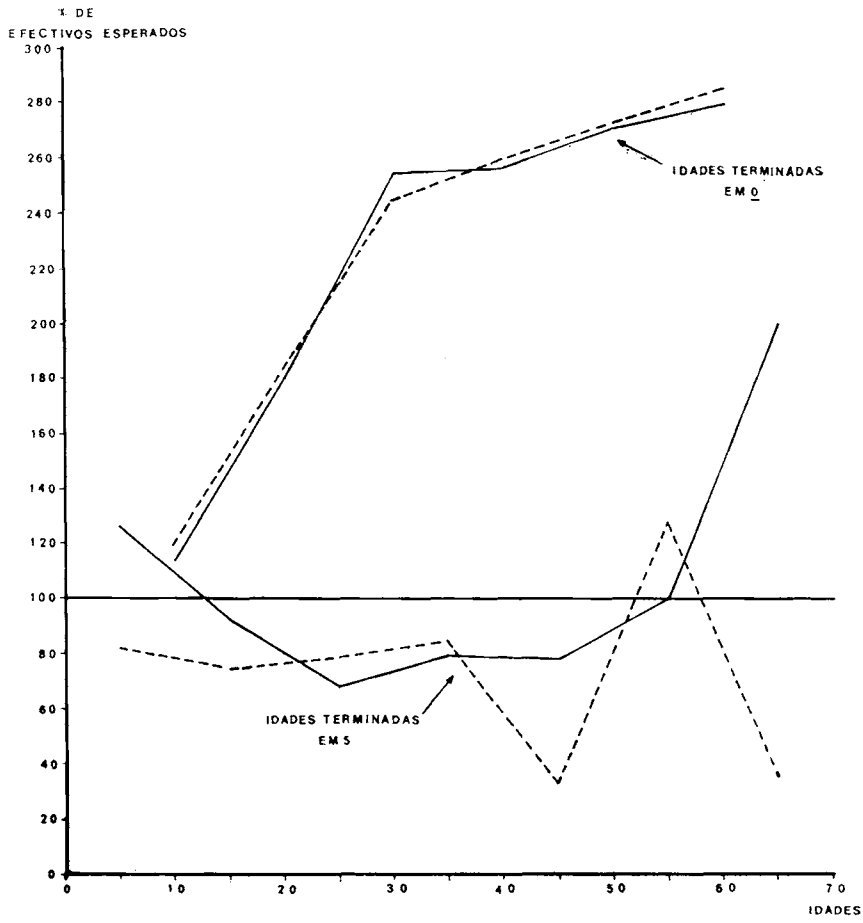
A partir dos 25 anos, a evolução das relações de masculinidade prossegue aos altos e baixos, segundo uma orientação precisa: é anormalmente elevada nos grupos 25-29 anos, 35-39 anos e 45-49 anos e anormalmente baixa nos grupos 30-34 anos, 40-44 anos e 50-54 anos; a partir deste último grupo tem uma evolução difícil de comentar, devido à existência de efectivos muito reduzidos e também a o fenómeno de atracção por certas idades ser tanto maior quanto mais idade se tem. A que se deverá esta evolução? Pensamos que, salvo a existência de pestes ou outros fenómenos exógenos ao sistema de equilíbrio natural, tal se deve à grande atracção existente pelo número 0 na declaração das idades. Por exemplo, de acordo com o documento, existem no sexo masculino 2 pessoas com 29 anos, 45 com 30 e 6 com 31 e no sexo feminino 5 com 29 anos, 53 com 30 e 7 com 31. São, portanto, valores impossíveis, que resultam

---

[8] Ph. Ariés, *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*, Paris, Éd du Seuil, 1973.

Atracção pelas idades terminadas em 0 e 5 (Salvaterra de Magos, 1788, população total)

[GRÁFICO II]

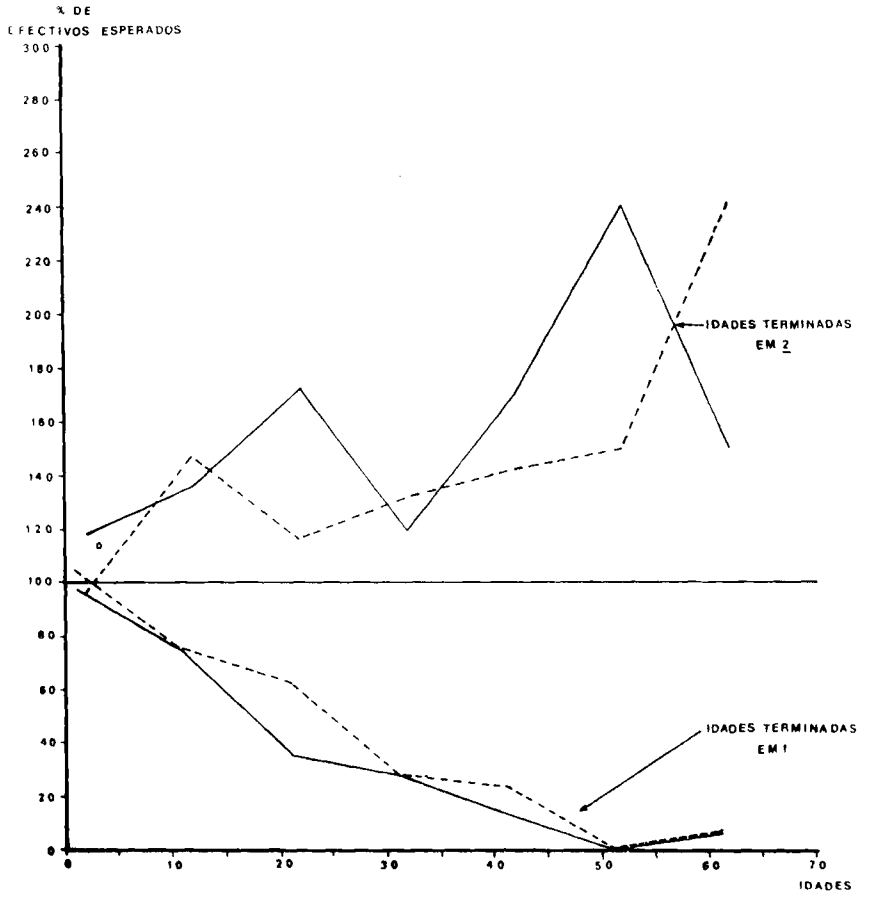


LEGENDA:

—— Sexo masculino
- - - - Sexo feminino

Atracção pelas idades terminadas em 1 e 2 (Salvaterra de Magos, 1788, população total)

[GRÁFICO III]



LEGENDA:

—— Sexo masculino
- - - - Sexo feminino

apenas da tendência em arredondar a idade para os 30 anos, mas esse arredondamento interfere em dois grupos de idades e varia com o sexo: as mulheres a menos no grupo 25-29 anos estão a mais no grupo 30-34 anos. O mesmo podemos demonstrar para os outros casos [9].

Em resumo, podemos afirmar que, se, nas primeiras idades, o factor de erro é fundamentalmente devido ao valor diferencial existente entre as crianças do sexo feminino e do sexo masculino, a partir dos 15 anos são as migrações (numa 1.ª fase) e o efeito da atracção pelos números terminados em 0 (numa 2.ª fase) os principais factores explicativos.

Mas, conforme dissemos anteriormente, não existe apenas uma atracção pelos números terminados em 0 (nomeadamente pelos 40, 50 e 60 anos). Existem também outras atracções que, apesar de serem de menor expressão, não deixam de ser importantes! Esta constatação levou-nos a calcular, idade por idade, a proporção que uma idade situada num grupo de 5 anos representa em relação à média efectiva desses 5 anos: podemos perfeitamente admitir que a idade central corresponde (pelo menos numa população estável) à média anual do número de pessoas incluídas no grupo de 5 anos. A relação entre o efectivo real e o efectivo teórico fornece um índice que, logo que se afasta excessivamente da unidade, demonstra a força do arredondamento.

As curvas dos gráficos II e III ilustram o sentido desses arredondamentos. Comecemos pelo gráfico II, onde apresentamos a atracção que os números 0 e 5 exercem tanto num sexo como noutro. Quanto ao 0, quanto mais avançada é a idade maiores são os excedentes em relação aos efectivos esperados. O número 5, no caso do sexo masculino, apenas tem uma ligeira atracção no primeiro grupo de idades e a partir dos 55 anos; no caso do sexo feminino, embora não se afastando muito do valor esperado, conhece algumas flutuações nos últimos grupos de idades, sem grande significado devido à pequenez dos efectivos. Em todo o caso, não deixa de ser interessante salientar que, no último grupo de idades observado, o 5 não tem nenhuma atracção no sexo feminino, constituindo, pelo contrário, uma forte atracção para o sexo masculino.

O gráfico III procura mostrar a atracção existente pelos números pares e ímpares. Para não tornar o gráfico demasiado pesado, apenas apresentamos a atracção pelos números 1 e 2, até porque tanto os outros números pares como ímpares apresentam evoluções idênticas. As idades terminadas em 1, à medida que avançamos na idade, têm tendência para o desaparecimento, quer num sexo quer noutro, sobretudo a partir dos 41 anos. Em proveito de que idades? Conforme podemos ver, em proveito das idades terminadas em 2, que em todas as idades têm efectivos superiores aos esperados. Demonstra-se assim que, para além de uma fortíssima

---

[9] A distribuição das idades à volta dos 40 anos é a seguinte:

Homens	39 anos = 7	Mulheres	39 anos = 3
	40 anos = 66		40 anos = 59
	41 anos = 4		41 anos = 6

e à volta dos 50 anos é a seguinte:

Homens	49 anos = 5	Mulheres	49 anos = 4
	50 anos = 46		50 anos = 43
	51 anos = 0		51 anos = 0

atracção pelos números terminados em 0, existe uma outra atracção pelos números pares, com o correspondente esvaziamento das idades terminadas por números ímpares.

3.3 AS ESTRUTURAS POR SEXOS E IDADES

Em face do exposto no ponto anterior, a análise das estruturas por sexos e idades tem de ser feita com bastante prudência.

Começámos por construir a pirâmide de idades, ano a ano, em efectivos absolutos, devido à dificuldade de em certas idades encontrarmos percentagens passíveis de representação gráfica (ver gráfico IV). Todas as características das estruturas apontadas anteriormente são agora mais do que nunca visíveis na sua real dimensão: o sub-registo do sexo feminino nas primeiras idades, a atracção pelos números pares, com o correspondente esvaziamento dos números ímpares, e a atracção marcada pelos números terminados em 0, sobretudo a partir dos 30 anos.

Para tentarmos corrigir estas desigualdades servimo-nos do método das médias móveis, calculadas por períodos de três anos [10], e obtivemos assim uma nova pirâmide de idades que é apresentada no gráfico V. Como impressão geral podemos afirmar que conseguimos atenuar um pouco as discrepâncias encontradas, sem, no entanto, as eliminar, visto existirem ainda bastantes pontas anormais. Um tal resultado leva-nos a concluir que, quando os dados são excessivamente deficientes, dificilmente se conseguem corrigir quando as representamos idade a idade. Em todo o caso, não achamos que tenha sido inútil esta nova representação, dado que se conseguiu obter uma pirâmide bastante mais regular e visualizar assim melhor a sua forma. Trata-se de uma pirâmide do tipo acento circunflexo, que corresponde a um regime natural ou de fecundidade não controlada típica de uma estrutura do Antigo Regime.

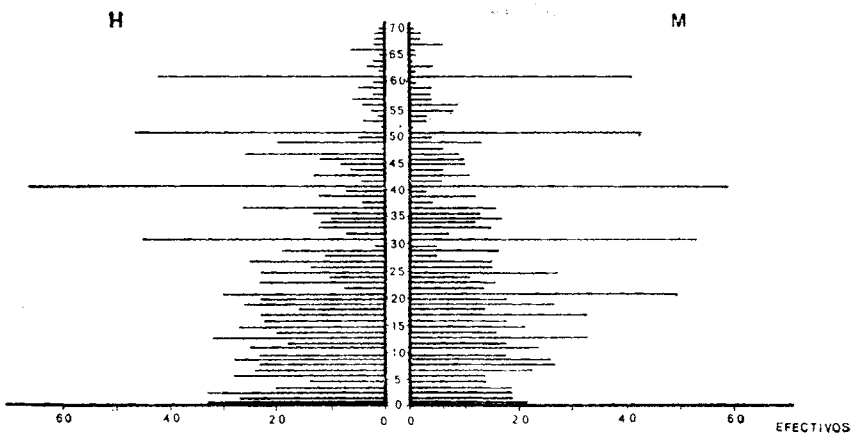
É evidente que, quando compactamos a informação por grupos quinquenais, muitas das flutuações são consideravelmente atenuadas, sobretudo no que diz respeito à atracção pelos números pares (excluindo o 0). Cada grupo de idades passa a reflectir um conjunto em que o esvaziamento dos números ímpares é compensado pelo empolamento dos números pares, mas o peso da atracção pelos números redondos — nomeadamente os terminados em 0 — é de tal forma importante que não se consegue, só com este tipo de representação, atenuar esse efeito. Se observarmos a pirâmide não corrigida do gráfico VI, rapidamente verificamos que assim é: os grupos de idades 25-29 anos, 35-39 anos, 45-49 anos e 55-59 anos encontram-se todos bastante recuados em relação às saliências exageradas dos grupos 30-34 anos, 40-44 anos, 50-54 anos e 60-64 anos. É certo que podemos argumentar que a excessiva atracção pelo 0 pode ser compensada num grupo de idades pela repulsão pelo 1, mas o problema é que uma atracção, por exemplo, pelos 40 anos é feita não só à custa dos que têm 41 anos, mas também dos que têm 39 anos, o que obviamente vai subavaliar a importância do grupo 35-39 anos e sobreavaliar a importância do grupo seguinte.

---

[10] $\hat{n}_x = \frac{{}^{n}x - 1 + {}^{n}x + {}^{n}x + 1}{3}$, onde $\hat{n}_x$ é o efectivo estimado na idade x e ${}^{n}x - 1$, ${}^{n}x$ e ${}^{n}x + 1$, respectivamente, os efectivos observados na idade anterior, na idade x e na idade seguinte.

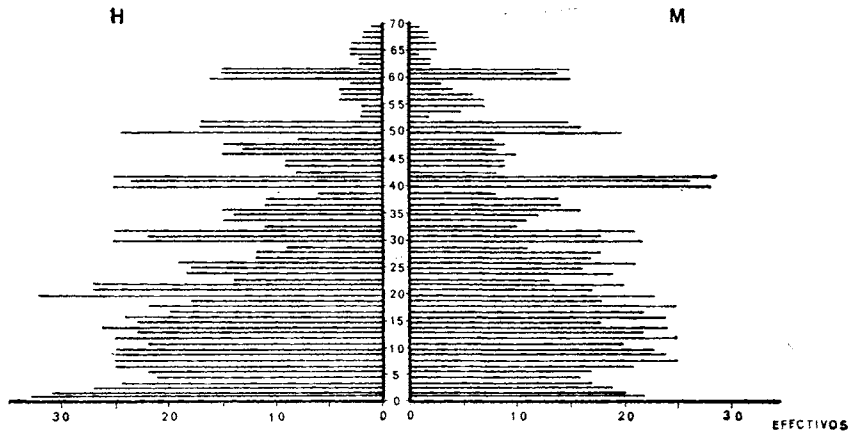
Pirâmide de idades de Salvaterra de Magos em 1788

[GRÁFICO IV]



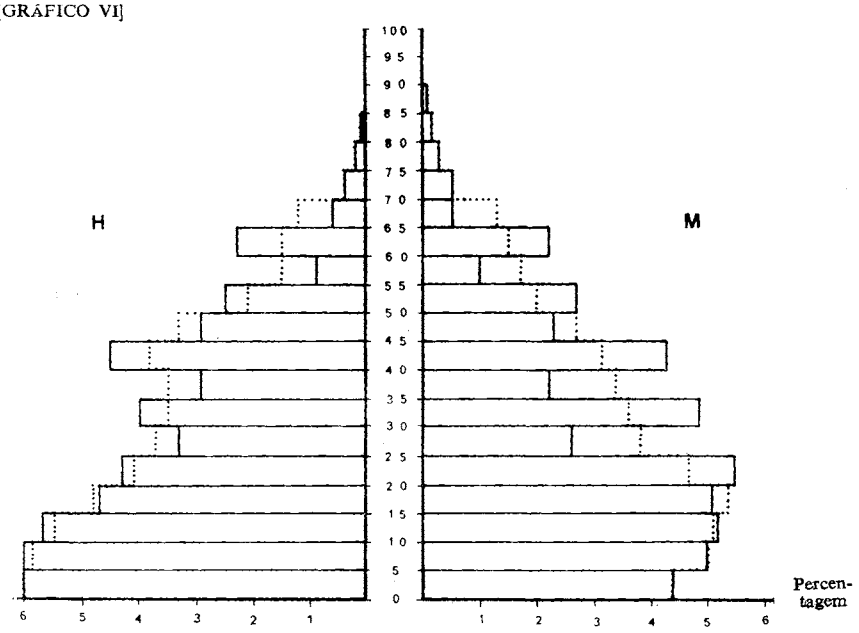
Pirâmide de idades de Salvaterra de Magos em 1788, corrigida pelo método das médias móveis

[GRÁFICO V]



Pirâmide de idades (grupos quinquenais) de Salvaterra de Magos em 1788 e sua correcção pelo método das médias móveis ponderadas das Nações Unidas

[GRÁFICO VI]



LEGENDA:

—— Efectivos apurados
..... Efectivos ajustados

Este fenómeno faz que a pirâmide de idades, por grupos quinquenais, tenha na forma uma sucessão de reentrâncias e saliências quer num sexo quer noutro [11]. Tal como fizemos para a pirâmide idade a idade, tentámos estimar os efectivos reais mediante um novo ajustamento, desta vez feito por grupos de idades. O emprego de ajustamentos mecânicos, feito através de médias móveis simples, tem-se revelado, na prática da investigação, bastante perigoso, visto em muitos casos se introduzirem erros ainda maiores do que aqueles que se pretendem corrigir. Neste contexto desenvolveram-se toda uma série de médias móveis ponderadas cujos coeficientes de ponderação variam bastante de caso para caso ou de autor para autor:

$$\hat{N}_x = a_{-k}\ N_{x-k} + a_{-k+1} + N_{x-k+1} + \ldots + a_0\ N_k + \ldots + a_{k-1}\ N_{x+k-1} + a_k\ N_{x+k}$$

com $\Sigma a_i = 1$.

No entanto, as Nações Unidas desenvolveram uma fórmula relativamente simples que tem, em geral, obtido melhores resultados que as

[11] Como nota informativa acrescentamos que semelhante aspecto é encontrado não só em todos os recenseamentos do século XIX em Portugal, como também na maior parte dos países da Europa ocidental.

outras fórmulas ponderadas existentes, onde se utilizam os seguintes coeficientes:

$$a_0 = \frac{10}{16} \qquad a_1 = a_{-1} = \frac{4}{16} \qquad a_2 = a_{-2} = -\frac{1}{16}$$

sendo este ajustamento aplicável ao intervalo 10-74 anos [12].

Sobrepusemos os resultados obtidos e as idades realmente apuradas para facilitar a comparação, e os resultados obtidos não podem deixar de ser considerados bastante satisfatórios. Tanto num sexo como noutro desapareceram quase por completo as irregularidades, obtendo-se assim uma pirâmide relativamente regular e com uma quase perfeita forma de acento circunflexo. A única irregularidade que não foi possível eliminar foi a existência no grupo 40-44 anos do sexo masculino de uma pequena saliência devida à grande atracção exercida pela idade 40 anos; no sexo feminino, o efeito do sub-registo continua a manifestar-se nos primeiros grupos de idades.

O tipo de análise que fizemos para a população global podia também ser aplicada a cada uma das situações respeitantes ao estado civil, bem como às categorias constantes no documento «pessoas de casa» e «criados», mas um tal trabalho iria alongar excessivamente este estudo na sua apresentação.

Aliás, as conclusões a que chegámos podem perfeitamente ser explicitadas na análise dos grupos funcionais dessas estruturas.

Deixando a análise do estado civil para uma parte posterior deste trabalho, vamos, antes de mais, explicitar qual a influência que as «pessoas de casa» e os «criados» tinham nas estruturas analisadas. Estas estruturas, como dissemos, podem perfeitamente ser resumidas através dos grupos funcionais dos jovens, adultos e velhos. Os resultados obtidos são apresentados no quadro n.º 5. Ao nível da população total, o peso dos jovens é de 42,1 %, sendo maior a sua importância no sexo masculino do que no sexo feminino devido ao problema do sub-registo das crianças deste último sexo; o peso dos velhos ronda os 7 %, havendo neste grupo um maior equilíbrio entre os sexos. Trata-se, portanto, de valores muito semelhantes aos encontrados noutros países nos fins do século XVIII. A diferença fundamental encontrada entre esta região e esses países é que, se ao longo do século XIX, com mais ou menos variações, se assistiu nesses países a um relativo processo de duplo envelhecimento — diminuição da importância dos jovens e aumento da importância dos velhos —, no nosso caso encontramos em Salvaterra de Magos níveis de envelhecimento idênticos em 1864 e 1878 (respectivamente 42,5 % e 42,6 % nos jovens e 7,4 % e 5,6 % nos velhos). Se, em vez de trabalharmos com os dados apurados, trabalharmos com os dados ajustados, a situação não se altera,

---

[12] INED-INSES-ORSTOM, *Source et analyse des données démographiques*, parte II, Paris, 1973, p. 25.

Assim, por exemplo, no grupo 25-29 anos temos:

$$\hat{N}_{25-29} = \frac{-N_{15-19} + 4N_{20-24} + 10N_{25-29} + 4N_{30-34} - N_{35-39}}{16}$$

onde N são os efectivos nos diversos grupos e $\hat{N}$ o efectivo estimado neste grupo.

visto que as flutuações apontadas anteriormente se autocompensam quando trabalhamos com grandes grupos de idades, observando-se, quando muito, uma pequena redução no grupo 60 e mais, devida à atracção pelo 60.

Grupos funcionais das estruturas populacionais de Salvaterra de Magos em 1788

[QUADRO N.º 5]

		População excluindo pessoas de casa e criados	Pessoas de casa	Criados	População total	População ajustada
	Números absolutos					
H	Jovens (0-19 anos)	392	58	25	475	476
	Adultos (20-59 anos)	446	61	36	543	551
	Velhos (60 + anos)	62	13	4	79	77
	Total	900	132	65	1097	1104
M	Jovens (0-19 anos)	347	46	30	423	428
	Adultos (20-59 anos)	458	53	28	539	542
	Velhos (60 + anos)	47	27	6	80	82
	Total	852	126	64	1042	1052
HM	Jovens (0-19 anos)	739	104	55	898	904
	Adultos (20-59 anos)	904	114	64	1082	1093
	Velhos (60 + anos)	109	40	10	159	159
	Total	1752	258	129	2139	2156
	Percentagem					
H	Jovens (0-19 anos)	43,6	43,9	38,5	43,3	43,1
	Adultos (20-59 anos)	49,6	46,2	55,4	49,5	49,9
	Velhos (60 + anos)	6,8	9,9	6,1	7,2	7,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
M	Jovens (0-19 anos)	40,7	36,5	46,9	40,6	40,7
	Adultos (20-59 anos)	53,8	42,1	43,8	51,7	51,5
	Velhos (60 + anos)	5,5	21,4	9,3	7,7	7,8
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
HM	Jovens (0-19 anos)	42,2	40,3	42,6	42,1	42,1
	Adultos (20-59 anos)	51,6	44,2	49,6	50,5	50,6
	Velhos (60 + anos)	6,2	15,5	7,8	7,4	7,3
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Outra questão interessante é apreciar o peso que as «pessoas de casa» e os «criados» têm na importância dos grupos funcionais. No que diz respeito à importância dos jovens, verificámos que ela se não altera tanto num sexo como noutro em termos aproximados, se bem que a tendência geral seja para um maior rejuvenescimento na base: no sexo masculino, em vez de termos 43,3 % de jovens, teríamos 43,6 %, se estes dois grupos

não existissem, e no sexo feminino teríamos 40,7 % em vez de 40,6 %; facto curioso é este pequeno aumento no sexo masculino ser devido à relativa juventude das «pessoas de casa» (43,9 %, contra 38,5 % dos «criados») e no sexo feminino ser o inverso (36,5 % de «pessoas de casa» contra 40,9 % de «criados»), o que demonstra existir nestes agregados familiares uma maior proporção de «pessoas de casa» do sexo masculino jovens e uma maior proporção de «criadas» também jovens.

No que diz respeito à importância dos velhos, observa-se um incontestável rejuvenescimento no topo da pirâmide de idades tanto num sexo como noutro; no sexo masculino, em vez de termos 7,2 % de velhos, teríamos 6,8 % se não existissem «pessoas de casa» e «criados» e no sexo feminino teríamos 5,5 % em vez de 7,7 %; desta vez, o factor explicativo principal é só um, ou seja, a importância das pessoas de idade avançada no grupo «pessoas de casa» (9,9 % no sexo masculino e 21,4 % no sexo feminino).

3.4 OS COMPORTAMENTOS DEMOGRÁFICOS

Depois de termos analisado os efectivos globais e a sua repartição por idades, procuremos estimar os níveis de mortalidade, natalidade e nupcialidade. É óbvio que este trabalho poderia ser substancialmente enriquecido se tivéssemos procedido a uma exploração dos registos paroquiais em ordem a podermos construir índices mais sofisticados de análise, obtidos pelo cruzamento de informação constante nesta fonte com os dados desses registos. É nossa intenção, numa fase ulterior, proceder a esse trabalho, mas, por enquanto, limitamo-nos a apresentar os indicadores que o documento nos possibilita construir.

a) Mortalidade

A forma mais simples de se apreciar o nível de mortalidade de uma determinada região consiste em calcular uma taxa bruta, ou seja, dividir o número de acontecimentos pela população e multiplicar o resultado por 1000 para se obter a informação em permilagem.

O documento em análise fornece-nos, no seu resumo, a seguinte informação:

Meninos que morreram de ambos os sexos	40
Adultos que morreram de ambos os sexos	48

o que perfaz um total de 88 óbitos no ano de 1788. É evidente que só uma análise dos registos paroquiais nos permitiria controlar a validade desta informação e proceder ao seu enquadramento, para sabermos se estamos ou não perante um ano normal.

Mas vejamos os resultados obtidos:

$$\text{TBM} = \frac{88}{2139} \times 1000 = 41{,}14\ ^{0}/_{00}$$

Conforme se pode verificar, no denominador utilizámos a população resultante do nosso apuramento, e não a população constante no resumo

da fonte (aliás, devido ao facto de a diferença ser mínima, o resultado não se altera). Trata-se, portanto, de um valor à primeira vista elevado, mesmo para a época em que se situa esta recolha. Na realidade, Hubert Charbouneau [13] pensa que estas taxas, para o conjunto do século XVIII, rondam os 32 $^{0}/_{00}$, se bem que, mesmo não existindo crises de mortalidade, tenham sido encontradas taxas por vezes bastante superiores: P. Guillaume e Poussou [14] estimam, por exemplo, que, no caso da França, as taxas de mortalidade variam nesta época entre 28 $^{0}/_{00}$ e 38 $^{0}/_{00}$. Neste contexto, não parece haver no ano de 1788 uma crise de mortalidade, ainda que ligeira, visto o valor encontrado ser superior apenas em 3 $^{0}/_{00}$ ao limite superior admitido como normal para a França. É possível que exista, quando muito, um sub-registo dos efectivos populacionais (migração temporária, ausências, esquecimentos de diversa ordem, etc.), fazendo assim empolar um pouco a taxa encontrada. Como prova do que afirmamos basta recordar que, nas estruturas por idades, identificámos um sub-registo nos primeiros grupos de idades, principalmente no sexo feminino. A todos estes factores podemos ainda acrescentar que é perfeitamente admissível que, nesta época, o nível sanitário em Salvaterra de Magos não fosse tão elevado como noutras regiões da Europa [15]. Daí que as suas características demográficas de mortalidade fossem mais próximas do século XVII europeu do que do século XVIII.

Mas, seja como for, o instrumento utilizado até agora na nossa análise é muito rudimentar, visto isolar muito mal os efeitos de estrutura. Como encontrar índices mais sofisticados perante os dados disponíveis?

A fonte fornece-nos uma informação que nos pode ajudar a aprofundar a nossa análise: o número de nascimentos de ambos os sexos (103). Se dividirmos o número de óbitos no primeiro ano de vida pelo número de nascimentos desse ano, temos uma aproximação da mortalidade infantil. Mas o cálculo deste índice não é tão simples como parece à primeira vista. Na realidade, a fonte refere existirem 40 óbitos de meninos de ambos os sexos em 1788. O problema é saber que idades abrange essa informação: serão óbitos até ao 1.º ano de vida? Será uma informação com o mesmo critério dos efectivos recenseados (1 ano significa 0 anos completos e 1 ano completo)? Ou serão, como acontece em algumas regiões europeias, óbitos até aos 7 anos de idade? A resposta a esta questão só é possível se tivermos possibilidade de, através de uma tábua-tipo, encontrar um modelo que mais ou menos se ajuste aos dados disponíveis.

Ora o manual elaborado pelo INED-INSEE-ORSTOM [16] apresenta um método que nos possibilita encontrar com uma certa aproximação esse modelo quando se dispõe apenas de um recenseamento e do total dos óbitos. Com efeito, se N_0, N_{1-4}, N_{5-9}, etc., forem os efectivos nos

---

[13] H. Charbouneau, *Tourouve-au-Perche, aux XVII^e et XVIII^e siècles — Étude de démographie historique*, Paris, PUF, 1970.

[14] P. Guillaume e J. P. Poussou, *Démographie Historique*, Paris, A. Colin, 1970.

[15] Não podemos ignorar, no entanto, que Salvaterra de Magos, como outras localidades próximas do rio Tejo, sofria os efeitos das inundações, as quais, uma vez terminadas, deixavam um pouco por toda a parte águas estagnadas, que contribuíam no Verão para o surto de febres intermitentes e o consequente aumento da mortalidade. Só pela análise dos registos paroquiais poderemos esclarecer este problema.

[16] INED-INSEE-ORSTOM, *op. cit.*

diversos grupos de idades, podemos escolher numa tábua-tipo [17] uma série de taxas ${}_xm_n$ que nos permitem obter os óbitos por grupos de idades:

Óbitos com menos de 1 ano	$N_0 \times {}_1m_0$
Óbitos com 1-4 anos	$N_{1-4} \times {}_4m_1$
Óbitos com 5-9 anos	$N_{5-9} \times {}_4m_5$

Fazendo a soma dos diferentes $N_x \times {}_xm_n$ obtemos uma estimação que seria o número de óbitos que essa população teria se a mortalidade fosse conforme o modelo escolhido.

Procedendo por tentativas, procura-se encontrar um total de óbitos que seja idêntico ao valor total dos óbitos apurados.

Assim, servindo-nos das tábuas-tipo de Princeton, aplicámos o método anteriormente descrito aos diversos modelos nelas existentes e verificámos que o nível 4 nos dá um valor total de óbitos muito próximo dos realmente apurados. A esse nível corresponde uma $e_0^{HM} = 28$ anos, o que, dado que se trata de uma estimação, nos permite inferir que a esperança de vida à nascença, sexos reunidos, ronda os 30 anos.

Uma vez localizada uma tábua de referência, analisámos qual o peso percentual que tinham os óbitos nas diversas idades e chegámos à conclusão de que 24 % do total dos óbitos se produzem no primeiro ano de vida e 20 % no segundo. Ora, como, no nosso caso concreto, sabemos que, dos 88 óbitos, 40 são de «meninos», estes últimos representam cerca de 45 % do total dos óbitos, o que é um valor muito próximo da percentagem encontrada (44 %) na tábua-tipo nos primeiros dois anos de vida. Não é difícil, assim, admitir a hipótese de o critério de classificação destes óbitos ser idêntico ao encontrado no recenseamento, ou seja, por «meninos» entende-se 1 ano (0 anos completos e 1 ano completo).

Pudemos ainda verificar, com a ajuda da tábua-tipo, que, nestas duas idades, o peso dos óbitos da primeira idade é cerca de 55 % do total, o que, aplicando ao nosso caso, nos dá $40 \times 0{,}55 = 22$ óbitos.

Estamos assim em condições de calcular a mortalidade infantil:

$$TMI = \frac{22}{103} \times 1000 = 214\ {}^0/_{00}$$

É certo que é difícil avançar um número médio europeu que sirva de comparação, em virtude de a mortalidade infantil variar muito com as condições do meio socieconómico, mas, em geral, considera-se que os valores situados entre 180 $^0/_{00}$ e 260 $^0/_{00}$ são os mais vulgares [18]. O resul-

---

[17] As tábuas-tipo mais conhecidas são as seguintes:

Nações Unidas, publicadas em «Avaliação da qualidade das estatísticas de base utilizadas nas estimações de população» (ST/SOA/série A, *Estudos Demográficos*, n.º 23, Nova Iorque, 1955).

Coale e Demeny, publicadas em *Modelos Regionais de Tábuas de Mortalidade e de Populações Estáveis* (Princeton, Princeton University Press, 1966).

Ledermann, S., publicadas em *Novas Tábuas-Tipo de Mortalidade* (Presses Universitaires de France, 1969).

Brass, W., publicadas em *A Demografia da África Tropical* (Princeton, 1968)

[18] P. Guillaume e J. P. Poussou, *op. cit.*

tado obtido enquadra-se perfeitamente dentro destes limites, o que demonstra a razão da metodologia empregue nesta estimação.

b) Natalidade e fecundidade

Tal como fizemos para a mortalidade, vejamos, em traços gerais, quais são as características principais da natalidade e da fecundidade no Antigo Regime. É difícil encontrar um valor de referência, dada a diversidade de situações encontradas pelas diferentes investigações: P. Valmary encontra em 1780 uma taxa bruta de natalidade de 35 °/₀₀; Le Roy Laduire, no Hérault, em 1785-90, estima a natalidade em 37,9 °/₀₀; nos fins do século XVIII, em Inglaterra, a maior parte das taxas rondam os 40 °/₀₀; Dermigny, em 1700-10, avança uma taxa para a França de 45,6 °/₀₀. Existe assim uma grande diversidade de situações ocasionadas por factores como as crises e as guerras e também por uma taxa bruta ser um instrumento grosseiro de análise.

Daqui resulta que, sempre que possível, os diversos autores tivessem procurado outros índices nem sempre fáceis de calcular, como a descendência média, ou seja o número médio de filhos por mulher. P. Goubert estima no Beauvasis 4,9 nascimentos por mulher e L. Henry calcula para as famílias burguesas de Génova, no século XVIII, 3,5 crianças.

Compreende-se, assim, como é que o nível de substituição das gerações era fraco e muitas vezes próximo da unidade: se retomarmos o exemplo de Beauvaisis das 4,9 crianças, sensivelmente 50 % desaparecerão antes dos 15 anos de idade; se juntarmos os acidentes que podem ocorrer antes dos 25 anos, idade modal do casamento das mulheres, este número reduz-se ainda mais, permitindo assim apenas a substituição das gerações.

Voltando ao nosso caso concreto, no resumo do documento, conforme já tínhamos dito, aparece-nos uma informação respeitante ao total de nascimentos no ano de 1788. Tal como fizemos para a mortalidade, se dividirmos esses nascimentos pelo total de população, encontramos a taxa bruta de natalidade:

$$TBN = \frac{103}{2139} \times 1000 = 48{,}15\ ^{\circ}/_{00}$$

Se apenas considerarmos o total das mulheres no período fértil, temos a taxa de fecundidade geral:

$$TFG = \frac{103}{570} \times 1000 = 180{,}7\ ^{\circ}/_{00}$$

valor que, apesar de parecer um pouco elevado, se pode considerar normal para a época, dado que se trata de efectivos bastante reduzidos (sujeitos, portanto, a grandes flutuações) e que os instrumentos de medida são bastante grosseiros.

Estudámos assim a possibilidade de, a partir dos dados disponíveis, encontrar medidas mais sofisticadas, apesar de não dispormos do número de nascimentos por grupos de idade da mulher, condição básica para calcularmos a descendência média. J. R. Reele [19] elaborou um método

[19] INED-INSEE-ORSTOM, *op. cit.*

que permite estimar directamente este índice através da relação entre o número de crianças e o número de mulheres em idade de procriar. Como se verifica frequentemente uma subestimação nas crianças com menos de 5 anos (o nosso exemplo é um desses casos, como vimos), por ajustamento deste índice, o referido autor propõe, em alternativa, estabelecer a relação entre o grupo das crianças no grupo 5-9 anos e as mulheres no grupo 20-54 anos. Este índice (RCM) refere-se, portanto, à fecundidade existente no período 5 a 9 anos antes do recenseamento. Como nesta altura, salvo acidentes, a fecundidade não está em declínio, podemos considerar que o índice obtido traduz a fecundidade existente no período à volta da data expressa na fonte em análise. Assim,

$$RCM = \frac{\text{crianças de 5-9 anos}}{\text{mulheres de 20-54 anos}} \times 1000 = \frac{234}{517} \times 1000 = 453$$

Como é óbvio, esta relação depende do nível de mortalidade. Uma mortalidade infantil e juvenil elevada reduz consideravelmente o efectivo das jovens e crianças, enquanto a mortalidade é relativamente moderada nas mulheres adultas. O problema reside, assim, na estimação do nível de mortalidade, para podermos aplicar as equações de estimação inerentes a este método [20]. Como na alínea anterior estimámos que a esperança de vida rondava os 30 anos, podemos assim calcular a taxa bruta de reprodução (número de filhas por mulher sem interferência da mortalidade), a taxa líquida de reprodução (número de filhas por mulher com interferência da mortalidade), assim como a descendência média:

$$TBR = + 0{,}01 + 0{,}004\,64\ (453) = 2{,}11$$
$$TLR = 0{,}00 + 0{,}002\,21\ (453) = 1{,}00$$
$$DM = \frac{TBR}{0{,}488} = 4{,}32$$

valores que, em função do que dissemos anteriormente, estão muito próximos dos encontrados por P. Goubert. Isto é, apesar de existirem, em média, 4,3 crianças por mulher, devido à forte mortalidade, as gerações apenas conseguem substituir-se, o que, aliás, está de acordo com a taxa de crescimento encontrada no início deste trabalho (entre 1788 e 1864, esta população cresce a um ritmo de 0,11 %).

L. Henry [21] propõe um outro método, que consiste em calcular a descendência média através da relação $DM = \frac{5N}{\bar{M}}$, onde N é o número

[20]

e_0	Estimação de TBR	Estimação de TLR
30 anos	+ 0, 01 + 0,004 64 (RCM)	0, 00 + 0,002 21 (RCM)
40 anos	+ 0, 01 + 0,004 21 (RCM)	0, 00 + 0,002 58 (RCM)
50 anos	− 0, 02 + 0,003 96 (RCM)	− 0, 01 + 0,002 89 (RCM)
60 anos	− 0,015 + 0,003 69 (RCM)	− 0,025 + 0,003 15 (RCM)
70 anos	− 0,035 + 0,003 49 (RCM)	− 0, 04 + 0,003 32 (RCM)

[21] Louis Henry, *op. cit.*

de nascimentos observados e $\bar{M}$ é o efectivo do grupo de 5 anos centrado sobre a idade média das mães. Como a idade média das mães no nosso caso ronda os 30 anos, temos:

$$DM = \frac{5N}{\frac{M_{20-29} + M_{30-39}}{4}} = \frac{515}{81,5} = 6,32$$

o que implica

$$TBR = 6,32 \times 4,88 = 3,08$$
$$TLR = 1,46$$

Trata-se de uma outra forma de estimar o mesmo fenómeno, que obviamente não pode deixar de dar senão uma estimação aproximada. Contudo, se na primeira estimação achámos exagerado um ritmo de substituição de gerações igual à unidade, nesta segunda parece-nos igualmente que a descendência média estará um pouco empolada. Talvez a estimação mais correcta seja a que resulta da média dos dois resultados obtidos, ou seja:

$$DM = 5,32$$
$$TBR = 2,60$$
$$TLR = 1,23$$

o que implica uma dinâmica de renovação das gerações em que cada mãe é substituída por 1,23 futura mãe potencial.

Por outras palavras, se são necessárias cerca de 83 crianças em cada ano para substituir as gerações em Salvaterra de Magos, então o excedente é apenas de 19 crianças, das quais apenas 9 são do sexo feminino. Um tal resultado ainda se coaduna melhor com o baixo ritmo de crescimento encontrado.

c) Nupcialidade

Tal como afirmámos no ponto 2 deste trabalho, a nupcialidade é a variável-chave do sistema demográfico do Antigo Regime e pode ser resumida em dois aspectos fundamentais: a existência de um importante celibato definitivo, normalmente situado entre os 15 % e os 20 %, e de um casamento tardio tanto para os homens (26-27 anos ou mais) como para as mulheres (23-24 anos ou mais). Hajnal chama a este modelo «o modelo da Europa ocidental de casamento», porque apenas existe nos países que integram este bloco. Embora o referido autor não se aventure a precisar quando é que este modelo apareceu, demonstra claramente que ele foi dominante nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Os inúmeros trabalhos que se seguiram ao trabalho pioneiro de Hajnal não fizeram mais do que confirmar este ponto de vista, se bem que, como é de esperar, exista grande oscilação entre os valores, mas todos apontando para a mesma conclusão (L. Henry, por exemplo, apura em Génova, no século XVIII, um celibato anormalmente elevado de 30 %; as taxas brutas de nupcialidade, que no mesmo século oscilam no Canadá entre 17,5 ‰ e 23,5 ‰, na Europa rondam sempre os 16 ‰).

Assim, começámos por calcular a taxa bruta de nupcialidade, visto que a fonte nos informa acerca do total de casamentos observados no ano de 1788:

$$\text{TBNupc.} = \frac{30}{2139} \times 1000 = 14{,}03\ {}^{0}/_{00}$$

valor, portanto, normal para a época, talvez até um pouco baixo, mas que não nos permite tirar nenhuma conclusão, visto se tratar de um instrumento bastante grosseiro. Para precisarmos as características da nupcialidade é necessário podermos estimar as duas características analisadas por Hajnal, através de um método que consiste em, a partir das proporções de celibatários, homens e mulheres, encontradas nas diversas idades de um recenseamento, calcular a idade média do primeiro casamento e o celibato definitivo. O raciocínio é semelhante ao de uma tábua de mortalidade a partir das proporções de sobreviventes, apenas com uma diferença: é que, se na mortalidade todos acabam por morrer mais tarde ou mais cedo, na nupcialidade nem todos «morrem enquanto celibatários», visto existirem «sobreviventes».

Em geral, quando se trabalha com grupos quinquenais e se admite que ninguém mais se casa depois dos 50 anos, o celibato definitivo é calculado pela fórmula

$$T_{50} = \frac{{}_5T_{45} + {}_5T_{50}}{2}$$

e a idade média no primeiro casamento é igual a

$$\bar{x} = 15 + \frac{\sum_{15}^{45} {}_5T_x - 35\ T_{50}}{1 - T_{50}}$$

onde ${}_5T_x$ são as proporções de celibatários no grupo x.

Ora, facultando-nos a nossa fonte o cálculo destas proporções [22], torna-se possível aplicar o método de Hajnal. Trabalhámos mediante a hipótese de que os homens e as mulheres de estado matrimonial indeterminado («pessoas de casa» e «criados») eram celibatários, o que certamente introduz algum erro, ou seja, sobrestima tanto o celibato como a

[22]

Grupos de idades	Proporções de celibatários	
	Homens	Mulheres
15-19	1,000 00	0,918 18
20-24	0,870 97	0,618 64
25-29	0,661 97	0,357 14
30-34	0,482 35	0,259 62
35-39	0,225 81	0,125 00
40-44	0,164 95	0,173 91
45-49	0,142 86	0,166 67
50-54	0,264 15	0,192 98

idade média do primeiro casamento. A ausência de outras informações não nos permite corrigir este erro, que, de qualquer forma, estamos convencidos de que não é muito significativo. Obtivemos os seguintes valores:

Celibato definitivo (homens):

$$\frac{0{,}142\,86 + 0{,}264\,15}{2} = 0{,}203\,51 \quad (20\,\%)$$

Celibato definitivo (mulheres):

$$\frac{0{,}166\,67 + 0{,}192\,98}{2} = 0{,}179\,83 \quad (18\,\%)$$

Idade média no primeiro casamento (homens):

$$15 + \frac{17{,}744\,55 - 7{,}122\,85}{0{,}796\,49} = 28{,}3 \text{ anos}$$

Idade média no primeiro casamento (mulheres):

$$15 + \frac{13{,}095\,80 - 6{,}294\,05}{0{,}820\,17} = 23{,}3 \text{ anos}$$

Por outras palavras, chegamos à conclusão de que, no sexo masculino, sensivelmente 20 % das pessoas não se casam e que os 80 % que são submetidos a este fenómeno o fazem, em média, aos 28 anos. Quanto ao sexo feminino, 18 % não se casam e os restantes 82 % casam, em média, aos 23 anos.

Tal como suspeitávamos, esta freguesia de Salvaterra de Magos tem todas as características demográficas de uma nupcialidade do Antigo Regime, ou seja, um casamento tardio (maior nos homens do que nas mulheres) e importantes quantitativos de celibatários, tanto num sexo como noutro. Perante a questão, por nós levantada no início deste trabalho, de sabermos se se trata de uma estrutura típica de fins do Antigo Regime em Portugal, resolvemos ir um pouco mais longe, calculando as proporções de celibatários em Salvaterra de Magos nos recenseamentos de 1864

[QUADRO N.º 6]

	1864		1878	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Celibato definitivo	16 %	15 %	22 %	11 %
Idade média no primeiro casamento	28,7	22,8	27,7	24,9

e 1878 [23], em ordem a sabermos quais as características da nupcialidade desta região em meados do século XIX e assim podermos comparar a evolução. Obtivemos os resultados constantes do quadro n.º 6.

Se o celibato definitivo masculino se manteve durante um século (com as oscilações inerentes à pequenez dos efectivos) praticamente inalterável, ou seja, rondando os 20 %, o celibato definitivo feminino mostra um considerável recuo. Quanto à idade média no casamento, tanto num sexo como noutro, ficou praticamente inalterável.

Quisemos confirmar esta evolução através do indicador de nupcialidade de Coale (I_m) e verificámos que em 1788 era de 0,508, em 1864 de 0,580 e, finalmente, em 1878 de 0,524, o que nos revela, com pequenas oscilações, a conclusão a que tínhamos chegado com o método de Hajnal — a permanência do mesmo regime de nupcialidade [24].

Dada a importância de uma melhor precisão das características da nupcialidade nos fins do século XVIII, a partir deste documento, pensámos ser interessante refinar um pouco mais a precisão das características apontadas anteriormente. Na realidade, o método de Hajnal assenta em duas hipóteses fundamentais, cuja não observância pode falsear um pouco os resultados:

Ausência de correlação entre a nupcialidade e os movimentos migratórios e a mortalidade;
Estabilidade da nupcialidade.

Tudo indica que nem os movimentos migratórios, nem a estabilidade da nupcialidade são neste caso factores importantes. O mesmo não podemos dizer da mortalidade, cujos efeitos podem variar consideravelmente de uma geração para outra. Ora, havendo que admitir a possibilidade de erros por interferência da mortalidade, não quisemos aumentá-la ainda mais ao calcularmos os indicadores de nupcialidade com base em grupos de idades que, além de outras irregularidades, sofrem de empolamentos ocasionados pela atracção pelo 0, com o consequente esvaziamento das idades que enquadram as idades terminadas por este número. Para evitar este inconveniente, à semelhança do trabalho feio por Herliby e

[23]

Grupos de idades	Proporções de celibatários			
	1864		1878	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
15-19	0,985 07	0,864 58	1,000 00	0,887 22
20-24	0,844 16	0,418 18	0,883 50	0,556 70
25-29	0,461 54	0,317 31	0,539 13	0,275 23
30-34	0,426 23	0,281 69	0,291 67	0,312 50
35-39	0,247 31	0,210 53	0,362 75	0,140 85
40-44	0,307 69	0,133 33	0,233 77	0,228 57
45-49	0,136 36	0,128 21	0,220 93	0,098 90
50-54	0,175 00	0,166 67	0,222 22	0,111 11

[21] Ver a descrição deste índice em J. M. Nazareth, *O Envelhecimento da População Portuguesa,* Lisboa, Presença, 1979.

Klapisch [25], recalculámos os indicadores, com base em grupos quinquenais que neutralizassem um pouco estes efeitos (17-21 anos, 22-26 anos, etc.), e retivemos como celibatários definitivos a média dos grupos 47-51 anos e 52-56 anos [26]. Obtivemos os seguintes resultados, depois de procedermos às necessárias adaptações nas fórmulas:

Celibato definitivo (homens):

$$\frac{0{,}225 + 0{,}118}{2} = 0{,}172 \ (17\ \%)$$

Celibato definitivo (mulheres):

$$\frac{0{,}212 + 0{,}148}{2} = 0{,}180 \ (18\ \%)$$

Idade média no primeiro casamento (homens):

$$17 + \frac{15{,}785 - 5{,}676}{0{,}828} = 29{,}2 \text{ anos}$$

Idade média no primeiro casamento (mulheres):

$$17 + \frac{11{,}445 - 5{,}94}{0{,}820} = 23{,}7 \text{ anos}$$

o que introduz necessariamente alguma correcção nos cálculos anteriormente feitos, sem contudo alterar as conclusões a que tínhamos chegado. Quanto ao celibato definitivo, se o das mulheres se manteve igual (18 %), o dos homens desceu de 20 % para 17%, ficando assim ligeiramente inferior ao das mulheres, o que aliás está conforme com as informações obtidas em outras investigações — o celibato das mulheres ser ligeiramente superior ao dos homens. Quanto à idade média no primeiro casamento, as diferenças relativas entre os dois sexos mantêm-se, mas assiste-se a uma pequena subida, fixando-se assim a nossa estimativa da idade média no primeiro casamento em 29 anos para os homens e 24 anos para as mulheres.

---

[25] David Herliby e Christiane Klapisch-Zuber, *Les Toscans et leurs familles*, Paris, Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1978.

[26]

Grupos de idades	Homens			Mulheres		
	Solteiros	Total	Proporção	Solteiras	Total	Proporção
17-21	91	92	0,989	92	123	0,748
22-26	65	95	0,684	41	84	0,488
27-31	56	83	0,675	24	86	0,279
32-36	20	73	0,274	17	73	0,233
37-41	16	93	0,172	13	84	0,155
42-46	9	65	0,138	8	46	0,174
47-51	16	71	0,225	14	66	0,212
52-56	2	17	0,118	4	27	0,148

Estamos assim incontestavelmente perante um regime de nupcialidade típico do modelo demográfico do Antigo Regime em plena maturidade.

d) Síntese das características demográficas de Salvaterra de Magos em 1788

Como se pode verificar no quadro n.º 7, trata-se de uma região que tem todas as características demográficas do sistema demográfico do Antigo Regime. Embora se trate de uma estrutura duplamente jovem (elevado número de crianças e reduzido número de velhos), o seu ritmo de crescimento é bastante lento devido à existência de um elevado nível de mortalidade que anula quase por completo os elevados níveis de natalidade e fecundidade encontrados. Por outras palavras, apesar de cada mãe ter, em média, mais de 5 filhos, o efeito de uma mortalidade particularmente elevada nas idades mais jovens apenas permite assegurar uma renovação das gerações ligeiramente superior à unidade. O elemento regulador de todo este sistema é a existência de uma nupcialidade tardia e de um celibato definitivo bastante importante.

Síntese das características demográficas de Salvaterra de Magos em 1788

[QUADRO N.º 7]

Indicadores	Resultados
Taxa de crescimento anual médio (1527-1788) ...	0,49 %
Tempo de duplicação em anos (1527-1788)	142 anos
Taxa de crescimento anual médio (1788-1864) ...	0,11 %
Tempo de duplicação em anos (1788-1864)	619 anos
Resumo das estruturas populacionais (HM):	
0-19 anos	42,1 %
20-59 anos	50,6 %
60 + anos	7,3 %
Taxa bruta de mortalidade	41,14 ‰
Esperança de vida à nascença (HM)	30 anos
Taxa de mortalidade infantil	214 ‰
Taxa bruta de natalidade	48,15 ‰
Taxa de fecundidade geral	180,7 ‰
Ratio crianças/mulheres (por 1000)	453
Descendência média	5,32
Taxa bruta de reprodução	2,60
Taxa líquida de reprodução	1,23
Taxa bruta de nupcialidade	14,03 ‰
Celibato definitivo (H)	17 %
Celibato definitivo (M)	18%
Idade média no primeiro casamento (H)	29,2 anos
Idade média no primeiro casamento (M)	23,7 anos

4. ASPECTOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Os grupos elementares descritos em recenseamentos deste tipo são os fogos, isto é, os grupos de residência. As famílias fundadas a partir do casamento, onde os laços de parentesco ultrapassam os limites do grupo

doméstico, são menos acessíveis ao investigador e só a reconstituição de famílias a partir dos registos paroquiais tornam possível a sua análise. Em todo o caso, a análise de um documento como o de Salvaterra de Magos permite apurar uma das estruturas fundamentais da sociedade, que é o grupo de residência cimentado pelo parentesco existente entre a maioria dos seus membros. É uma estrutura fundamental, porque é no seu interior que se levam a efeito uma grande parte das funções essenciais da sociedade — procriação, socialização das crianças, consumo e produção. Fazer o seu estudo é, portanto, ter a possibilidade de compreender as características desta unidade social de base e, ao mesmo tempo, tentar inferir através das suas variantes ou mutações as relações recíprocas entre a estrutura de parentesco e a sociedade global.

Mas será o fogo o observatório que melhor permite responder a estes propósitos? Enquanto unidade de residência, o fogo possui confins e funções variáveis de uma sociedade ou de uma época para outra, e até mesmo de um documento para outro. A sociologia histórica tem-nos ensinado a desconfiar de definições rígidas, parciais, aplicáveis numas regiões e inaplicáveis noutras, ou ainda de definições difusas, que não permitem atingir o cerne da realidade que se quer analisar. Mais ainda, um certo número de estudos feitos recentemente têm reagido contra a tendência em considerar como imagem definitiva a tipologia dos grupos residenciais, tirada a partir de listagens semelhantes à que estamos a analisar. Não se explicita em geral a ideia de que, para além da imobilidade aparente das formas encontradas, podem existir profundas variações, ou seja, a realidade em análise não é algo de estático, mas sim um processo.

Em todo o caso, apesar destas legítimas reservas, pensamos que o documento nos pode dar uma aproximação das características dos grupos domésticos existentes em Salvaterra de Magos em 1788. Começaremos pois por analisar as suas características externas e passaremos em seguida à análise da estrutura e da composição dos fogos. Finalizaremos esta parte com uma análise das estruturas profissionais.

4.1 CARACTERÍSTICAS EXTERNAS DOS FOGOS

Como já foi dito, a informação aparece-nos agrupada por fogos: nome e idade dos casais, viúvos, viúvas e celibatários; profissão do chefe de família; número, idade, sexo e profissão dos filhos; número, idade, sexo e profissão das «pessoas de casa» e «criados»; número e tipo de gado existente em cada fogo. Trata-se, assim, de uma informação por comunidades domésticas, onde todos os membros — ligados ou não por laços de parentesco — partilham a mesma vida quotidiana debaixo do mesmo tecto, dormem, vivem e consomem em conjunto.

Neste grupo residencial assim caracterizado, a sua composição depende teoricamente do sistema de filiação e das regras que governam a escolha e a residência dos novos esposos. Durante o Antigo Regime, a filiação é, em geral, patrilinear, ou seja, as regras que presidem à organização do sistema de heranças privilegiam o sexo masculino em detrimento do sexo feminino, que apenas tem direito a um dote quando ocorre o casamento. Com o casamento, as raparigas abandonam o grupo de nascimento para se juntarem ao do esposo e perdem assim, bem como os filhos, a maior parte dos direitos sobre o património da família de origem. Quanto aos

filhos do sexo masculino, pode haver ou não um direito igual à herança dos bens, mas compete-lhes a herança do património familiar, o que implica a existência de uma tendência à residência patrilocal, sem que este princípio determine rigidamente a composição do grupo doméstico.

Se este princípio fosse uma regra absoluta, deveríamos encontrar, no limite, em torno de um indivíduo: os seus tios paternos e filhos; os descendentes do sexo masculino, suas mulheres e respectivas crianças; os seus irmãos casados e descendentes; as suas irmãs e irmãos celibatários. Por outras palavras, teríamos um grupo amplo, numeroso e dotado de uma estrutura relativamente complexa. Ora aqui depara-se-nos a dificuldade assinalada anteriormente — a rigidez classificativa das enumerações deste tipo —, que não nos permite observar se assim acontece.

Só o cruzamento desta informação com a reconstituição de famílias, feita a partir dos registos paroquiais, nos poderá responder a esta importante questão. Em todo o caso, podemos desde já avançar que, a existir semelhante tipo de grupos, eles serão provavelmente excepcionais. Fundamentamos este ponto de vista no seguinte argumento: o documento em análise, além de enumerar os fogos, faz anteceder cada número de ordem por uma letra que designa o prédio onde se localizam os fogos (essa localização é feita num mapa topográfico em anexo); ora, observando os nomes próprios pertencentes a fogos diferentes, mas localizados no mesmo prédio, raramente se encontram nomes próprios iguais, o que, em nosso entender, afasta esta hipótese. Quando os encontramos, dificilmente podemos tirar conclusões. Vejamos um exemplo: no prédio F existem dois Duartes (Alexandre Duarte, casado com Bernardina Teresa, com 60 anos de idade, e Dionísio Duarte, casado com Maria Bárbara, com 56 anos de idade), tudo levando a crer que se trata de dois irmãos. Mas haverá mais irmãos, ou contou-se como dois fogos uma situação em que duas famílias nucleares ligadas lateralmente viviam debaixo do mesmo tecto? Conforme se pode verificar, não podemos responder a estas questões apenas com a análise deste documento.

Mas, seja como for, estamos convencidos de que, em termos reais, o grupo residencial só a título excepcional integra mais de uma família nuclear. A sua complexidade provém mais da existência de pessoas estranhas designadas pelo nome de «pessoas de casa» e «criados».

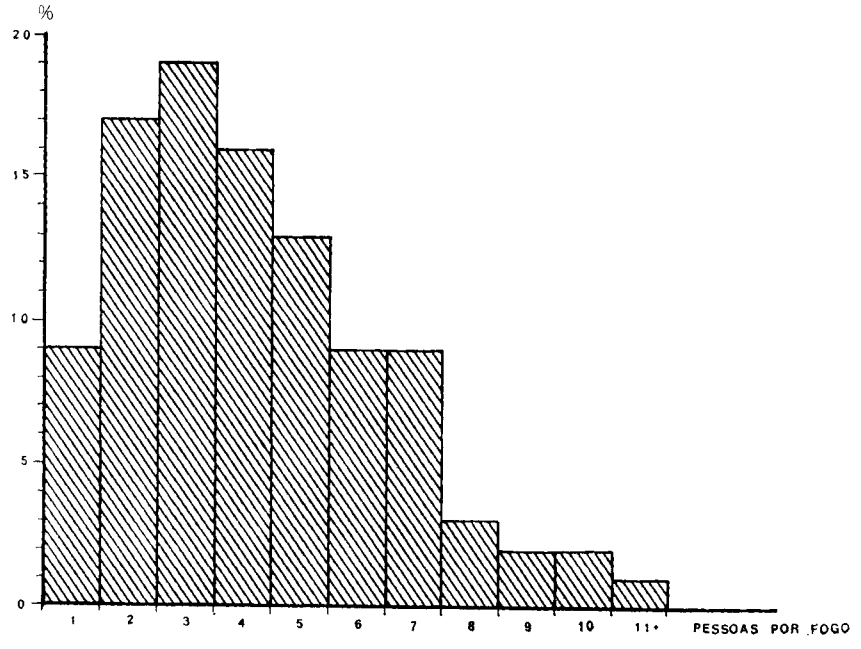
Analisemos então as características externas desses fogos, através da sua dimensão. Depois de feito o apuramento verificámos que as 2139 pessoas existentes se encontravam distribuídas pelos 515 fogos, da seguinte forma:

Fogos com 1 pessoa	46
Fogos com 2 pessoas	89
Fogos com 3 pessoas	102
Fogos com 4 pessoas	81
Fogos com 5 pessoas	65
Fogos com 6 pessoas	45
Fogos com 7 pessoas	48
Fogos com 8 pessoas	18
Fogos com 9 pessoas	9
Fogos com 10 pessoas	8
Fogos com 11 e mais pessoas	4

Globalmente, esta microssociedade rural-tradicional, situada nos fins do século XVIII, não tem mais de *4,2 pessoas por fogo,* representando este valor um número médio que oculta profundas assimetrias, conforme se pode verificar no gráfico VII. Na realidade, predominam os fogos de reduzido número de pessoas: a classe modal é a dos fogos com 3 pessoas e as duas classes que se seguem em importância são os fogos com 2 e com 4 pessoas. Repare-se ainda como os fogos com pessoas isoladas têm uma importância igual à totalidade dos fogos com mais de 8 pessoas. Tal como demonstraram Peter Laslett e E. Shorter [27], podemos verificar que a família reduzida não é um fenómeno dos nossos dias, como durante muito tempo se julgou, mas sim algo cujas origens se perdem no tempo...

Distribuição dos fogos segundo a sua dimensão

[GRÁFICO VII]



Porém, nestas características globais, a dimensão dos fogos pode variar consideravelmente com a situação económica e a profissão que se exerce. Em relação ao primeiro aspecto, não temos, como é sabido, nenhuma informação acerca dos rendimentos das pessoas. Mas o facto de no documento estar arrolado, por fogos, o número de cabeças de gado possibilita-nos o cálculo aproximado da riqueza das pessoas. Neste contexto, cruzá-

[27] Peter Laslett, *Household and Family in past time,* Cambridge, Cambridge University Press, 1972. E. Shorter, *La naissance de la famille moderne,* Éd du Seuil, 1977.

mos a informação respeitante ao número de cabeças de gado [28] com a dimensão dos fogos e obtivemos os resultados constantes no quadro n.º 8.

Em primeiro lugar podemos verificar que 63 % dos fogos não têm nenhuma espécie de gado e que 29,8 % têm entre 1 e 5 cabeças, o que significa que somente 7,2 % dos fogos têm um volume de gado superior a 6 unidades. Qual é a dimensão dos fogos que se encontram nesta última situação? Salvo duas excepções (uma em que existe 1 fogo com 2 pessoas e 66 cabeças de gado e outra em que existe 1 fogo com 5 pessoas e 433 cabeças), quanto maior é a dimensão dos fogos maior é o número de cabeças de gado. A riqueza medida através deste indicador parece influenciar a dimensão dos fogos.

Como complemento de informação, achámos que seria interessante saber qual a profissão do chefe de família nos 23 fogos que têm mais de 20 cabeças de gado. Chegámos às seguintes conclusões:

15 lavradores têm 1427 cabeças de gado
1 contratador de vinhos tem 433 cabeças de gado
3 almoxarifes têm 260 cabeças de gado
1 cirurgião tem 67 cabeças de gado
1 médico tem 62 cabeças de gado
1 campino tem 50 cabeças de gado
1 trabalhador tem 31 cabeças de gado

No total, 23 dos 515 fogos (4,5 %) possuem 2330 das 2671 cabeças de gado existentes em Salvaterra de Magos, ou seja, 87,2 %. Analisemos uma a uma as diferentes profissões.

Os lavradores é a profissão mais difícil de analisar, dada a diversidade de situações:

Existem 6 fogos em que apenas o chefe de família exerce esta profissão e com um total de 649 cabeças de gado (as situações variam entre uma família com 25 cabeças e outra com 396);

Em 2 fogos, o chefe de família lavrador é ajudado por um filho também nesta profissão (um tem 39 cabeças e o outro tem 95);

Em 5 fogos observámos a existência de uma viúva com um ou mais filhos lavradores e com um total de 342 cabeças de gado (as situações variam entre uma família com 33 cabeças e outra com 161);

Existe uma outra situação em que a viúva, além de ter filhos lavradores, também tem uma «pessoa de casa» nesta profissão e possui um total de 279 cabeças;

Finalmente, existe uma pessoa solteira com uma «pessoa de casa» lavrador e com 23 cabeças.

---

[28] Os tipos e quantitativos de gados existentes em Salvaterra de Magos em 1788 são os seguintes:

Bois de trabalho	684
Bois alfeiros	423
Ovelhas	431
Cabras	151
Porcos	293
Cavalos	500
Mulas	12
Jumentos	177

Dimensão dos fogos e riqueza em gado em Salvaterra de Magos, 1788

[QUADRO N.º 8]

Número de cabeças de gado	Dimensão dos fogos										
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10 +	Total
Sem gado	44	67	69	50	37	28	21	5	3	1	325
1- 5	4	20	31	23	23	13	22	8	5	4	153
6- 10	0	1	1	2	3	0	1	0	0	0	8
11- 19	0	0	0	1	0	1	1	0	1	2	6
20- 39	0	0	0	1	2	2	1	0	0	0	6
40- 59	0	0	0	1	1	0	1	2	0	0	5
60- 79	0	1	0	0	0	1	2	1	0	1	6
80- 99	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
100-199	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2
200-299	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
300-399	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
400 + ...	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Total ...	48	89	101	78	67	45	49	17	9	12	515

Assim, das 26 pessoas que têm esta profissão, 22 vivem nestes 15 fogos que têm mais de 20 cabeças de gado. No total, estes fogos, ao somarem 1427 cabeças de gado, dispõem de 53,4 % do gado existente em Salvaterra de Magos.

O único contratador de vinhos existente em Salvaterra de Magos possui sozinho 16,2 % do gado e os 3 almoxarifes 9,73 %. Outro aspecto interessante é o facto de, dos 2 cirurgiões existentes, 1 possuir 67 cabeças de gado (o outro nada possui) e de o único médico possuir 62 cabeças. Os dois, no seu conjunto, têm 4,8 % do gado existente.

Finalmente, dos 219 trabalhadores existentes, apenas 1 tem 31 cabeças e, dos 40 campinos, também apenas 1 tem 50 cabeças.

Como já dissemos, a dimensão dos fogos também pode variar com a profissão do chefe de família. Servindo-nos da estratificação profissional elaborada no quadro n.º 16, cruzámos essa informação com a dimensão dos fogos agrupada em quatro subgrupos: 1-3 pessoas, 4-6 pessoas, 7-9 pessoas e mais de 10 pessoas. Antes de comentarmos os resultados obtidos, pensamos ser útil esclarecer que, para além de termos agrupado a informação em cada um dos sectores de actividade, abrimos uma categoria residual, «outras situações», onde se englobam aqueles casos em que o cabeça-de-casal é uma viúva, um viúvo, é celibatário ou está a servir como criado.

Numa primeira análise dos resultados obtidos no quadro n.º 9, rapidamente nos damos conta de que a dimensão familiar varia, antes de mais, com o sector de actividade em que se encontra situado o chefe de família. Se os fogos com 1 a 3 pessoas se encontram mais ou menos igualmente repartidos pelos três sectores de actividade, o mesmo não acontece com os outros tipos de fogos. Na realidade, os fogos com 4 a 6 pessoas são de longe mais importantes no sector primário do que nos sectores secundário e terciário e os fogos com mais de 7 pessoas são proporcionalmente mais importantes no sector do artesanato do que no sector agrícola e mais importantes no sector dos serviços do que nos outros dois.

Dimensão dos fogos e estrutura profissional em Salvaterra de Magos em 1788

[QUADRO N.º 9]

	Dimensão dos fogos				Total	
	1-3	4-6	7-9	10 +	Números absolutos	Percentagem
1 Profissões agrícolas	43,67	43,67	11,44	1,22	245	100,00
1.1 Lavradores	11,11	22,22	55,55	11,11	9	100,00
1.2 Trabalhadores, etc. ...	52,03	43,24	4,73	0,00	148	100,00
1.3 Pastores e campinos ...	37,21	46,51	16,28	0,00	43	100,00
1.4 Emprazadores e falcoeiros	26,32	47,37	15,79	10,53	19	100,00
1.5 Diversos	30,77	46,15	23,08	0,00	26	100,00
2 Artesanato	40,79	38,16	18,42	2,63	76	100,00
2.1 Actividades agrícolas ...	43,75	43,75	12,50	0,00	16	100,00
2.2 Construção	46,67	40,00	13,33	0,00	15	100,00
2.3 Alimentação	40,00	20,00	40,00	0,00	5	100,00
2.4 Serviços	32,43	40,54	21,62	5,41	37	100,00
2.5 Diversos	100,00	0,00	0,00	0,00	3	100,00
3. Transportes e serviços	42,70	31,46	21,35	4,49	89	100,00
3.1 Transportes	100,00	0,00	0,00	0,00	1	100,00
3.2 Comércio	54,29	25,71	20,00	0,00	35	100,00
3.3 Serviços	22,22	27,78	33,33	16,67	18	100,00
3.4 Diversos	40,00	40,00	17,14	2,86	35	100,00
4. Outras situações	69,52	21,90	8,58	0,00	105	100,00

Globalmente falando, é pois nas profissões agrícolas que encontramos menores proporções de fogos com mais de 7 pessoas e é nos serviços que encontramos as maiores proporções. Porém, a globalização por sectores pode ocultar-nos a realidade das diferentes profissões. Assim, no sector agrícola, a maioria dos cabeças-de-casal são simples trabalhadores e têm a sua classe modal nos fogos de 1 a 3 pessoas. Tal significa que, de uma maneira geral, quando se é trabalhador, o número de pessoas que habitam debaixo do mesmo tecto é reduzido. O mesmo não acontece com as outras profissões: nos lavradores, o tipo de fogo dominante é o de 7 a 9 pessoas; curiosamente, nas outras profissões mais especializadas (pastores, campinos, falcoeiros, etc.), o tipo de fogo dominante não é idêntico ao dos trabalhadores, mas sim o fogo com 4 a 6 pessoas; repare-se até que não é de desprezar a importância dos fogos com mais de 7 pessoas neste último caso.

O sector do «artesanato» também está longe de ser homogéneo: o ligado aos serviços (sapateiros, alfaiates e barbeiros) é de longe o que tem fogos de maior dimensão — repare-se que 26 % têm mais de 7 pessoas por fogo; o ligado quer às actividades agrícolas (moleiros, ferradores, ferreiros, abegões), quer à construção (carpinteiros, pedreiros, serralheiros e pintores), têm uma estrutura muito idêntica, ou seja, predominam os fogos até 6 pessoas; finalmente, o ligado à alimentação (cortadores, forneiros e padeiros), embora tenham proporcionalmente maior número de fogos entre 7 e 9 pessoas que o artesanato ligado aos serviços, não têm nenhum fogo com mais de 10 pessoas.

No sector terciário são as actividades ligadas aos «serviços» que nos aparecem associadas a uma maior dimensão.

Em resumo, tal como acontece com a riqueza, a dimensão dos fogos varia conforme a profissão do chefe de família, sendo os lavradores no sector primário, o artesanato ligado aos serviços no sector secundário e o sector ligado também aos serviços no sector terciário aquelas profissões onde a dimensão dos fogos é maior.

4.2 ESTRUTURA E COMPOSIÇÃO DOS FOGOS

Se por características externas dos fogos entendemos os diversos aspectos ligados à sua dimensão média, por estrutura e composição dos fogos entendemos agora as suas características internas.

Por outras palavras, procuraremos agora identificar as diversas categorias de fogos existentes; a distribuição das pessoas por idade, sexo e estado matrimonial; as diferenças de idades existentes entre os esposos; a idade e estado matrimonial dos chefes de família. Numa palavra, sabendo-se já que os grupos familiares dominantes são os de reduzida dimensão, sendo portanto raros os fogos de grande dimensão, procuraremos apreender agora a sua estrutura complexa e a variedade de situações que no entanto eles apresentam.

a) Estrutura dos fogos: categorias e classes

Conforme já nos demos conta, o conceito «família» não é idêntico ao de «fogo»: a família, ao contrário do fogo, não abrange a totalidade das pessoas que vivem debaixo do mesmo tecto. Na realidade, se existem casos em que a identidade é total entre estes dois conceitos, outras situações se verificam em que em conjunto com a unidade familiar coabitam «criados» e «pessoas de casa», outras ainda em que existem apenas *pessoas isoladas*, além de outras em que *coabitam pessoas sem laço de parentesco.*

Mas, para além destas situações motivadas pela presença de pessoas estranhas, as famílias em si também não são de um único tipo, visto poderem existir *famílias conjugais simples, famílias extensas* e *agregados familiares múltiplos.* Estes termos requerem uma breve discussão acerca do seu exacto significado. Por *família conjugal simples*, família nuclear, família elementar ou ainda família biológica entendem-se os casais (com ou sem filhos) ou os viúvos e viúvas com filhos. Para que uma família conjugal simples exista é, pois, necessário que pelo menos duas pessoas estejam ou tenham estado ligadas pelo laço conjugal. Uma pessoa isolada não pode formar uma família conjugal simples, uma vez que, para que esta categoria exista, são necessárias duas pessoas (esposos e/ou descendência). Em enumerações como aquela que estamos a analisar, a pessoa mencionada em primeiro lugar é o chefe de família. No Antigo Regime, este tipo de famílias, com ou sem pessoas estranhas, é o dominante, e até o mais frequente é encontrarmos as famílias nucleares de facto (marido, mulher e filhos).

Por *família extensa* entende-se a família conjugal simples, vivendo com outros parentes sem ser a descendência directa, debaixo do mesmo tecto, com ou sem criados. É pois uma categoria bastante idêntica à anterior, apenas com a diferença de existirem outros familiares. Se estes familiares pertencem a uma geração anterior à da família conjugal (avô

paterno, mãe materna ou tia viúva do chefe de família), diz-se que o seu alargamento é *ascendente*. O chefe de família tanto pode ser o parente residente como o filho.

Pode dar-se também o caso de os parentes residentes pertencerem a gerações posteriores à família conjugal (netos sem os pais, sobrinhos ou sobrinhas), e neste caso o alargamento é *descendente*. Finalmente, também se pode dar o caso de o alargamento ser *lateral*, quando os parentes residentes são irmãos, irmãs ou primos de qualquer dos membros do casal. Pode também ocorrer que estas categorias se encontrem misturadas, ou seja, haver alargamento ascendente e descendente, descendente e lateral ou ascendente e lateral.

Finalmente, por *agregados familiares múltiplos* entendem-se todas as formas de grupos domésticos que incluem duas ou mais famílias ligadas por laços de parentesco ou casamento. Estas famílias podem ser simples ou extensas (alargadas horizontalmente ou verticalmente). A disposição da unidade familiar secundária, ou seja, aquela que não inclui o chefe de família, diz-se *ascendente* se o laço conjugal envolve uma geração anterior à do chefe de família, como, por exemplo, o pai ou a mãe. Esta unidade secundária pode incluir a descendência dos pais do chefe de família (excepto ele próprio), como é o caso dos irmãos e irmãs celibatários.

Classificação dos tipos de fogos, por categorias e classes, elaborada por Peter Laslett

[QUADRO N.º 10]

Categorias	Classes
1. Isolados	*a*) Viúvos *b*) Celibatários e estado matrimonial desconhecido
2. Pessoas sem laço de parentesco	
3. Família conjugal simples	*a*) Casal sem filhos *b*) Casal com filhos *c*) Viúvas com filhos *d*) Viúvos com filhos
4. Agregados familiares extensos ...	*a*) Ascendentes *b*) Descendentes *c*) Laterais *d*) Combinados
5. Agregados familiares múltiplos ..	*a*) Unidade(s) secundária ascendente *b*) Unidade(s) secundária descendente *c*) Todas as unidades ao mesmo nível *d*) *Frérèches* *e*) Diversos
6. Indeterminados	

Esta unidade secundária também pode ser *descendente* quando, por exemplo, o filho do chefe de família vive com a sua mulher e filhos.

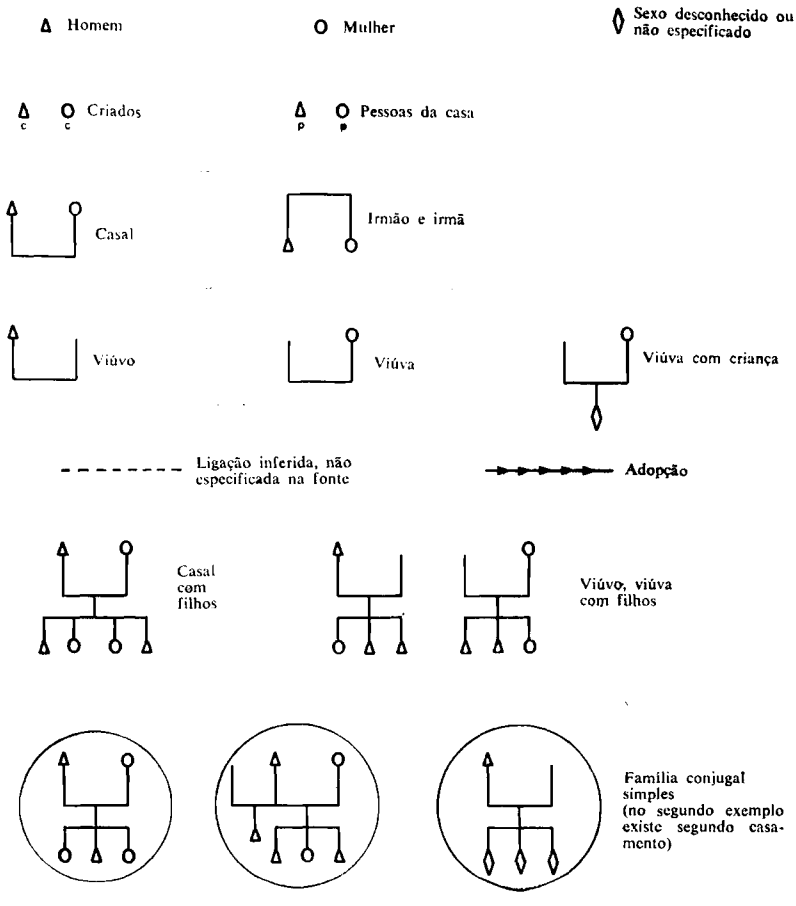
Embora nestes agregados familiares múltiplos possam existir mais de duas unidades familiares, é raro encontrarem-se situações desse tipo. Por outro lado, salvo indicação em contrário, os «criados» e «pessoas de casa»

são considerados como um todo, ligados à família simples, extensa ou múltipla, e não como ligados apenas a uma pessoa ou a qualquer das unidades familiares.

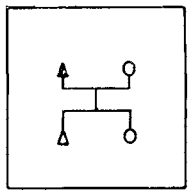
Se as unidades familiares no interior dos fogos são múltiplas e se encontram dispostas lateralmente, como acontece com irmãos casados vivendo em conjunto, os antropólogos costumam chamar a esta situação *fraternal joint family*. Mas esta expressão tem um emprego bastante lato, ou seja, abrange também todas as formas de agregados familiares múltiplos apresentados anteriormente. Atendendo ao critério classificativo que estamos a seguir [29], temos de distinguir situações em que estão presentes gerações anteriores ou posteriores das situações em que, não estando estas gerações presentes, apenas se observam as ligações laterais. Neste último caso designa-se este tipo de agregados familiares múltiplos por *frérèche*.

Tudo quanto dissemos anteriormente pode ser resumido no quadro classificatório proposto por Peter Laslett (ver quadro n.º 10).

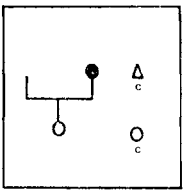
O mesmo autor também apresenta uma classificação ideográfica, em ordem a melhor se visualizar cada uma destas categorias e grupos:



[29] Peter Laslett, *op. cit.*



3.*b*)



3.*d*)

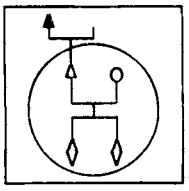
Agregados familiares simples

Notas:

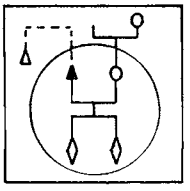
A classificação está conforme o quadro n.º 9

O fogo está envolvido por um quadrado

Os outros dois traços são o prédio onde se insere o fogo



4.*a*)



4.*d*)

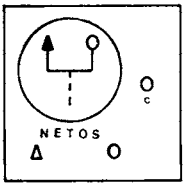
Agregados familiares extensos

4.*a*) Ascendente

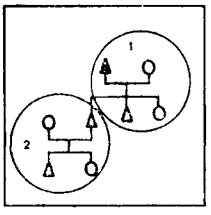
4.*d*) Descendente e lateral

4.*b*) Descendente, com criado e pessoa da casa

Nota — No caso 4.*b*) infere-se a ligação



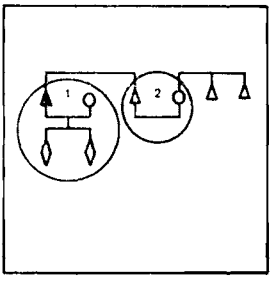
4.*b*)



5.*b*)

Agregado familiar múltiplo

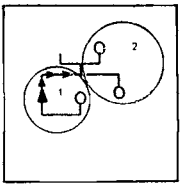
Nota — Unidade secundária descendente



5.*d*)

Frérèche

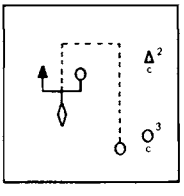
A



a)

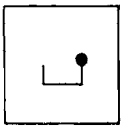
Prédio (Houseful)

B



4.*c*)

C



1.*a*)

No caso concreto de Salvaterra de Magos encontramos algumas dificuldades para aplicar na íntegra esta grelha de análise. Como já foi dito, apenas temos referenciados os casais, viúvos, viúvas, filhos, «pessoas de casa» e «criados», o que nos impede de saber quais destes agregados são extensos ou múltiplos. É certo que podemos, apenas com a exploração deste documento, representar ideograficamente os diversos tipos de agregados familiares existentes em cada um dos prédios e tentar a partir daí inferir algumas ligações. Mas, como numa segunda fase tencionamos cruzar esta informação com a dos registos paroquiais, preferimos neste momento o recurso à prudência. Para tal simplificámos consideravelmente a tipologia apresentada anteriormente e considerámos apenas aquelas situações claramente definidas na listagem: os isolados, as pessoas sem laço de parentesco, os agregados familiares simples, com ou sem pessoas estranhas. Os resultados obtidos são apresentados no quadro n.º 11.

Classificação dos tipos de fogos existentes em Salvaterra de Magos em 1788, por categorias e classes

[QUADRO N.º 11]

Categorias e classes	Total	Percentagem
1. Isolados	47	9,1
1.1 Viúvos	7	14,9
1.2 Viúvas	14	29,8
1.3 Celibatários	19	40,4
1.4 Celibatárias	5	10,6
1.5 Diversos	2	4,3
2. Pessoas sem laços de parentesco	33	6,4
2.1 Viúvos com «pessoas de casa» e/ou «criados»	1	3,0
2.2 Viúvas com «pessoas de casa» e/ou «criados»	5	15,2
2.3 Celibatários com «pessoas de casa» e/ou «criados»	20	60,6
2.4 Celibatárias com «pessoas de casa» e/ou «criados»	5	15,2
2.5 Diversos	2	6,1
3. Família conjugal simples sem pessoas estranhas	290	56,3
3.1 Casais sem filhos	52	17,9
3.2 Casais com filhos	184	63,4
3.3 Viúvos com filhos	9	3,1
3.4 Viúvos sem filhos	45	15,5
4. Família conjugal simples com pessoas estranhas	145	28,2
4.1 Casais sem filhos	33	22,7
4.2 Casais com filhos	79	54,5
4.3 Viúvos com filhos	14	9,7
4.4 Viúvos sem filhos	19	13,1
Total	515	100,0

O agregado familiar simples, sem pessoas estranhas, é de longe o tipo dominante (56,5 %), o que corresponde a um total de 290 fogos. Esta categoria de análise abrange, no entanto, quatro situações distintas: os casais sem filhos, os casais com filhos, os viúvos com filhos e as viúvas com filhos. O tipo dominante neste subgrupo são os casais com filhos,

que representam 63,4 % do total da categoria, seguindo-se os casais sem filhos (17,9 %) e as viúvas com filhos (15,5 %); finalmente, os viúvos com filhos não representam mais de 3,1 % desta categoria.

O segundo tipo dominante é a família conjugal simples com «pessoas de casa» e/ou «criados» (28,2 %), o que corresponde a um total de 145 famílias, onde a importância dos diversos subgrupos é a mesma, variando apenas o seu peso percentual.

Se juntarmos estes dois tipos, que, em termos de estrutura familiar, são idênticos, verificamos que a importância da família conjugal simples é de 84,5 %, ou seja, por cada 100 famílias 85 vivem segundo este tipo, das quais 51 são casais com filhos, 17 casais sem filhos, 4 viúvos com filhos e 13 viúvas com filhos.

Por outro lado, 6,4 % das pessoas cabeças-de-casal vivem sem parentes e apenas com «pessoas de casa» e/ou «criados», sendo a grande maioria celibatários dos dois sexos (75,8 %). Os restantes são viúvos (3,0 %), viúvas (15,2 %) ou eclesiásticos (6,1 %).

Finalmente, temos as pessoas que vivem completamente isoladas e que representam 9,1 % do total. A grande maioria são celibatários (51 %), seguindo-se as viúvas (29,8 %), os viúvos (14,9 %) e, finalmente, os eclesiásticos, que apenas representam 4,3 % do total da categoria.

O significado social destes isolados não é o mesmo. Se o estado de isolamento nos jovens celibatários pode ser uma situação transitória, o mesmo não acontece para os que se encontram na situação de viuvez, sobretudo nas idades mais avançadas. Assim, conjugámos cada uma das classes analisadas com a idade, agrupada em três grandes grupos, e obtivemos os resultados apresentados no quadro n.º 12.

Repartição dos isolados por grupos de idades, em percentagem

[QUADRO N.º 12]

	Menos de 40 anos	40-60 anos	Mais de 60 anos	Total
Viúvos	0,0	42,9	57,1	100,0
Viúvas	7,1	35,7	57,2	100,0
Celibatários	47,4	47,4	5,2	100,0
Celibatárias	20,0	60,0	20,2	100,0
Diversos	0,0	0,0	100,0	100,0

Tanto os viúvos como as viúvas parecem ser isolados de facto, na medida em que a quase totalidade tem mais de 40 anos, o que implica só dificilmente haver um novo casamento. Quanto aos celibatários, dada a sua importância no grupo com menos de 40 anos, é bem possível que alguns ainda se casem, reduzindo-se assim um pouco a importância do isolamento, que de qualquer forma não deixa de ser muito importante.

b) Distribuição das pessoas por idades, sexo e estado matrimonial; diferenças de idade entre os esposos

Em termos globais, já tínhamos apresentado a importância dos solteiros, casados e viúvos em cada sexo (ver quadro n.º 2) e havíamos chegado

à conclusão de que, se a importância relativa dos casados em cada sexo é idêntica, o mesmo não acontece para as outras categorias. Os solteiros são percentualmente mais importantes nos homens do que nas mulheres e nos viúvos é o inverso que se observa. Mas qual é a importância de cada um destes grupos nas diferentes idades do período fértil? Com base nos dados apresentados no quadro n.º 3, elaborámos o quadro n.º 13, onde apresentámos por grupos de idades a repartição proporcional de cada categoria de estado civil. Como é normal, tanto num sexo como noutro, à medida que avançamos em idade ao longo do período fértil, a proporção de solteiros diminui e a dos casados aumenta e, a partir de uma certa idade, começa a aparecer o fenómeno da viuvez.

Repartição por idade, sexo e estado matrimonial da população de Salvaterra de Magos em 1788, em percentagem

[QUADRO N.º 13]

Grupos de idades	Homens				Mulheres			
	Solteiros	Casados	Viúvos	Total	Solteiras	Casadas	Viúvas	Total
15-19	100	0	0	100	92	8	0	100
20-24	87	13	0	100	62	38	0	100
25-29	66	34	0	100	36	64	0	100
30-34	48	51	1	100	26	69	5	100
35-39	23	76	1	100	13	83	4	100
40-44	16	78	6	100	17	67	16	100
45-49	14	84	2	100	17	55	28	100

Quando analisámos as características da nupcialidade em Salvaterra de Magos, tínhamos chegado à conclusão de que os homens, em média, se casavam aos 29 anos e as mulheres aos 24 anos. Ora, quando observamos estas séries de proporções, não fazemos mais do que confirmar o que anteriormente se disse, ou seja, aos 30 anos apenas 34 % dos homens estão casados, ao passo que nas mulheres estão 64 %. Também podemos verificar o fenómeno da sobremortalidade masculina quando comparamos a importância da viuvez aos 50 anos nos homens (2 %) e nas mulheres (28 %).

Outro aspecto interessante é analisar as diferenças de idades entre os esposos. Apenas 6 % dos casais têm idade igual, em 79 % dos casos o marido tem uma idade superior à da mulher e em apenas 15 % dos casos a mulher é mais velha do que o marido. São dados interessantes de analisar, sobretudo quando sabemos que sensivelmente na mesma época se encontraram proporções de mulheres mais velhas que os maridos de 27 % em França, 0,5 % em Belgrado e 1,9 % no Japão [30]. Esta região tem assim valores um pouco abaixo dos de França, mas tem valores bastante superiores aos da Europa oriental e do Japão.

Porém, para além do interesse destas proporções, também julgámos interessante observar mais em pormenor a distribuição destas diferenças.

[30] Peter Laslett, *op. cit.*

Elaborámos para o efeito o quadro n.º 14. No caso de o marido ser mais velho que a mulher, em média a diferença de idades observada ronda os 9 anos, ao passo que, no caso inverso, a média ronda os 6 anos.

Diferenças de idades entre os esposos em Salvaterra de Magos, 1788

[QUADRO N.º 14]

Diferenças de idades	Idade do homem superior à da mulher			Idade da mulher superior à do homem		
	F_i	Percentagem	$CumF_i$ (percentagem)	F_i	Percentagem	$CumF_i$ (percentagem)
0 (igual)	20	—	—	20	—	—
1	19	6,96	6,96	7	13,46	13,46
2	29	10,62	17,58	8	15,38	28,84
3	9	3,30	20,88	4	7,69	36,53
4	20	7,33	28,21	8	15,38	51,91
5	14	5,13	33,34	6	11,54	63,45
6	31	11,36	44,70	3	5,77	69,22
7	6	2,20	46,90	2	3,85	73,07
8	24	8,79	55,69	2	3,85	76,92
9	11	4,03	59,72	1	1,92	78,84
10	38	14,29	74,01	6	11,54	90,38
11	6	2,20	76,21	0	0,00	90,38
12	8	2,93	79,14	1	1,92	92,30
13	2	0,73	79,87	0	0,00	92,30
14	9	3,30	83,17	1	1,92	94,22
15	6	2,20	85,37	0	0,00	94,22
16	9	3,30	88,67	0	0,00	94,22
17	3	1,10	89,77	0	0,00	94,22
18	4	1,47	91,24	1	1,92	96,14
19	3	1,10	92,34	0	0,00	96,14
20	12	4,40	96,74	1	1,92	98,06
21	2	0,73	97,47	0	0,00	98,06
22	2	0,73	98,20	0	0,00	98,06
23	2	0,73	98,93	0	0,00	98,06
24 + ...	4	1,43	100.00	1	1,94	100,00
Total ...	273	100,00	—	52	100,00	—
	$\bar{X} = 8,6$			$\bar{X} = 5,8$		

Assim, para além de, na grande maioria dos casais, o homem ter uma idade superior à da mulher, ficamos também a saber que a amplitude das diferenças de idades neste caso é bastante maior. Uma outra forma de chegar à mesma conclusão é observarmos as séries de frequências acumuladas: por exemplo, até 5 anos de diferença no primeiro caso estão contidas apenas 33 % das observações, ao passo que no segundo estão contidas 63 % dessas observações.

Note-se até como, a partir dos 10 anos de diferença, são raras as situações em que a mulher está casada com um homem novo.

c) O chefe de família

Procurámos, em primeiro lugar, saber qual seria a repartição dos chefes de família por estado matrimonial e chegámos à conclusão de que os 515 fogos se encontravam repartidos da seguinte maneira:

Casados	348
Viúvos	31
Viúvas	83
Celibatários	39
Celibatárias	10
Diversos	4

Ou seja, dos 515 fogos existentes apenas podemos afirmar que existem 462 famílias, visto que os celibatários e os eclesiásticos não constituem propriamente uma família. Podemos ainda apurar um pouco mais este novo efectivo global se tivermos em conta que na categoria dos viúvos existem pessoas que vivem absolutamente isoladas ou acompanhadas apenas por elementos não pertencentes à sua família (8 viúvos e 19 viúvas). Se os eliminarmos do nosso cálculo, ficamos apenas com 435 famílias propriamente ditas, das quais 80 % dos chefes de família são casados, 14,7 % são viúvas e os restantes são viúvos.

Que idade têm estes chefes de família?

Se somarmos horizontalmente a informação contida no quadro n.º 15, verificamos que existem apenas 12 chefes de família com menos de 25 anos, 24 entre 25 e 29 anos, 48 entre 30 e 34 anos, 50 entre 35 e 39 anos, 96 entre 40 e 44 anos, 67 entre 45 e 49 anos e os restantes depois deste grupo de idades. Estamos assim perante uma situação em que existe um manifesto envelhecimento, visto ser necessário passar os 44 anos para termos mais de metade dos chefes de família. A classe modal é a dos chefes de família com 40 a 44 anos de idade.

Número de filhos segundo a idade do chefe de família

[QUADRO N.º 15]

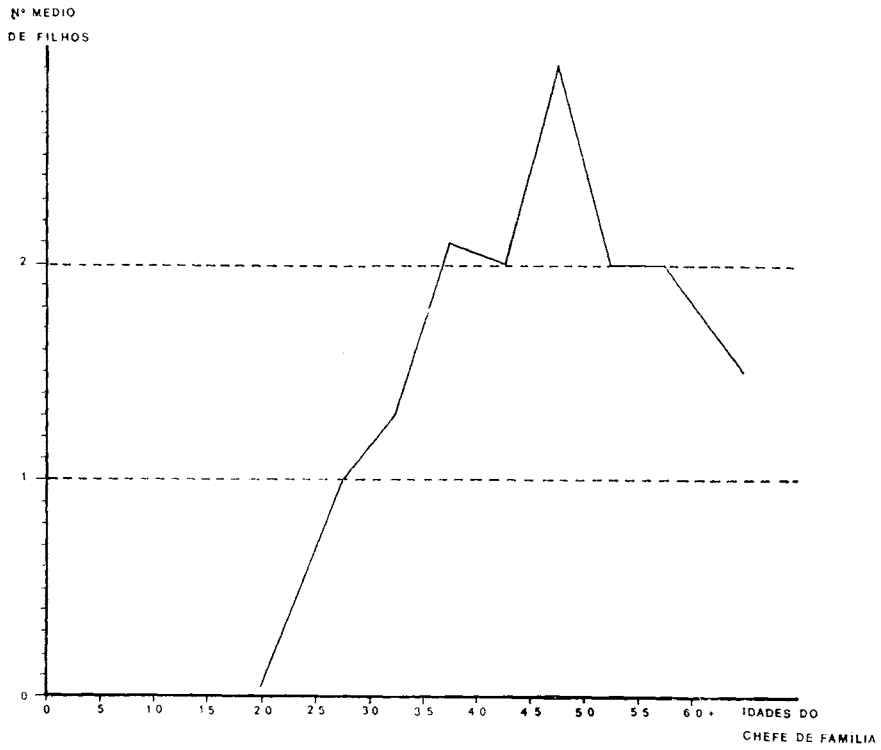
Idade do chefe de família	Número de famílias com							Número médio de filhos
	0	1	2	3	4	5	6 +	
Menos de 25 anos	8	4	0	0	0	0	0	0,004
25-29 anos	7	12	4	0	1	0	0	1,000
30-34 anos	12	21	8	5	0	0	2	1,333
35-39 anos	8	12	10	10	6	3	1	2,140
40-44 anos	21	19	18	23	8	5	2	2,010
45-49 anos	10	7	8	17	11	6	8	2,925
50-54 anos	15	8	12	8	9	4	0	2,000
55-59 anos	5	5	5	3	4	2	0	2,080
60 +	28	20	17	6	7	5	2	1,612
Total	114	108	82	72	46	25	15	1,920
Percentagem	24,5	23,4	17,8	15,6	10,0	5,4	3,3	100,0

Portanto, até este momento já sabemos que o chefe de família típico em Salvaterra de Magos, em 1788, era um homem casado, com uma idade situada entre os 40 e os 50 anos, chefiando uma família cuja dimensão, em média, ronda as 4 pessoas, ou, mais precisamente, 4,2 pessoas.

Estes chefes de família não tinham, pois, famílias numerosas (com pessoas estranhas incluídas), nem tão-pouco eram jovens. Mas qual seria, em média, o número de filhos? Também não eram muito numerosos — apenas 1,92 por família — e variando bastante com a idade do chefe de família, conforme se pode verificar no quadro n.º 12 e no gráfico VIII.

Número médio de filhos segundo a idade do chefe de família

[GRÁFICO VIII]



À medida que vai aumentando a idade do chefe de família, maior é o número médio de filhos, até se atingir um máximo no grupo 40-44 anos, começando a declinar a partir deste grupo de idades.

Finalmente, tentámos ainda saber quais eram as profissões cujo chefe de família tinha mais de 5 filhos. Por profissões não chegámos a nenhum resultado significativo, mas, quando agrupámos a informação por sectores, pudemos verificar que, nas famílias que têm mais de 5 filhos, 16 dos seus chefes exercem uma actividade ligada ao sector primário (40 %), 8 ao sector secundário (20 %), 13 ao terciário (33 %) e os restantes 7 %

são viúvas sem actividade especificada. Existe portanto uma predominância de famílias numerosas ligadas às actividades agrícolas, mas o que nos pareceu mais curioso foi o facto de não encontrarmos nenhum lavrador nesta categoria, apesar de existirem 26 e de sabermos que é nesta profissão que se encontram o maior número de pessoas por fogo. A ideia de que, numa sociedade rural-tradicional de Antigo Regime, os filhos são unidades de produção e consumo, o que implica serem uma vantagem económica para as classes que detêm o controlo das unidades de produção, e por isso mesmo numerosos, parece não se verificar em Salvaterra de Magos.

Tudo indica que os lavradores preferem dispor de mais «pessoas de casa» do que ter uma família numerosa. É nos eguariços, cingeleiros, lobeiros, campinos, etc., que encontramos este tipo de famílias. Embora sem ser muito significativo, pensamos ser interessante salientar que, dos 40 campinos existentes, 3 têm famílias com mais de 5 filhos.

O sector terciário é o segundo em importância, com 33 %, e, tal como aconteceu anteriormente, os 13 casos apurados dispersam-se pelas diferentes profissões, mas, em todo o caso, não deixa de ser digno de nota que, tal como já tínhamos concluído em relação ao gado, 2 dos 3 almoxarifes existentes têm família numerosa.

Finalmente, no sector ligado ao artesanato, a maioria das famílias numerosas encontram-se no artesanato ligado aos serviços, em particular nos sapateiros.

4.3 AS ESTRUTURAS PROFISSIONAIS

No documento em análise constam três colunas respeitantes aos «ofícios» do cabeça-de-casal, dos filhos e das «pessoas de casa». Todas estas profissões dizem respeito apenas ao sexo masculino, não existindo qualquer espécie de menção das profissões eventualmente existentes no sexo feminino, excepto quando estão em serviços domésticos. A informação respeitante aos criados do sexo feminino aparece repartida em duas colunas: no coluna dos «criados» e na coluna da profissão dos filhos.

Mas, pelo facto de as profissões do sexo masculino virem explicitadas, tal não significa que a nossa análise seja isenta de dificuldades. Existe uma enorme pulverização de pequenas profissões que nuns casos aparecem com distinções de grande pormenor (por exemplo, nos valadores distingue-se entre cabos, mestres e apontadores) e noutros casos os contornos estão mal definidos (por exemplo, trabalhadores, «do campo» e «moços do monte»). Por outro lado, o exercício de uma profissão naquela altura não era tão bem definido como é nos dias de hoje: um escrivão das coutadas também pode ser lavrador, um sapateiro pode ter uma taberna, um ferreiro pode ser também serralheiro, etc.

Também nos é facultado no fim um resumo com os efectivos apurados nas principais profissões, com uma ordem onde tudo indica ter-se seguido o critério do estatuto social: clérigos, estudantes, almoxarifes, oficiais de coutadas e justiça, negociantes, lavradores, artesãos, trabalhadores e criados de servir. Os aspectos mais interessantes desta ordenação é o facto de os estudantes ocuparem a segunda posição e de os negociantes e marchantes antecederem os lavradores. Em todo o caso, este agrupamento não só despreza a riqueza dos diversos tipos de profissões, como também dificulta a sua separação em tipos analíticos passíveis de tratamento ulterior.

Assim, retomámos no documento a totalidade da informação nele existente e procedemos da seguinte forma:

Ignorámos as raras profissões existentes mencionadas para o sexo feminino;
Sempre que existia para uma pessoa mais de uma profissão, apenas considerámos aquela que nos parecia ser a mais importante, tendo em conta as características do fogo (normalmente é a mencionada em primeiro lugar);
Contámos os aprendizes nas profissões onde se realiza essa aprendizagem;
Por «trabalhadores» entendemos trabalhadores agrícolas.

Tomada esta decisão, faltava-nos ainda encontrar um critério classificativo que nos permitisse sistematizar as diversas profissões encontradas. Ora, recentemente, Jacques Dupâquier [31], ao analisar as estruturas profissionais da região de Paris no século XVIII, propôs uma classificação em três grandes grupos — profissões agrícolas, artesanato e transportes e serviços —, o que nos permite agrupar as profissões pelos principais sectores de actividade. Como é evidente, não nos limitámos a traduzir os tipos de profissões existentes nessa classificação, porque as regiões têm características diferentes. Procurámos, dentro do espírito que presidiu à sua estruturação, arrumar a nossa informação. Os resultados obtidos são apresentados no quadro n.º 16.

Assim, 59,43 % da população pertence ao sector primário, 20,60 % ao secundário e 19,97 % ao terciário. Nestes cálculos, à semelhança do tratamento dado por Dupâquier, não incluímos as pessoas que estão a servir, ou seja, os criados, tanto dum sexo como doutro. Estes resultados, estruturalmente, são muito semelhantes aos encontrados na região de Paris (61,3 % no sector primário, 24,2 % no sector secundário e 14,5 % no sector terciário), apesar das dificuldades que tivemos em distinguir claramente em muitos casos a diferença entre artesãos e negociantes. Talvez até, no nosso caso, a importância do sector terciário seja inferior à real, devido a essa dificuldade, apesar de, sempre que se mencionava uma profissão, nós a contarmos no artesanato.

Mas voltemos aos resultados obtidos e analisemo-los um pouco mais em pormenor. No sector primário, que, como dissemos, ocupa 59,43 % da população activa, mais de metade (34,70 %) aparece designado como simples trabalhador, havendo, no entanto, alguns casos em que aparecem outras especificações, como «do campo» e «moços do monte»; em seguida, a ocupação mais importante é a de «campino» (6,34 %), que antecede os «pastores» (4,44 %) e os «lavradores» (4,12 %); seguem-se os «emprazadores» (pessoas que perseguem a caça grossa) e os «falcoeiros», com 2,38 %; finalmente, com reduzida importância, aparecem uma série de pequenas profissões onde apenas os «cingeleiros» têm uma importância superior a 1 %.

No sector secundário trabalham cerca de 20 % da população activa, dos quais 10,45 % trabalham no artesanato ligado aos serviços (sapateiros, alfaiates e barbeiros); os restantes 10 % repartem-se pelos outros tipos

[31] J. Dupâquier, *op. cit.*

Estrutura profissional de Salvaterra de Magos em 1788

[QUADRO N.º 16]

Profissões	Números absolutos	Percentagem
1. Profissões agrícolas	375	59,43
1.1 Lavradores	26	4,12
1.2 Trabalhadores, «do campo», «moços do monte»	219	34,70
1.3 Pastores, guardadores, cabreiros	28	4,44
1.4 Valadores (cabos, mestres, apontadores)	5	0,79
1.5 Campinos	40	6,34
1.6 Emprazadores	15	2,38
1.7 Falcoeiros	15	2,38
1.8 Lobeiros	6	0,95
1.9 Couteiros	6	0,95
1.10 Cingeleiros	8	1,27
1.11 Hortelões	5	0,79
1.12 Diversos	2	0,32
2. Artesanato	130	20,60
2.1 Ligado às actividades agrícolas		
2.1.1 Moleiros	7	1,11
2.1.2 Ferradores e ferreiros	5	0,79
2.1.3 Abegões	3	0,48
2.2 Ligado à construção		
2.2.1 Carpinteiros e entalhadores	13	2,06
2.2.2 Pedreiros e canteiros	19	3,01
2.2.3 Serralheiros	3	0,48
2.2.4 Pintores	4	0,63
2.3 Ligado à alimentação		
2.3.1 Cortadores e tripeiros	2	0,32
2.3.2 Forneiros	4	0,63
2.3.3 Padeiros	2	0,32
2.4 Ligado aos serviços		
2.4.1 Sapateiros	44	6,96
2.4.2 Alfaiates	13	2,06
2.4.3 Barbeiros	9	1,43
2.5 Diversos		
2.5.1 Cesteiros	2	0,32
3. Transportes e serviços	126	19,97
3.1 Transportes		
3.1.1 Marítimos	24	3,79
3.2 Comércio		
3.2.1 Taberneiros	8	1,27
3.2.2 Merceeiros	4	0,63
3.2.3 Tendeiros	11	1,74
3.2.4 Marchantes, negociantes, mercadores	7	1.11
3.2.5 Caixeiros	3	0,48
3.2.6 Diversos (boticário, estalajadeiro, etc.)	3	0,48

Profissões	Números absolutos	Percentagem
3.3 Serviços		
3.3.1 Cirurgiões, médicos, sangradores	5	0,79
3.3.2 Escrivães	6	0,95
3.3.3 Almoxarifes, alcaides, fiéis, priostes e meirinhos	11	1.74
3.3.4 Professores e mestres	2	0,32
3.3.5 Diversos	4	0,63
3.3.6 Criados	173	—
3.3.7 Distribuidor	1	0,16
3.4 Diversos		
3.4.1 Estudantes	23	3,65
3.4.2 Vivem dos seus bens	3	0,48
3.4.3 Padres	3	0,48
3.4.4 Sacristães e capelães	5	0,79
3.4.5 Com ordens	3	0,48
Total	631	100,00

Nota — Os «criados» não são considerados nos cálculos.

de artesanato — 6,18 % ligados à construção civil (carpinteiros, pedreiros, serralheiros e pintores), 2,38 % ligados à actividade agrícola (moleiros, ferradores, ferreiros e abegões), 1,27 % ligados à alimentação (cortadores, forneiros e padeiros) e os restantes 0,32 % são cesteiros.

Finalmente, no sector terciário trabalha igualmente cerca de 20 % da população activa. Nos transportes trabalham 24 marítimos, que representam 3,79 % do total; o comércio ocupa 5,71 %, sendo os tendeiros a actividade comercial mais importante, seguida dos «taberneiros» e dos «negociantes»; os serviços ocupam 4,59 %, sendo o grupo dos «almoxarifes, alcaides, fiéis, priostes e meirinhos» o mais importante; finalmente, o grupo dos «diversos» representa 5,88 % do total, no qual os estudantes têm a importância de 3,65 %.

Trata-se, portanto, de uma estrutura profissional, que, apesar de inserida em meio rural, é bastante diversificada. Seria interessante dispormos de uma estrutura profissional mais urbana e na mesma época para podermos comparar o peso relativo das diversas profissões e sectores. Por outro lado, e à semelhança do que acontece noutros países, o trabalho feminino raramente é tido em consideração, pelo que não podemos afirmar que a população activa representa apenas 29 % da população total. Mais ainda, o documento apenas tem em consideração as pessoas estabelecidas, mascarando-se assim o calendário da vida activa, que numa sociedade tradicional comportava, em geral, duas fases distintas: uma de serviço e aprendizagem e outra de pleno exercício da profissão; entre as duas existe uma etapa capital, que é o estabelecimento numa profissão que coincide, em geral, com o casamento (o termo «servindo» pode significar algo diferente de «criado» e qualquer dos termos pode perfeitamente ser uma fase transitória até poderem estabelecer-se ou ter uma profissão).

Apenas ficamos a saber que existem 8 % de «criados», o que é um valor muito aproximado dos encontrados em outros trabalhos, dos quais metade pertence a idades anteriores à idade média no casamento.

5. CONCLUSÃO

Conforme afirmámos em «1. Introdução — O nascimento de um programa de investigação», este artigo insere-se num programa mais amplo, pelo que se torna prematuro elaborar quaisquer conclusões acerca das características sociodemográficas de Portugal nos finais de Setecentos. De qualquer forma, da análise do documento parece ressaltar que estamos perante uma estrutura sociodemográfica típica do Antigo Regime.

Resta-nos saber em que medida Salvaterra de Magos constitui um modelo cujas características podem ser identificadas com a realidade da região em que se insere (porventura do País), ou se, pelo contrário, estamos perante uma realidade específica. Só os trabalhos posteriores, inseridos no nosso Programa de Demografia Histórica, nos permitirão responder a esta questão em ordem a podermos tirar conclusões.

ANEXO

(o documento original)

VILLA DE SALVATERRA DE MAGOS

Esta Villa se acha situada em terras da Coroa ao Sul do Rio Tejo, 9 Legoas distante de Lisboa para aparte de Leste, com huma Freguezia denominada S. Paulo sujeita ao Patriarcado; he do Padroado Real e da Comarca de Santarem; tem 515 fogos.

PORORDEM
DO
PRINCEPE NOSSO SENHOR
MAPPA TEPOGRAFICO.
DA
VILLA DE SALVATERRA DE MAGOS.
NOTAS.
Oque semostra em Cor de Rosa viva saõ propriaz de S. A. R.
Oque semostra em Cor de Rosa seca saõ foreiras a S. A. R.
Acor de Ouro saõ de SUA MAGESTADE.
Acor de Sinza pertence a Populaçaõ
ANNO DE 1788
Ribeira Velha
Rua de Cabeceira
Rua de Armazem
Calçada
MM
LL
HH
II
DD
EE
CC
AA
BB

VILLA DE SALVATERRA DE MAGOS.

Esta Villa se acha situada em terras da Coroa ao Sul do Rio Tejo, 9. Legoas distante de Lisboa para aparte de Leste, com huma Freguezia denominada S. Paulo sujeita ao Patriarcado; he do Padroado Real e da Comarca de Santarem; tem 515 fogos.

Nº dos Fogos	Nomes dos Cazaes.	Idades.	Officios	Filhos					Pessoas de Caza					Criados				Grados								Observaçoens.
				Machos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Machos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Machos	Idades	Femeas	Idades	Boys de Trabalho	Boys Alferes	Ovelhas	Cabras	Porcos	Cavalos	Mulos	Jumentos	ON.º dos fogos correspondem ao Mappa Topographico pellas Letras do Alfabeto.
A 1	Jose Xavier Pinto Izabel Domicilia	48 32	Escrivao dos Paços	2	6 1		3	27 25 9 7						1	12			8					6		1	
B 2	Martinho Frade Viuvo	65	Servindo				2	15 13																		
C 3	Joaquim Joze de Miranda Catharina Vitoria	44 40	Trabalhador						1	37	Pastor															
D 4	Viuva Domicilia Antonia	45		2	26 22	Estudantes																				
5	Viuva Maria Joaquina	55		2	26 20																					
E 6	Solteira Roza Nunes	44										1	80													
7	Francisco Gomes Viuvo	60	Vive dos seus Bens				4	30 2 13 3						*												
8	Joaquim de Souza Francisca Barbara	50 48	Alcaide do Campo dos Freires	2	14 11		3	22 20 16															1			
F 9	Joze Rodrigues Marianna Ignacia	70 57		1	35				2	27 2	Moço do monte	1	3			1	41						1			
10	Antonio Nunes Maria Ignacia	48 46	Trabalhador				2	13 10																		
11	Manoel Ferreira Solteiro	35	Cortador						1	24	Tripeiro															

12	Viuva Apelonia Luiza	 40		1	20	Trabalha dor.	2	22 15																				
13	Joze Jorge Anna Joaquina	50 50	Cabo das Valas.				1	11.																				
14	OP.e F.r Joaõ de Santa Roza Rebusto	66	Comissario da ordem de S. Francisco																									
15	Alexandre Duarte Bernardina Thereza	60 70	Fid da Caza das Obras													2	40 18							1				
16	Francisco Ribeiro Mariana Joze'a	34 40	Barbeiro						5	26 22 18 14 8	do Campo Barbeiro Aprendis.																	
17	Dionizio Duarte Maria Babara	56 49	Maritimo						1	35	Maritimo															1		
18	Manoel Gomes Damazia Roza	46 27	Trabalha dor.																									
19	Pedro Caetano D. Anna Ignacia	65 62	Vive dos seus bens	1	24		2	32 30																				
20	Joaõ de Mello Maria Leonor	22 20	Lavrador	1	1				1	27				2	27 24	1	14	32				16						
21	Viuva Anna Luiza	 50		2	18 11	Trabalha dores.	2	24 20																				
22	Viuva Maria da Encarnaçaõ	 50		3	11 7 2																							
23	Antonio Simoes Maria Madalena	36 26	Trabalha dor.	1	5		1	1																				
24	Joze Rodrigues Maria Joaquina	60 60	Trabalha dor.																							1		
25	Luis de Oliveira Eugenia Maria	26 50	Trabalha dor.									1	60															
G 26	Dionizio Antonio Joanna Maria	46 32	Moço do monte				3	20 12 3																		1		

N.º dos Fogos	Nomes dos Cazaes.	Idades.	Officios	Filhos. Maxos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Pessoas de Caza Maxos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Criados. Maxos	Idades	Femeas	Idades	Gados. Boys de Trabalho	Boys Alferces	Ovelhas	Cabras	Porcos	Cavalos	Mulos	Jumentos	Observacoens.
27	João Pedro	65	Vive dos seus bens	2	14	Estudante	1	2															2			
	Quiteria Catherina	54			3																					
					1																					
28	Joze Lopes	40	Marchante.	2	4		1	6								1	14	6					3		2	
	Maria Marcelina	29			2																					
29	Apollinario Gomes	60	Campino																						1	
	Izabel Maria	40																								
30	Viuva															1	25									
	Antonia Marcelina	47																								
31	Antonio de Souza	36	Trabalhador																							
	Izidora Maria	40																								
32	Manoel da Silva	46	Pastor				1	18	1	28	Pastor.															
	Severina Roza	40																								
33	Ignacio da Costa	56	Guardador				1	3																		
	Anna Iria	30																								
34	Andre Soares	36	Guardador				3	7																		
	Luiza Ignacia	28						3																		
								1																		
35	Viuva			2	30	Pastores																				
	Luiza da Conceição	60			22																					
36	Manoel Mendes	30	Trabalhador																							
	Maria do Carmo	33																								
37	Manoel Duarte	40	Vallador						1	15															1	
	Verdiana Caniça	45																								
H 38	Joze dos Santos	46	Pastor	1	8		2	3				2	13			1	30									
	Joanna Maria	44						6					11													
39	João Antonio	59	Escrivão da Camera																							
	D. Agostinha Thereza	59																								
40	Joze Antonio	50	Trabalhador																						1	
	Viuvo																									

41	Viuva Anna Roza	 54		1	15	Trabalhadora	1	24																				
42	Antonio Alexandre Luiza Ritta	10 48	Escriuão do Almoxarifado	5	16 15 12 8	Lauradores Estudantes								1	20	2	60 20	48				26		1				
43	Alexandre Lopes Lurza Maria	40 20	Trabalhadora																					1				
44	Manoel Soares Mariana Victoria	42 40	Lobeiro																			1						
45	Antonio Marques Maria daPiedade	55 24	Abegaõ	1	1																							
46	Constantino Lobo Lodobina Maria	50 45	Pastor.																									
47	Francisco Ferreira Marianna Cezillia	46 50	Ferreiro.						1	21	Brendis.																	
48	Manoel Rugas Joaquina Roza	40 55	Trabalhadora				1	2																				
49	Bartolomeu Gomes Anna Roza	30 24	Trabalhadora	1	1																				1			
50	Manoel deAlmeida Lodobina Correa	46 32	Guarda dor	1	12		2	8 6																	1			
51	Sebastião deOliveira Chirstina Maria	46 38	Pastor.	2	9 6		1	2																				
J 52	Marcelino Correa Angela Maria	25 21	Pastor.	1	2																							
53	Manoel Pereira Viuvo	60 	Maritimo	3	18 14 10	Pedreiros	2	20 14	3	32 4 1	Maritimo	1	2															
54	Paulo Ribeiro Antonia Maria	30 28	doCampo	1	4		1	1																				
55	Francisco Viegas Joaquina Maria	35 30	Maritimo	2	8 1		1	5																				
56	Faustino Gaspar Joaquina Roza	48 40	doCampo	3	13 13 9	Servindo																						
57	Domingos Lopes Theodora Maria	63 60	Trabalhadora	2	30 28	Trabalhadores																			1			

Nº dos Fogos	Nomes dos Cazaes.	Idades.	Officios	Filhos. Maxos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Pessoas de Caza Maxos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Criados. Maxos	Idades	Femeas	Idades	Gados. Boys de Trabalho	Boys Alferces	Ovelhas	Cabras	Porcos	Cavalos	Muloz	Jumentos	Observaçoens.
58	Antonio Soares	42	Trabalhador	1	12		2	15																		
	Anna Quiteria	40						1																		
59	Joaõ Vicente	36	Campino	2	4		1	7				1	54													
	Thereza de Jezus	24			1																					
60	Joaõ Lopes	40	Trabalhador	3	9	Servindo																			1	
	Bernardina de S. Joze	45			7																					
					2																					
61	Francisco Leal	55	Taberneiro																							
	Solteiro																									
62	Joze Pastana	46	Pastor	1	2		1	9																		
	Ritta da Conceiçaõ	30																								
63	Viuva																									
	Damazia Rodrigues	80																								
64	Joze Antonio	45	Couteiro	1	21		1	17				1	38			2	20						1			
	D. Ritta Luiza	42															14									
65	Manoel Lopes	55	Emprazador															2					1			
	Maria Jgnacia	57																								
66	Felipe Jorge	45		5	10		1	12																		
	Anna Luiza	42			7																					
					1																					
67	Henrique Bras	60	Maritimo																							
	Ritta Pascoella	50																								
68	Miguel da Payxaõ	40	Trabalhador	1	1																					
	Maria do Castello	20																								
69	Joze Ferreira	46	Trabalhador																							
	Maria Joaquina	40																								
70	Joaquim Santareno	45	Maritimo	3	15	do Campo																				
	Jozefa Maria	45			13																					
					5																					
71	Luis Gomes	30	Trabalhador																							
	Anna Joaquina	28																								
72	Joze da Payxaõ	42	Maritimo				2	19	1	28	Trabalhador	1	1													
	Izabel Maria	41						15																		

73	Viuva Jozefa Thereza	 46								3	46 25 13	Maritimo Sanchres taõ	1	100														
L 74	Antonio Soares Anna Roza	48 58	Moço de monte																							1		
75	Viuva Costodia Maria	 50						2	12 10																			
76	Joaõ Rapozo Anna Victoria	40 45	Lobeiro																				1					
77	Manoel deJezus Anna Ritta	42 36	Negocian te.	2	12 7			2	7 2														1					
78	Manoel deOliveira Antonia Maria	38 30	Trabalha dor.	1	10																							
79	Manoel Alexandre Anna Joaquina	40 40	Pastor	3	19 17 1	do Campo																						
80	FranciscoThemoteo Maria Nunes	40 28	Escrivaõ das Contadas e Lavrador.	2	8 1			1	7						1	15	1	20	28	20			20		1			
81	Viuva Thereza Perpetua	 32																										
82	Joaõ da Serra Joaquina Barbara	46 40	Guarda do deMonte Alvo.	3	15 6 4	Pedreiro		2	13 11																	1		
83	Joaõ Lopes Viuvo	35 	Pintor	1	21	Pintor		1	24				1	40														
84	Viuva Ritta da Conceiçaõ	 66	Com Taberna.										1	65														
85	Manoel Viegas Maria Thomazia	34 35	Pedreiro	1	2			2	10 8				1	60														
86	Luis Joze Lucinda Maria	45 33	Pedreiro	1	2			1	16																			
87	Joze Lucas Fellipa Luiza	35 36	Escrivaõ da Almotaçaria.	2	7 2			1	8																			
M 88	Joze Pires Jgnes Maria	45 30	Trabalha dor.	2	8 2			2	12 10				1	4												1		

Nº dos Fogos	Nomes dos Cazaes.	Idades	Officios	Filhos. Maxos	Idades	Officios.	Femeas	Idades	Pessoas de Caza Maxos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Criados. Maxos	Idades	Femeas	Idades	Gados. Boys de Trabalho	Boys Alleiros	Ovelhas	Cabras	Porcos	Cavalos	Mulos	Jumentos	Observaçoens.
89	Theodozio Joze	52	Trabalhador									2	50												1	
	Solteiro												48													
90	Francisco Pinto	46	Marchante													1	10						2			
	Anna Maria	42																								
91	Antonio Lopes	25	Pastor	1	1																				1	
	Ritta Maria	19																								
92	Silvestre da Costa	35	Negociante				1	1				1	25									4			4	
	Eufrazia Maria	26																								
93	Estevaõ Pinto	24	Alfayate						5	30 / 28 / 22 / 20	Pintores / Carpinteiros	4	26 / 21 / 13 / 8												1	
	Solteiro																									
94	Viuva						2	19																		
	Geneveva Maria	40						12																		
95	Joaquim Roquete	36	Lavrador	3	9 / 2 / 1		1	7						1	9	1	20	28					16		1	
	Marianna Jozefa	25																								
N 96	Raymundo Ferreira	30	Trabalhador																							
	Suzana Maria	28																								
97	Joaquim Joze	22	Trabalhador																							
	Ignes Maria	75																								
98	Viuva																									
	Lourença Gamita	50																								
99	Antonio Joze	50	Lavrador do Paul de S.A.R.				3	20 / 9 / 5															1			
	Dionizia Gezillia	40																								
100	Joze Rodrigues	60	Com.te Logeda Mercearia						1	50		2	30	1	18	1	16	2							1	
	Clara Maria	61											21													
101	Joaquim Rebello	39	Sapateiro	3	9 / 5 / 1		1	7	1	22	Sapateiro	1	60													
	Getrudes Leocadia	28																								
102	Joze Leonardo	42	Mercador	1	9		1	10	1	28	Caxeiro	1	55	1	24	1	38						1		2	
	Maria Roza	38																								
103	Estanisláo Joze	35	Ferreiro	2	9 / 5		2	12 / 7	1	28	Servindo														3	
	Lucinda Maria	34																								

O 104	Francisco Barreto D. Maria Travaços	26 17	Lavrador					1	2					1	33	1	14	1	14	12					12		1	
105	José dos Santos Maria Joaquina	63 30	Trabalhador	2	22 18	Trabalhador e Carpinteiro																				
106	Viuva Mariana Ignacia	48		2	24 16	Sapateiros.		1	20																	
107	Bernardo da Silva Anna Victoria	40 32	Moço do Monte	2	19 4			1	1																	1
108	Joze Manoel Anna Victoria	31 27	Alcaide					1	1					1	48											
109	Joaquim Joze Getrudes Roza	36 26	Barbeiro	2	10 6			2	8 1																	
110	Viuva Maria Joaquina	50		2	14 10																					
P 111	Viuva Joanna Rapoza	66		1	48					1	10															
112	Joze de Almeida Solteiro	42	Emprazador							1	38	Moço do Monte	7	Lavrador		1	17	1	18	4			6	3		1
113	Joze Joaquim D. Anna Victoria	42 33	Almocarife dos dimas Reais	4	14 12 8 1	Estudantes		2	16 5											24	7			16		2
114	Francisco Henriques Clara Maria	46 33	Sapateiro	3	15 4 1			4	16 14 8 6																	
115	Ignacio Joze Roza Joaquina	48 40	Sapateiro	3	13 9 6			2	19 11																	
116	Nicolaõ Lettaõ Mariana Victoria	34 17	Pastor							4	38 12 10 8	Pastor Servindo		1	40											
117	Viuva Joanna de S. Joze	70								1	62															
118	Antonio Joze Solteiro	30	Sapateiro										3	60 34 32												
119	Luis de Barros Maria Joaquina	32 26	Ortelaõ					1	2																	

Nº dos Fogos	Nomes dos Cazaes	Idades	Officios	Filhos: Maxos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Pessoas de Caza: Maxos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Criados: Maxos	Idades	Femeas	Idades	Gados: Boys de Trabalho	Boys Alfeiros	Ovelhas	Cabras	Porcos	Cavalos	Mulos	Jumentos	Observaçoens
Q 120	Antonio Joze	40	Caxeiro																							
	Solteiro																									
121	Joze Caetanno	42	Ferreiro	1	1		2	11																		
	Anastacia Roza	36						3																		
R 122	Domingos Antonio	16	Trabalhador e Taberna	2	14		2	15																	1	
	Anna Joaquina	36			2			1																		
123	Manoel Rodrigues	58	Sapateiro	2	14																					
	Angela Maria	54			11																					
124	Joze Leal	60	Cabo das Vallas	2	10		1	6																		
	Theodozia Joaquina	44			1																					
125	Viuva			2	28	Meirinho e Moco de Monte	3	24	1	16													3			
	Anna Godinha	46			12			16																		
								14																		
126	Theodoro Ferreira	48	Mestre de Meninos									1	67													
	Solteiro																									
127	Manoel Mendes	60	Pastor	1	18	Campino	3	26																		
	Francisca Maria	48						20																		
								12																		
128	Joze de Faria	37	Ajudante da Falcoaria	5	15	Da Falcoaria Estudante	1	16										2							2	
	Marianna Zeferina	34			13																					
					7																					
					3																					
129	Viuva																									
	Theodora Maria	96																								
130	Solteira																									
	Maria da Conceiçaõ	60																								
131	Joaõ da Silva	70	Couteiro e Lavrador	1	17	Estudante	3	40						1	20	2	20						1		1	
	Viuvo							22									11									
								18																		
132	Antonio Elias	48	Sapateiro	2	16	Trabalhador	5	13																	1	
	Maria Luiza	44			6			11																		
								5																		
								1																		
133	Francisco Jorge	67	Mestre das Vallas				1	20	1	18						1	20						1		1	
	Maria Ignacia	66																								
134	Manoel Carvalho	24	Sapateiro						2	30	Carpinteiro Trabalhador															
	Solteiro									20																

135	Viuva Brizida Joaquina	60		1	36	Barbeiro																					
136	João da Silva Solteiro	40	Sapateiro e Taberna																								
137	Viuva Anna Joaquina	45					4	19 13 8 3								1	11										
138	Joze Gonçalves Angelica Maria	60 62	Sapateiro				1	19																			
S 139	Manoel Caetano Maria da Assumpção	50 36	Tendeiro				2	16 6															1				
140	Manoel Ferreira Elena Barbara	70 50	Sapateiro									1	21														
141	João de Faria Solteiro	50	Moço do Monte									2	25 15	1	24								1				
142	João Ferreira Mialheiro D. Francisca Rita	57 52	Couteiro	1	31							1	12	1	20	1	42						1		1		
143	Manoel Jorge Roza Leviadia	31 34	Apontador das Valas	1	1		1	2				1	70												1		
144	Joze Gomes Viuvo	50	Sapateiro	3	23 20 17	Sapateiro Pedreiro	1	22	1	1		1	62														
145	Manoel da Costa Antonia Getrudes	55 53	Maritimo	1	28	Maritimo	3	23 20 17						1	60												
146	João Ferreira Mialheiro D. Getrudes Fortunata	44 34	Couteiro											1	40								1				
147	João Ferreira Anna Luiza	40 26	Alfaiate e Taberna						1	33	Campino														1		
148	Bernardo Leite	34	Com Loje de Bacalhaõ																								
149	Manoel Pinto	20	Com Loje de Bacalhaõ																								
150	Viuva Maria Eufrazia	40														1	11										

Nº dos Fogos	Nomes dos Cazaes	Idades	Officios	Filhos: Maxos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Pessoas de Caza: Maxos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Criados: Maxos	Idades	Femeas	Idades	Giados: Boys de trabalho	Boys Alfanos	Ovelhas	Cabras	Porcos	Cavalos	Mulos	Jumentos	Observaçoens.
151	Francisco Marques	53	Maritimo													1	10									
	Maria de S. Joze	25																								
152	Viuva																									
	Quiteria do Sacram.to	60																								
153	Joze Soares	35	Sapateiro	1	5		1	7																		
	Leocadia Maria	30																								
154	Solteira											1	22													
	Antonia Ritta	26																								
T	Joaquim Ferreira	49					3	12, 10, 7																		
155	Candida Roza	41																								
156	Pedro Verburguem	53	Falcoeiro official.	2	18, 14	Estudantes	2	20, 18								1	18									
	Elena Caetana	56																								
157	Viuva			1	18	Trabalhador																				
	Marianna Joaquina	40																								
158	Silvestre Antunes	46	Trabalhador	1	12																					
	Maria Thereza	40																								
159	Viuva			3	28, 24, 16	Simjaleiros												4							1	
	Thereza Maria	60																								
160	Jacob. Francisco	60	Mestre da Falcoaria	1	30, 22, 16, 12	Ajudante Falcoeiro. Estudante	1	15						1	24	2	24, 30							1		
	Jozefa Luiza	54																								
161	Solteira								2	50, 17	Maritimo Carpinteiro	1	10													
	Maria Ritta	47																								
162	Romaõ Carvalho	40	Trabalhador	1	7																				1	
	Maria Victoria	30																								
163	Domingos Antonio	40	Maritimo	1	2		3	14, 10, 7						1	18										1	
	Margarida Luiza	32																								
164	Viuva						1	30																		
	Joana Maria	60																								

165	Joze Dias	43	Prioste	3	14 13 11		2	15 8						1	50	1	43					1	1		1	
	D. Anna Roza	47																								
V 166	Manoel Henriques	56	Carpinteiro	2	24 23	Carpinteiros	2	17 15				1	12													
	Francisca Thereza	50																								
167	Antonio de Souza	56	Campino	4	26 24 12 7	Campinos	1	14																		
	Anna Angelica	48																								
168	Joze Ferreira	36	Maritimo	1	8		1	15																		
	Joanna Maria	40																								
169	Luis Joze	60	Sapateiro	1	24	Sapateiro	1	30																1		
	Roza Joaquina	58																								
170	Manoel de Bastos	34	Sapateiro	1	1																					
	Thereza Ignacia	32																								
171	Manoel Damazo	26	Empraza dor				2	3 1				1	67										1		1	
	Joaquina Dorothea	26																								
172	Pedro dos Reys	69	Campino	1	19	Trabalhador	3	18 10 9																		
	Maria Ignacia	49																								
173	Joze Gonçalves	37	Trabalhador	2	8 4		1	1	1	60	Maritimo															
	Vrsula Maria	31																								
174	Fernando da Milha	43	Senjaleiro	1	1		1	2									2									
	Maria do Rozario	20																								
175	OD.or Antonio Fernandes	50	Vive dos seus bens	2	19 14	Com Ordens	2	16 11						1	20									1		
	D. Barbara Joaquina	54				Estudante																				
176	Joze Goncalves	26					1	1															1			
	Arcangela Maria	18																								
177	Manoel Vicente	31	Negociante	1	3																					
	Anna Joaquina	21																								
178	Antonio Monteiro	40	Forneiro	1	15	Campino	2	9 2	1	40	Campino			1	22										2	
	Anna Joaquina	38																								
179	Viuva			5	30 22 15 13 11	Moco de M.e Trabalhador Sapateiro	2	24 20																	1	
	Ignacia Maria	60																								
180	Manoel Rodrigues	32	Alfaiate	3	12 5 4	Alfayate	3	18 9 7	1	32		1	60									1				
	Thereza Joaquina	37																								
181	Joze Carvalho	48		5	26 18 12 8 8	Barbeiro Pedreiros	2	20 16																		
	Arcangela Maria	40																								

Nº dos Fogos	Nomes dos Cazaes	Idades.	Officios	Filhos					Pessoas de Caza					Criados				Gados							Observaçoens
				Maxos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Maxos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Maxos	Idades	Femeas	Idades	Boys de Trabalho	Boys Alfeires	Ovelhas	Cabras	Porcos	Cavalos	Mulos	Jumentos	
182	Lourenço Rodrigues Quiteria Maria	50 34	Trabalhador	1	5		1	3														1			1	
183	Antonio Fernandes Maria Joaquina	40 32	Moleiro de Magos	1	18		1	7										2						3	1	
184	Viuva Maria Luiza	60					2	23 18																	1	
185	Joze da Cunha Euzebia Maria	50 55	Serralheiro						2	20 19	Aprendis															
186	Vivua Thereza Caetana	82		1	46	Lavrador	1	50								1	60	25	7				22		2	
187	Antonio Lucas Maria Jgnacia	58 40	Tendeiro																							
188	Franciaco Ferreira Anna Joaquina	42 45	Trabalhador	2	18 2	Trabalhador	2	15 12	1	70	Trabalhador														1	
189	Viuva Maria Pereira	55		1	16	Servindo																				
190	Antonio Gomes Quiteria Maria	42 48	Trabalhador						1	2		1	25													
191	Manoel da Fonceca Roza de Jezus	50 52	Marinheiro	2	20 12	Marinheiros	1	24	3	26 5 1	Campino															
192	Dizziderio Pinto Jgnacia Maria	59 60	Lavrador	2	35 25	Thezoureiro d'Frg.ª Lavrador			1	18	Xancristia							9	18				9		3	
193	Joze Pedro Angelica Maria	58 56	Professor de Ler e Escrever									1	8													
194	Viuva Guiomar d'Conceiçaõ	70					1	19	1	32	Campino															
X 195	Alexandre Maduado Maria Victoria	59 29	Trabalhador				3	8 7 2																		
196	Verissimo Henrnques Solteiro	46	Pedreiro																							

197	Viuva..... Francisca Jacinta	55		1	28	Lavrador	2	32 30						1	17	1	30	30	4				20		2	
198	OP.e Joaõ Rodrigues de Figueredo e Sam.to Payo.	64	Capellaõ da Capella Real.											1	34											
199	Viuva..... D.a Ritta Leonor d'Fon.ca	46		3	26 19 12	Lavradores. Estudante	1	14				1	34	1	15	1	33	24	80				56		1	
200	Viuva Silveria da Asumpçaõ	46		2	22 10	Pastor.	2	20 16				2	70 50													
201	Estevaõ da Silva.... Antonia Joaquina	70 60	Lavrador	1	30	Lavrador	1	32	2	2 1		1	29	2	26 12	1	34	34	35				24		2	
202	Viuva..... Marianna Victoria	42		1	9		2	16 12	1	28	Ajudante Falcoeiro	1	8	1	16	1	17					2	1			
203	Manoel Carvalho Maria Leonor....	28 21	Moço do Monte													1	16						1			
204	Antonio Joze..... Anna Victoria....	39 31	Ferreiro e Serralheiro				1	13																		
205	Manoel Nunes... Maria de Jezus....	39 35	Padeiro	2	35 1																					
206	Francisco Rodrigues Maria de S.ta Anna	48 30	Trabalhador	2	14 12	Servindo	1	10																	1	
207	Joze Antonio..... Roza Joaquina...	36 36	Sapateiro	2	13 11		2	18 8																		
208	Narcizo da Cruz... Joaquina de S.ta Anna	60 38	Negociante	2	30 8		3	10 3 1																	1	
209	Lucio Teixeira..... Luiza Marcelina	58 47	Trabalhador	1	23	Trabalhador	2	21 9																	1	
210	Joze Antonio..... Ritta Constancia	45 44	Tendeiro	2	13 9		3	16 14 7																		
211	Joze de Barros... Maria Thereza...	52 60	Tendeiro																							
212	Amaro da Silva... Antonia Marcelina	66 60	Pastor																						1	

Nº dos Fogos	Nomes dos Cazaes	Idades.	Officios	Filhos. Maxos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Pessoas de Caza Maxos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Criados Maxos	Idades	Femeas	Idades	Gados Boys de Trabalho	Boys Alqueiros	Vaccas	Cabras	Porcas	Cavallos	Mulos.	Jumentos	Observaçoens
213	Fernando de Souza	54	Ferrador	2	13																					
	Cezilia Ritta	40			7																					
214	Francisco Pedro	46	Couteiro				2	19				1	60			2	14						1			
	DMaria do Carmo	42						17									16									
215	Joze dos Santos	25	Almoxarife dos Paços de Salvaterra						1	8						1	27						1		1	
	Solteiro																									
216	João de Mattos	48	Trabalhador	1	8		2	16																		
	Jeronima Roza	49						14																		
217	Duarte Carreira	49	Trabalhador	2	7		1	4																		
	Maria Joaquina	25			2																					
218	Francisco Goncalves	36	Contratador de Vinhos						1	60	Feitor de D Antao de Almada.			1	14	1	18	61	22	300			49		1	
	Joanna Maria	50																								
Z 219	Diogo Barreto	50	Couteiro e Escrivão da Almoxarifado de SAR	2	8		2	19				1	28	1	28	1	15						1			
	CatharinaTheodora	41			5			3																		
220	Viuva			2	20	Servindo	1	18																		
	Jeronima Gomes	52			6																					
221	Theodozio deOlivr.ª	40	Trabalhador	3	12																					
	Suzana Joaquina	35			8																					
					2																					
222	Manoel Coelho	50	Tendeiro																							
	Anna Joaquina	42																								
223	Viuva						1	36	1	30	Sapateiro	1	25	1	50										1	
	Cezillia Ignacia	50											2													
													1													
224	Manoel Elias	46	Abegão	3	18		2	16																	1	
	Anna Joaquina	36			8			15																		
					6																					
225	Alexandre Joze	36	Campino	1	3		1	17	1	103		1	60													
	Marianna Victoria	20																								
226	Simplicio Joze	26	Barbeiro	1	1							1	46													
	MariannaThereza	20																								

227	Manoel Dias Maria de Jezus	60 45	Carpinteiro																									
228	Alexandre Damaze Maria Joaquina	57 57	Empraza dor	3	24 22 12	Empraza dores Estudante	1	16								1	40											
229	Simaõ Joze Jozefa Margarida	49 49	Pedreiro	2	14 6	Pedreiro	2	16 7																				
230	Vitorino de Souza Maria Barbara	38 30	Empraza dor	2	6 2		3	11 8 3						1	9	1	20	6				5						
231	Felipe Gomes Anna Quiteria	48 34	Meyrinho do Almoxarifado d'SAR.	3	17 7 5		5	14 13 10 8 5						1	13							2		1				
232	Joaquim de Souza Viuvo	40	Empraza dor				2	10 8	1	11						1	60	8				1						
233	Marcos Gomes	45	Estalajadeiro													1	68											
234	Jgnacio Joze Luiza Jgnacia	45 50	Pedreiro	5	30 22 20 13 11	Pedreiros	1	24																				
235	Joze da Silva Izabel Antonia	40 30	Trabalhador	1	16	Trabalhador	2	10 8																				
236	Jgnacio Rodrigues Maria Antonia	60 58	Trabalhador	2	19 17	Trabalhadores.						1	7						30					1				
237	Antonio Gomes Getrudes Maria	40 30	Trabalhador	1	6																							
238	Francisco de Freitas Viuvo	70	Campino				1	25	1	30	Campino																	
239	Anastacio Antonio Izabel de Castro	25 20	Trabalhador																									
240	Viuva Jozefa Antonia	50					3	17 11 4																				
241	Viuva Antonia Maria	60		1	30	Trabalhador																						
242	Viuva Caetana Joaquina	68		1	14	Trabalhador						1	14															
243	Manoel da Costa Maria Joaquina	42 40	Trabalhador						2	20 15	Trabalhadores	1	7															

Nº dos Fogos	Nomes dos Cazaes	Idades	Officios	Filhos					Pessoas de Caza					Criados				Gados							Observaçoens
				Mayos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Mayos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Mayos	Idades	Femeas	Idades	Boys de Trabalho	Boys Mayores	Ovelhas	Cabras	Porcos	Cavalos	Mulas	Jumentos	
244	Francisco da Silva	40	Campino	2	12	Trabalhadores	1	16																		
	Luiza Maria	40			10																					
245	Antonio Joze	40	Ortelaõ	2	8																					
	Claudina Roza	26			2																					
246	Miguel Francisco	40	Campino	2	5		1	1	1	7																
	Anna Ritta	25			3																					
247	Manoel Joze	58	Tendeiro				1	19	3	30	Tendeiro			1	60	1	10						1			
	Roza Izabel	60								6																
										1																
248	Pedro da Costa	50	Tendeiro											1	62										1	
	Anna Maria	40																								
249	Antonio Gomes	46	Trabalhador				1	9	1	1												1				
	Francisca Felipa	40																								
250	Antonio Joze	68	Destribuidor				2	28								1	14									
	Viuvo							20																		
251	Alberto Joze	40	Com loje de Mercearia	2	9																					
	Clara Maria	32			7																					
252	Antonio Fernandes	65	Moco do monte																							
	Joaquina Roza	55																								
253	Joze Duarte	48	Trabalhador	3	19	Servindo	3	21																		
	Bona Roza	47			17			11																		
					14			6																		
254	Joze Elias	60	Empraza dor				2	20												-						
	Maria Joaquina	55						19																		
255	Duarte Gomes	36	Sapateiro																							
	Solteiro																									
256	Francisco Joze	50	Com loje de bebidas	1	18	Caxeiro																			1	
	Anastacia Roza	42																								
257	Francisco Joze	45	Moco do monte e Boticario	5	22	Boticario Ordenha menores	2	18															1			
	Silveria Joaquina	40			21			6																		
					13																					
					7																					
258	Manoel Ferreira	25	Sangrador											1	10											
	Maria Getrudes	35																								

259	Joze Antonio Raymunda Cezillia	40 40	Tendeiro													1	30	1	20	2						1			
260	Guilherme de Carv.o Maria de Jezus	40 36	Trabalhador e com taberna	4	12 10 9 3			1	7																				
261	Viuva Corolina Barbara	 30		1	10																								
262	Miguel Francisco Joanna Maria	72 66	Merrinho das Coutadas																							1			
263	Joze da Costa Cezillia Maria	42 33	Trabalhador	2	6 1			1	3																	1			
264	Francisco Luis Maria Perpetua	41 33	Sapateiro	1	9			3	4 3 1																				
265	Joze Thomas Joaquina Roza	26 25	Trabalhador					1	7																				
266	Viuva Caetana Antonia	 71		1	25	Trabalhador		2	40 33																				
267	Bernardo Teixeira Viuvo	38	Sapateiro	3	7 3 1					2	72 30	Trabalhadores		1	36														
268	Francisco da Costa Francisca Thereza	33 40	Trabalhador																										
K 269	Bras Martins Mariandia Thereza	68 60	Trabalhador					1	46																	1			
270	Anacleto Carvalho Solteiro	28	Barbeiro																										
271	Francisco Barreiras Antonia Ritta	61 40	Com loje de Capelista	1	14			4	22 3 3					1	2									1		1			
272	OP.e Antonio Alves de Mattos	35	Vigario da Freguezia													1	16	1	70										
273	Solteira Eufrazia Ritta	 25																											
274	Miguel Jordão Geneveva Maria	38 40	Tendeiro e taberna					2	7 1																				

Nº dos Fogos	Nomes dos Cazaes.	Idades.	Officios	Filhos					Pessoas de Caza					Criados				Gados								Observaçoens.
				Maxos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Maxos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Maxos	Idades	Femeas	Idades	Boys de trabalho	Boys Alfeires	Ovelhas	Cabras	Porcos	Cavalos	Mulos	Jumentos	
275	Joaõ Rodrigues	40	Sapateiro	2	14				2	65	Sapateiro															
	Maria Cezillia	34			7					9																
276	Manoel Dixes	36	Senjateiro				1	1										2								
	Anna Ritta	20																								
277	Joze Antonio	48	Tendeiro	2	12		1	6						1	18										1	
	Joanna Roza	45			8																					
278	Antonio da Fonceca	74	Almoxarife e Couteiro	1	40	Capitam mor e Lavrador			2	17	Estudantes	5	22	2	34	2	34	60	65				4		7	
	Viuvo									15			20		28		30									
279	Manoel Joze	60	Alfayate																							
	Jozefa Joaquina	48																								
280	Manoel Rodrigues	79		1	14		2	21																		
	Vivvo							16																		
281	Joze Soares	46	Guardador	1	9		3	16																		
	Roza Maria	41						12																		
								6																		
282	Antonio Goncalves	31	Padeiro	1	1																					
	Antonia Feleciana	28																								
283	Viuva																									
	Anna Maria	50																								
AA 284	Joze Damazo	71	Empraza dor	2	27	Empraza dores	1	20						1	30	2	70						1	1		
	Bona Luiza	50			26												13									
285	Viuva						2	21																		
	Arcangela Maria	50						15																		
286	Joze Manoel	28	Empraza dor				2	4				1	60			1	18						1			
	Constantina Perpetua	22						2																		
287	Viuva						2	44																		
	Maria Thereza	70						35																		
288	Joaquim de Oliveira	40	Trabalhador	2	5																					
	Anna Ritta	50			3																					

289	Justino Gomes Anna Justina	44 33	Sangrador																										
290	Manoel Joaquim Felecianna Joaquina	32 30	Pedreiro											2	71 30														
291	Viuva Maria Joaquina	44					1	23																					
292	Antonio Alves Caetana Maria	60 66	Moço do monte	3	18 36 30	Lavrador Ferrador Sapateiro	2	30 24										8	4			5							
293	Manoel Nogueira Anna Getrudes	48 38	Cerurgião	1	8		1	8				1	60			1	16												
294	Manoel Coelho Viuvo	60	Trabalhador	1	16	Estudante																							
295	Viuva Maria Magdalena	76					1	40								1	12												
296	OP.e Estevão Gomes.		Capellão da Misericordia																										
297	Viuva Anna Thereza	70		2	40 38	Lavradores.	1	33										15	18			5							
298	Vicente da Costa Maria Getrudes	60 35	Trabalhador	2	14 5		2	12 3																					
299	Manoel Ferreira Anna Joaquina	60 50	Trabalhador																								1		
300	Pedro Simoes Maria da Conceiçaõ	35 31	Campino				1	1	2	28 1	Campino	1	21																
301	Joze Cordeiro Barbara d'Conceiçaõ	60 54	Moleiro				2	23 18																			1		
302	Francisco Damazo Solteiro	28	Emprasador									1	60														1		
303	Joze Carvalho Luiza Maria	40 31	Aprendis da Ferreira	3	5 3 1																								
304	Joaquim Costodio Maria Victoria	40 35	Alfayate	1	5		2	10 4																					
305	Viuva Jonacia Maria	40		2	8 5																								

Nº dos Fogos.	Nomes dos Cazaes.	Idades.	Officios.	Filhos					Pessoas de Caza					Criados				Gados								Observaçoens:
				Maxos.	Idades.	Officios.	Femeas.	Idades.	Maxos.	Idades.	Officios.	Femeas.	Idades.	Maxos.	Idades.	Femeas.	Idades.	Boys de Trabalho.	Boys. Alfeiros.	Ovelhas.	Cabras.	Porcos.	Cavalos.	Mulos.	Jumentos.	
306	Antonio Joze Maria Jozefa	36 33	Trabalhador						1	8																
307	Viuva Feleciana Maria	 60																								
308	Viuva Roza Maria	 64																								
309	Manoel da Roza Maria Roza	32 23	Trabalhador																							
310	Joze Machado Luzia Barbara	40 38	Trabalhador	1	1																					
311	Viuva Narciza Roza	 44										1	8													
312	Silvestre Gomes Maria Antonia	56 50	Trabalhador	1	30	Trabalhador																				
313	Felis Gomes Maria da Conceiçáo	45 34	Campino	2	6 5		2	3 10	1	1										30						
314	Joaquim Luis Solteiro	44	Trabalhador									2	62 34													
315	Manoel de Souza Solteiro	34	Trabalhador																						1	
316	Viúva Euzebia Maria	 70																								
317	Joze Pereira Felicia de Jezus	60 58	Trabalhador				1	24																		
318	Viuva Joaquina Thereza	 50		2	19 16	Senjaleiro Trabalhador												2								
319	Viuva Antonia Maria	 60		1	16	Servindo	1	17																		

| | | |

N.º dos Fogos	Nomes dos Cazaes	Idades	Officios	Filhos: Mazos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Pessoas de Caza: Mazos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Criados: Mazos	Idades	Femeas	Idades	Gados: Boys de Trabalho	Boys Alleiros	Ovelhas	Cabras	Porcos	Cavalos	Mulos	Jumentos	Observacoens.
337	Manoel Joze	50	Forneiro																							
	Maria de S. Joze	30																								
338	Manoel Pereira	39	Campino	1	11																					
	Marcelina Jgnacia	37																								
339	Vicente da Silva	38	Trabalhador	1	4		3	12, 13, 1																	1	
	Maria Pessoa	28																								
340	Andre Martins	50	Moleiro						3	70, 30, 22 o	Moleiros															
	Joaquina Maria	40																								
341	Francisco Alberto	42	Trabalhador	1	7																				1	
	Viuvo																									
342	Antonio da Motta	45	Trabalhador	3	20, 17, 12	Servindo	1	15																	1	
	Julia Maria	44																								
343	Joze da Silva	41	Trabalhador	2	14, 10	Trabalhadores	1	12																		
	Maria Thomazia	41																								
344	Viuva			1	23	Escrivaõ do Judicial e Mestre das Valas								1	10												
	Angelica Ritta	54																								
345	Costodio Ribeiro	76	Trabalhador	1	23	Trabalhador																			1	
	Antonia Cezilia	55																								
346	Francisco de Freitas	50	Trabalhador						1	22	Trabalhador	1	21													
	Maria Vaqueira	40																								
347	Joze Felipe	46	Offecial de Falcoaria	1	22	Com Ordens de Epistola e Mestre de Meninos	3	17, 14, 3								1	12									
	Jzabel Victoria	43																								
348	Manoel Ferreira	34	Lobeiro	1	10		1	12															1			
	Roza Maria	33																								
CC 349	Antonio Dias	50	Trabalhador																						1	
	Vivvo																									
350	Leonardo da Silva	49	Trabalhador																							
	Viuvo																									

351	Felicio Mendes Ambolina Roza	40 38	Trabalha dor	1	10		1	11																							
352	Joze da Silva Jacinta da Asumpçaõ	30 20	Trabalha dor	1	1																										
353	Domingos Angelo Marcelina Ferreira	39 30	Trabalha dor	2	5 2																										
354	Viuva Mariana Joaquina	40		2	17. 15.	Trabalha dor Servindo	1	18																							
355	Viuva Geneveva Maria	50		2	29 12	Trabalha dores									2	20 6															
356	Francisco Bernardes Anna da Silva	38 39	Trabalha dor	1	1				1	22	Trabalha dor	1	4																		
357	Francisco da Costa Anna Maria	48 50	Maritima	1	8		2	18 9																							
358	Manoel Thome Solteiro	30	Trabalha dor																												
359	Solteira Barbara Joaquina	40																													
360	Manoel Soares Marianna Ignacia	26 22	Trabalha dor				2	6 1																						1	
361	Viuva Margarida Antonia	37					1	4																							
362	Manoel Pacheco Quiteria dos Santos	40 34	Trabalha dor	4	16. 11. 7 2	Campino Servindo	2	12 4				1	2																		
DD 363	Joaquim de Souza Ignacia Maria	38 30	Sinjaleiro	1	5		1	1											2												
364	Joze de Freitas Maria Joaquina	39 36	Egoariço	3	18 15 9	Campinos	2	12 6																							
365	Joze Pereira Joanna da Conceiçaõ	24 24	Trabalha dor				1	2																							
366	Antonio de Souza Maria Roza	45 25	Trabalha dor	1	6		2	3 1																						1	
367	Costodio da Silva Thereza Ferreira	31 45	Trabalha dor																												

N.° dos Fogos	Nomes dos Cazaes.	Idades.	Officios	Filhos					Pessoas de Caza					Criados				Gados							Observaçoens.
				Maxos	Idades	Officios.	Femeas	Idades	Maxos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Maxos	Idades	Femeas	Idades	Boys de Trabalho	Boys Alficios	Ovelhas	Cabras	Porcos	Cavallos	Mulos	Jumentos	
368	Manoel Ferreira Matilde Luiza	50 40	Trabalhador	1	12	Trabalhador																			1	
369	Joze Matheus Solteiro	20	Trabalhador						1	16	Trabalhador															
370	Lino Ferreira Theodozia Maria	46 45	Pastor	1	11		1	18				1	90													
371	Manoel Joaõ Maria de Souza	40 38	Trabalhador	2	10 7		2	16 1																	1	
372	Manoel Francisco Viuvo	67	Medico	1	30	Cura da Freguezia	3	12 9 6				1	60	2	31 30						60				2	
373	Henrique Vaimans D. Anna Jozefa	44 40	Official de Falcoeiro						1	22	Ajudante da Falcoaria			1	30	1	20								1	
374	Joze Paulo Leonarda Silveira	40 30		2	6 3																					
375	Joze Francisco Maria Jozefa	54 50	Trabalhador	2	24 12	Trabalhadores	2	10 8																	1	
376	Joaquim de Souza Anna Victoria	24 20	Trabalhador	1	1				4	60 25 18 16	Trabalhadores														1	
377	Manoel da Costa Roza Luiza	40 35	Lobeiro	3	8 6 3							1	80										1			
378	Christovaõ Mrz Solteiro	60	Trabalhador						1	70	Trabalhador	1	55													
379	Joao Lourenco Joaquina Victoria	35 35	Trabalhador	1	1																			1		
380	Theodozio Ferreira Anna Luiza	36 18	Lobeiro						1	6		2	18 4												1	
381	Francisco da Silva Anna Jonacia	60 55	Trabalhador				1	20																		

382	Joze Nogueira Maria do Carmo	26 30	Sapateiro	1	1				2	15 14	Aprendizes.															1			
383	Pedro Gomes Solteiro	44	Trabalhador																										
384	Bernardo Fertuoso Solteiro	30	Trabalhador																										
EE 385	Joaquim da Silva Viuvo	44	Trabalhador	1	8								2	60 24															
386	Joze Nobre Quiteria Maria	50 54	Senjaleiro	3	27 23 10	Trabalhador Sapateiro		2	6 1																	1			
387	Antonio Rodrigues Simpliciana Joaquina	24 26	Maritimo																										
388	João Ferreira Maria das Candeas	48 30	Campino	1	10			2	16 8														1						
389	Francisco Rodrigues Silveria da Silva	30 24	Campino	1	3																								
390	David Lopes Ritta Joaquina	50 38	Lobeiro	3	18 10 9			2	6 6																				
391	Dionizio da Silva Maria de S.ta Anna	30 39	Campino	1	1																								
392	Jacinto Vieira Joanna Roza	40 50	Guardador																										
393	Viuva Agostinha de S. Joze	40																											
394	Lourenço Joze Maria de Mattos	40 30	Campino																							2			
395	Pedro Gomes Lodobina Thereza	46 44	Trabalhador	1	20	Pastor		3	14 13 12																				
396	Duarte Joze Viuvo	40	Carpinteiro	1	12																								
397	Joze Ribeiro Antonia Joaquina	60 50	Abegão	1	10			4	19 17 13 12						1	12													
398	Joze Mendes Maria Elena	50 50	Official de Faiscaria.												1	20	1	24							1				

N.º dos Fogos	Nomes dos Cazaes.	Idades.	Officios	Filhos					Pessoas de Caza					Criados.				Gados.							Observaçoens.
				Maxos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Maxos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Maxos	Idades	Femeas	Idades	Boys de Trabalho	Boys Alfeimas	Ovelhas	Cabras	Porcos	Cavalos	Mulos	Jumentos	
399	Joaquim Conde	30	Trabalhador																	1					2	
	Solteiro																									
400	Joze da Costa	36	Sapateiro	2	5		1	10	1	16	Aprendiz															
	Margarida Joaquina	36			1																					
401	Manoel Thomas	40	Trabalhador	1	11		2	15																	1	
	Joanna Antonia	36						10																		
402	Antonio Linno	27	Trabalhador				1	1														1			1	
	Joanna Perpetua	21																								
403	Viuva			2	26	Barbeiro	2	18						1	24										2	
	Anna Maria	48			12			11																		
404	Joze Pedro	70	Viue dos seus bens						1	25	Capelão das Almas	2	66	1	20	1	23								1	
	Solteiro												26													
405	Joaquim Carvalho	30	Moleiro	1	6																					
	Viuvo																									
406	Antonio Rebello	30	Carpinteiro.	1	1											1	9									
	Joanna Maria	20																								
407	Viuva			3	18	Servindo	1	12																		
	Antonia Joaquina	50			16																					
					14																					
408	Manoel Ignocencio	30	Campino	1	1		2	9																		
	Jacinta Roza	26						5																		
FF 409	Henrique Verhecuen	55	Mestre de Falcoaria	1	20	Ajudante d'Falcoaria	4	28 25 13 12				1	47	1	24	1	18					1	1			
	Viuvo																									
410	Viuva			1	6		5	13 11 9 7																		
	Anna Maria	31																								
411	Francisco Berkero	40	Ajudante da Falcoaria																							
	Solteiro																									
GG 412	Antonio da Costa	36	Trabalhador																							
	Angela Maria	30																								

413	Solteira Maria Jozefa	 50																								
414	Joze de Mello Solteiro	35	Lavrador														1	56	38	4			24			
415	Bernardo Cainão Victoria Maria	44 30	Pastor	1	3																					
416	Manoel Lopes Roza Thereza	40 50	Sapateiro						1	16	Aprendis															
417	Viuva Izabel Lopes	 86																								
418	Francisco Lopes Joanna Roza	36 34	Sinjaleiro	4	13 8 8 2		1	1										2								
419	Joze Rodrigues Maria Thereza	48 25	Campino	4	18 16 14 8		1	3																3		
420	Miguel Joze Solteiro	40	Ortelam						1	41	Ortelam															
421	Joaõ Goncalves Izabel Victoria	32 20	Trabalhador	2	8 2																					
422	Viuva D. Anna Victoria	 45		2	19 17	Almoxarife da Ribeira de Lx.a Estudante									1	19	1	10						1		
423	Viuva Theodora Ignacia	 60		2	20 1	Campino			2	22 21	Campinos	1	18													
424	Francisco de Souza Antonia Ritta	23 25	Campino																							
HH 425	Manoel Henriques Solteiro	40	Porteiro da Villa																							
426	Luis Joze Maria da Asumpcão	24 23	Sapateiro						1	16	Aprendis															
427	Manoel Domingues Izabel Maria	40 30	Trabalhador	1	3		1	1																		
428	Joze dos Santos Leocadia Ritta	30 23	Trabalhador	1	3		1	1																		
429	Viuva Margarida Antonia	 40					4	22 18 18 18																		

N.º dos Fogos	Nomes dos Cazaes.	Idades.	Officios	Filhos					Pessoas de Caza					Criados				Gados.								Observacoens.
				Mayos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Mayos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Mayos	Idades	Femeas	Idades	Bois de Trabalho	Bois Alleiros	Ovelhas	Cabras	Porcos	Cavalos	Muros	Jumentos	
430	Solteira								2	19 17	Lavradores	4	32 28 16 11					12	7				4			
	Marianna da Silva	22																								
431	Viuva			1	21	Trabalhador																			1	
	Maria Thereza	40																								
432	Jacinto da Costa	63	Canteiro																							
	Viuvo																									
433	Joaõ Antonio	25	Sapateiro				1	1	2	60 13	Sapateiro Aprendis	1	50													
	Anna Roza	19																								
434	Alexandre da Gloria	50	Campino	3	15 7 6	Servindo	2	16 8																		
	Felisberta Maria	40																								
435	Bazilio da Costa	32	Alfayate						5	35 20 18 17 12	Alfaiates Aprendizes															
	Getrudes Maria	28																								
436	Domingos d'Costa	60	Tendeiro																							
	Solteiro																									
437	Domingos Fran.co	32	Forneiro				1	1						1	50										2	
	Joaquina Roza	24																								
438	Luis Gomes	36	Ortelam	2	9 2																					
	Joaquina Roza	28																								
II 439	Viuva						1	30																		
	Joanna Thereza	56																								
440	Leonardo Joze	60	Entalhador																							
	Viuvo																									
441	Joze Lopes	26	Empraza dor.	2	4 1																		1			
	Maria do Castello	27																								
II 442	Florencio da Crus	40	Trabalhador				1	8	1	25	Trabalhador															
	Roza Maria	21																								
443	Clemente Rodrigues	40	Campino	1	5		1	9																		
	Eufrazia Maria	38																								

444	Viuva Clara Maria	50		1	20	Trabalhador																				1			
445	Viuva Roza Maria	46																											
446	Viuva D Mariana Roquete	36		3	36 28 27	Lavradeira.			3	5p 4 2	Lavrador	1	24	3	43 27 22	2	57 15	70	132			73		4						
447	Francisco de Souza Solteiro	27	Trabalhador							/		3	29 7 4																
448	João de Oliveira Solteiro	30	Maritimo									3	60 50 7																
449	Manoel Joze Antonia Thereza	60 50	Pedreiro				1	20																					
450	Pedro de Almeida Leocadia Maria	60 40	Trabalhador																										
451	Antonio Marques Viuvo	60	Maritimo																										
452	Joze da Silva Maria Joaquina	50 30	Trabalhador	2	16 11	Trabalhadores.																				1			
453	Joaquim Joze Francisca Roza	46 24	Cesteiro	1	1																								
454	Joze Antonio Maria Roza	41 36	Sapateiro	2	15 12	Estudantes.	1	6															1		1				
455	Joze Joaquim Genevefa Thereza	49 39	Com Taberna.	1	15	Estudante.	2	17 7						1	22														
456	Francisco Ferreira Maria Ritta	52 40	Com Taberna.																										
457	Antonio de Freitas Silveria Maria	26 22	Trabalhador.	1	1																					1			
458	Manoel dos Reys Viuvo	62	Trabalhador																										
459	Manoel de Souza Viuvo	40	Trabalhador						1	26	Hospede																		
460	Solteira Luiza Francisca	30										1	15																

Nº dos Fogos	Nomes dos Cazaes.	Idades.	Officios	Filhos					Pessoas de Caza					Criados				Gados							Observaçoens.
				Maxos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Maxos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Maxos	Idades	Femeas	Idades	Bois de Trabalho	Bois Alficros	Ovelhas	Cabras	Porcos	Cavallos	Mulos	Jumentos	
461	Thome Dias Viuvo	60	Trabalhador.	1	11		1	6																		
462	Joze Dias Solteiro	50	Trabalhador																							
463	Jeronimo de Azevedo Solteiro	40	Cesteiro																							
464	Viuva Alexandrina Roza	30					1	14																		
465	Viuva Clara Joaquina	60																								
466	Joze Francisco Esperança Maria	34 24	Trabalhador	2	5 3		1	1	1	20	Trabalhador															
467	Pedro Ferreira Roza Maria	24 18	Trabalhador																							
468	Bento da Costa Margarida Roza	40 22	Trabalhador	1	1																				2	
469	Antonio Gomes Francisca Roza	40 30	Trabalhador	2	18 2	Trabalhador	1	10																		
470	Fortunato Ferreira Maria Felicia	35 20	Trabalhador	1	1																					
471	Francisco Nunes Theodora Maria	22 24	Trabalhador																							
472	Joze Pinto Anna Joaquina	50 24	Trabalhador	2	4 1																				1	
473	Manoel Rodrigues Maria Getrudes	30 22	Servindo	1	11		1	1														3			1	
474	Joaquim Soares Maria dos Prazeres	36 19	Trabalhador																						2	

475	Antonio Cordeiro Maria Martins	56 60	Lavrador	2	15 13			2	23 14	1	1		2	40 5	1	18			15		50	230	19		1	1				
476	Viuva Apelonia Maria	50		1	17	Servindo																							
477	Antonio Jorge Maria Jgnacia	46 40	Servindo					1	2														1			1			
478	Joze Alves Roza Joaquina	40 20	Sapateiro																										
479	Joze Carvalho Claudina Roza	40 22	Trabalhador										1	18															
480	Antonio Lopes Vicencia Maria	20 19	Carpinteiro																										
481	Manoel Joze Jozefa Maria	26 25	Trabalhador	1	1																								
482	Viuva Maria do Rozario	40		1	30	Trabalhador																							
483	Izidoro Francisco Jozefa Maria	26 23	Servindo	1	1					1	25																		
484	Manoel Duarte Maria de Souza	40 42	Trabalhador	1	8																		1			1			
485	Vivva Maria Martins	45						1	16														2			1			
486	Joze da Silva Roza Maria	26 26	Trabalhador					1	1														1						
487	João Rodrigues Thereza Maria	35 35	Trabalhador					2	13 4	3	50 24 23	Trabalhador Servindo											1						
488	Manoel Ferreira Ciprianna de Andr	36 30	Trabalhador	2	12 1	Trabalhador		1	5																				
489	Viuva Brizida Maria	42						1	22																	1			
490	Francisco Martins Quiteria Maria	25 20	Almocreve																				1			2			
491	Antonio de Souza Narciza Roza	25 20	Trabalhador																							1			

Nº dos Fogos	Nomes dos Cazaes.	Idades	Officios	Filhos					Pessoas de Caza					Criados				Gados						Observaçoens.
				Machos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Machos	Idades	Officios	Femeas	Idades	Machos	Idades	Femeas	Idades	Bois de Trabalho	Bois Alfeiros	Ovelhas	Cabras	Porcos	Cavalos	Mulos	Jumentos	
492	Francisco da Fonte	28	Trabalhador									1	12									2			1	
	Maria Costodia	24																								
493	Pedro de Oliveira	30	Trabalhador	1	5		1	16														1				
	Joanna Correa	40																								
494	Cristovaõ Goncalves	60	Servindo				1	7								1	18					1			1	
	Joaquina Roza	50																								
495	Viuva			1	30	Lavrador	1	20						3	30			25					7		1	
	Marcelina de Jezus	60													27											
															18											
496	Andre Rodrigues	70	Trabalhador				4	12																	1	
	Viuvo							11																		
								10																		
								9																		
497	Manoel Martins	40	Servindo	2	11	Servindo	3	8																	1	
	Margarida Roza	30			9			6																		
								1																		
498	Joaõ de Azevedo	37	Servindo	1	2																					
	Margarida Roza	30																								
499	Joaquim Pereira	32	Trabalhador	1	1																	1			1	
	Anna Roza	24																								
500	Joaõ Rodrigues	40	Trabalhador	1	10	Servindo	1	16														1			1	
	Viuvo																									
501	Joaquim Roiz	30	Servindo	1	3																					
	Margarida Thereza	30																								
502	Joaõ Baptista	36	Cerurgiaõ				3	9						1	16						60	4			3	
	Quiteria Maria	30						7																		
								3																		
503	Manoel Francisco	26	Trabalhador	4	12																	1			1	
	Joanna Ignacia	30			10																					
					7																					
					3																					
504	Manoel Lopes	30	Servindo	1	5																					
	Pascoa Maria	30																								
505	Joze Rodrigues	60	Trabalhador				1	12														1				
	Quiteria de Oliveira	40																								

506	Joze de Souza	46	Trabalhador																	7				1		
	Maria Roza	53																								
507	Verissimo Nunes	40	Servindo	1	1																2			1		
	Jacinta Maria	31																								
508	Solteira																									
	Angelica Margarida	40																								
509	Joaquim Ribeiro	50	Guarda-dor	3	8	Servindo														6	1			1		
	Narciza Maria	35			1																					
510	Joze Fernandes	30	Trabalhador				2	16												18						
	Maria Joaquina	24						2																		
511	Antonio Ferreira	50	Moleiro	1	5		1	8	1	40					2	25			2				3	2		
	Maria Jozefa	50														18										
512	Francisco Antonio	50	Moleiro	2	12	Servindo	1	6							1	60										
	Clara Jgnacia	40			7																					
513	Bernardo	52	Trabalhador																							
	Solteiro																									
514	Francisco Roiz	20	Do Campo										3	60												
	Solteiro													30												
														15												
515	Felippe Joze	56	Cazeiro do P.e Hypolito																							
	Roza Maria	40																								
515																			684	425	451	151	293	500	12	177	SOMAS TOTAES
A	B	C	D	E	F	G	H	J	L	M	N	O	P	Q	R	S	T									

Rezumo geral da Populaçáõ da Villa de Salvaterra de Magos. emais Lugares pertencentes a Freguezia de S. Paulo, e explicaçáõ das ſommas aſima pelas Columnas. respectivas.

Na columna A. ſe mostra o numero dos Fogos que ha nesta Freguezia que ſaõ ..... 515.

Oque tambem ſe mostra pello Mappa Topografico da mesma Villa. anexo.

Na columna B. ſe mostra on.° das peſſoas Cabeças de Cazal e donos das Cazas que ſaõ 515

Estes ſe devidem em 121. Homens e 141 Molheres que ſe reduzem a 862

Cazados	347	Solteiros	39
Viuvos	51	Solteiras	12
Viuvas	82	Clerigos	3
		Frade	1

Na Columna E ſemostra on.° dos Filhos que ha destes Cazaes que ſaõ 480
Na Columna H ſemostra on.° das Filhas que ha destes Cazaes que ſaõ 413
Na Columna L ſemostra on.° de peſſoas mascolinas aſistentes nas mesmas Cazas que ſaõ 134
Na Columna O ſemostra on.° das peſſoas Femeninas aſistentes nas mesmas Cazas que ſaõ 124
Na Columna Q ſemostra on.° dos Criados que ſervem as mesmas Cazas que ſaõ 64
Na Columna S ſemostra on.° das Criadas que ſervem as mesmas Cazas que ſaõ 66

Aſoma total das peſſoas deambos os ſexos ſaõ 2143

Aſaber { Homens ..... 1100 / Molheres 1043

Nas Columnas CFIMRPT ſemostra as Idades deambos os ſexos que ſe reduzem aos Annos ſeguintes.

Homens		Molheres	
De 1 athe	10 283	De 1 athe	10 227
De 10 a	20 220	De 10 a	20 245
De 20 a	30 179	De 20 a	30 180
De 30 a	40 168	De 30 a	40 157
De 40 a	50 143	De 40 a	50 119
De 50 a	60 70	De 50 a	60 76
De 60 a	70 28	De 60 a	70 27
De 70 a	80 7	De 70 a	80 7
De 80 a	90 1	De 80 a	90 3
De 90 a	100	De 90 a	100 2
De 100 a	110 1	De 100 a	110 .....
SOMAS	1100	SOMAS	1043

Nas Columnas DGN ſemostraõ os Officios decada hum emparticular- que ſaõ os ſeguintes.

Clerigos	2	Lavradores	25
Eſtudantes	27	Pintores	1
Almoxariſes	3	Entalhadores	1
Ofeciaes de Coutª	41	Carpinteiros	14
Ofeciaes de Justª	10	Pedreiros	20
Medicos	1	Barbeiros	11
Serurgião	2	Alfaiates	13
Boticario	1	Sapateiros	37
Meſtre de Meninos	3	Ferreiros	2
Falcoeiros	15	Ferradores	2
Negociantes	5	Maritimos	23
Marxantes	2	Trabalhadores	205
Lojes de Venda	37	Criados de Servir	162

Nas mais Columnas ſemostraõ on.° dos Gados que cada hum tem emparticular, que aotodo ſaõ.

Boys de trabalho	684
Boys Alfeiros	423
Ovelhas	431
Cabras	151
Porcos	293
Cavallos	500
Mulos	12
Jumentos	177

No Anno de- 1788 { Peſſoas que naſeraõ deambos os ſexos ..... 103 / Peſſoas que Cazaraõ deambos os ſexos ..... 30 / Meninos que morreraõ deambos os ſexos ..... 40 / Adultos que morreraõ deambos os ſexos 48